

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS –
NÍVEL MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS

CARLA DA CONCEIÇÃO MORES GASTALDIN

UMA UNIVERSIDADE EM FUND(AÇÃO): as contribuições da psicanálise para a análise
do discurso institucional da UNILA

FOZ DO IGUAÇU – PR

2018

CARLA DA CONCEIÇÃO MORES GASTALDIN

UMA UNIVERSIDADE EM FUND(AÇÃO): as contribuições da psicanálise para uma
análise do discurso institucional

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Foz do Iguaçu, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Orientador: Prof. Dr. Ivo José Dittrich.

FOZ DO IGUAÇU – PR

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Gastaldin, Carla da Conceição Mores
Uma universidade em fund(ação) : as contribuições da psicanálise para a análise do discurso institucional da UNILA / Carla da Conceição Mores Gastaldin; orientador(a), Ivo José Dittrich, 2018.
181 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu, Centro de Educação, Letras e Saúde, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2018.

1. Integração. 2. Instituição. 3. Análise do Discurso. 4. Psicanálise. I. Dittrich, Ivo José .
II. Título.

Esta dissertação é dedicada a Bernardo e Fernando, meus filhos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Rafa, que sempre permaneceu ao meu lado ao longo de todos esses anos, que dedica seu amor a mim e aos meninos e é o melhor homem que eu conheço. À minha mãe, por ter sido a linhagem familiar através da qual eu aprendi o valor do letramento e que sempre me ensinou que podemos estar à altura daquilo que desejamos estudar. Aos meus filhos, Bernardo e Fernando, por quem eu daria minha vida e que me fazem aprender o sentido do amor, eles são, sem dúvida nenhuma, o primeiro lugar.

À Regiane Tonatto, por todas as vezes que me ouviu, que me mostrou o quanto posso ser valiosa e que é, sem dúvida nenhuma, como uma irmã para mim. Às minhas grandes amigas, Franciele Merlo - que me deu a notícia da aprovação - e Juliana Shimabuku, por existirem na minha vida e por dividirem comigo uma grande amizade. À minha amiga Claudia Lacerda, que me incentivou a entrar no mestrado e me avisou do processo seletivo.

Aos meus entrevistados, colegas de trabalho e de jornada, que vivenciaram e dividiram comigo as angústias e alegrias de trilhar esse lindo caminho chamado 'UNILA'. Sem suas palavras esse trabalho não teria vida e nem razão de ser.

Ao meu orientador, Ivo José Diettrich, por ter me escolhido, pois sem o nosso desejo conjunto e sem suas orientações, esse trabalho não teria sido possível. À Gladis Dalcin, que me ajudou a pensar sobre o uso da psicanálise na minha pesquisa e que, por sua competência profissional, me ajuda a viver mais perto do meu desejo.

Ao professor José Carlos Santos, cuja voz guiou uma parte fundamental do meu trabalho, mesmo que ele não saiba disso. À professora Josiele Ozelame, que me ensinou que a academia, apesar das limitações nesse sentido, é um lugar onde se pode sonhar.

À UFPR, que será por toda vida o berço do meu conhecimento, que me deu muito mais do que um diploma e amigas, e permanece dentro de mim como pilar de sustentação da minha vida acadêmica. À minha orientadora da graduação, Miriam Pan, com quem não tenho mais contato, mas que foi quem verdadeiramente me ensinou o que é a escrita acadêmica.

À UNIOESTE, que é a minha segunda casa acadêmica, e que aprendi a admirar e amar.

Meu reconhecimento à Psicanálise, aos seus criadores e desenvolvedores, que gigantemente atreveram-se a lançar um outro olhar sobre o ser humano. Não a escolhi por acaso, pois sua profundidade mudou a minha vida: na academia, na profissão, no amor e na

minha relação comigo mesma.

Aos meus colegas e professores do mestrado, que fizeram desses dois anos um período maravilhoso a ser lembrado!

À minha revisora Eduarda, que com carinho e dedicação me ajudou a dar forma a esse trabalho, deixando aqui o seu ‘dedinho’.

À vida, por ter me dado a chance de ser uma mulher afetuosa, cercada de coisas e pessoas boas, capaz de superar muitas dificuldades e de ser cada vez mais aberta às diferenças.

E, por último, pela sua importância nessa grande etapa da minha vida, à UNILA, como a grande viabilizadora do alcance desse título. Meu reconhecimento por tudo que me possibilitou nesses dois anos de mestrado, e pelos quase 8 anos de nossa história conjunta, na qual ri, chorei, fiz amizades, estudei, aprendi o significado do trabalho, e onde pude entender que uma instituição pode, sim, fazer de alguém uma pessoa melhor.

“É certamente difícil identificar aquilo que em nós é instituição. Por sua própria natureza a instituição segue silenciosa e imperceptível quando não é questionada. Talvez por isso, a situação dos grupos multiculturais seja particularmente propícia a tornar essa dimensão institucional [...] Sem surpresa então que nesse encontro cultural surja mal estar, ataques ao diferente, sentimentos intensos [...] é imprescindível perguntarmos sobre o que nossos votos de cooperação mútua, nossa crença na “irmandade Latino-americana” nos protege [...] até que ponto [este mito] nos protege do caos do encontro cultural e dos horrores de nos defrontarmos com nossa própria história, nossa própria origem (CASTANHO, 2009, p. 26).

“se você começa falar, falar, falar, falar [sobre a UNILA] você acha que tá tudo errado, aí alguém vem e fala: É ruim? Não, é bom! Sabe, ah [por exemplo] eu tô falando lá do meu pai que ele é isso, aquilo, aí começa falar... quando eu tô contando pra você, que você não conhece ele, pô meu pai não é essa m... aí que eu to falando! Sabe aí você começa a se julgar, então eu acho que é meio louco mais é assim, eu gosto... eu gosto de trabalhar aqui” (E2).

“as sementes estão plantadas, né, basta a gente cuidar bem delas que elas vão germinar e vão consolidar a instituição e principalmente defender seu diferencial, né, que é a construção da integração” (E6).

RESUMO

Os objetos de estudo desta pesquisa são o discurso dos Técnico-Administrativos em Educação (TAE's que ingressaram no primeiro concurso da universidade) e o discurso institucional oficial sobre o projeto de integração latino-americana, no contexto da UNILA. A pesquisa concebeu a instituição enquanto uma criação humana, fundada por um discurso e por um desejo que a sustenta, os quais servem de alicerce para a sua existência. Já o discurso foi entendido como uma cadeia de significantes articulados e provisoriamente ligados entre si, configuração que pode ser constantemente alterada através do processo de deslizamento significante. O trabalho teve como objetivo confrontar o discurso oficial da universidade com o discurso dos TAE's, de forma que pudessem ser identificadas as concordâncias e contradições entre os discursos. A metodologia adotada para tratar os dados foi a análise do discurso sob enfoque da psicanálise, a partir da qual foi possível identificar significantes importantes na história da instituição, os quais apareceram interligados ao tema da integração. A observância da repetição de significantes direcionou o trabalho de análise, através do qual pôde-se reconhecer diversas contradições entre os discursos analisados, além de apontar aquilo que se configura como um sintoma institucional. Os principais sintomas evidenciados a partir da análise dos discursos foram: a ausência de planejamento, o atraso nos processos internos e no desenvolvimento institucional, a ausência de reconhecimento dos diplomas (emitidos pela UNILA) no exterior, a evasão, a dificuldade de concretização das obras do campus universitário e as dificuldades de relacionamento tanto interpessoal, quanto com a sociedade e com as instituições parceiras. Concluiu-se que as dificuldades encontradas pela universidade refletem os próprios obstáculos enfrentados historicamente na concretização do ideal de integração latino-americana, além das dimensões políticas da história institucional e das dificuldades inerentes a tudo aquilo que possui uma dimensão humana e, portanto, faltosa.

PALAVRAS-CHAVE: Integração; Instituição; Análise do Discurso; Psicanálise; Sintoma.

ABSTRACT

The objects of study of this research are the discourse of the Administrative Technicians in Education (TAE's that entered the first contest of the university) and the official institutional discourse on the project of Latin American integration, in the context of UNILA. Research conceived the institution as a human creation, founded by a discourse and a desire that sustains it, which serve as a foundation for its existence. Already the discourse was understood as a chain of signifiers articulated and provisionally linked together, a configuration that can be constantly altered through the significant slip process. The objective of this work was to compare the official discourse of the university with the discourse of the APS, so that the concordances and contradictions between the discourses could be identified. The methodology used to treat the data was the discourse analysis under the psychoanalysis approach, from which it was possible to identify important signifiers in the history of the institution, which appeared interconnected to the theme of integration. The observance of the repetition of signifiers directed the work of analysis, through which it was possible to recognize several contradictions between the discourses analyzed, besides pointing out what is configured as an institutional symptom. The main symptoms evidenced from the discourse analysis were: the lack of planning, the delay in internal processes and institutional development, the lack of recognition of diplomas (issued by UNILA) abroad, evasion, difficulty in carrying out the works of the university campus and the difficulties of interpersonal relationship, as well as with society and with partner institutions. It was concluded that the difficulties encountered by the university reflect the obstacles historically faced in the realization of the ideal of Latin American integration, as well as the political dimensions of institutional history and the difficulties inherent in everything that has a human dimension and, therefore, a lack of it.

KEY WORDS: Integration; Institution; Speech analysis; Psychoanalysis; Symptom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 UMA UNIVERSIDADE PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA	16
2 OS CAMINHOS PARA OUVIR E ANALISAR O DISCURSO: A METODOLOGIA	37
3 A UNILA, A INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA E A PSICANÁLISE: INTERSECÇÕES POSSÍVEIS	43
3.1 O alicerce que sustenta a UNILA: o discurso da integração latino-americana e seus fundamentos	43
3.2 Integração: igualdade ou diferença? Uma América Latina para que e para quem? .	60
3.3 Uma análise do discurso pelo viés da psicanálise: como isso é possível?	65
3.3.1 Uma universidade com uma fala diferente da prática: o sintoma como ruptura no discurso	76
3.3.2 Acabou a Era de Aquário: o chiste e sua relação com o inconsciente.....	79
3.3.3 A gente sempre tá tentando apagar incêndio: a importância da repetição para uma análise psicanalítica do discurso	84
3.3.4 Interrogar o óbvio: a interpretação psicanalítica do discurso	88
4 O CAMINHO PARA IDENTIFICAR OS SINTOMAS INSTITUCIONAIS: A ANÁLISE DOS DADOS	92
4.1 “Educar para a integração”: o projeto político	94
4.2 “Entre o ideal que se enuncia e o real que emerge das circunstâncias: o projeto de integração	99
4.2.1 O Ideal da Integração.....	99
4.2.2 Formação de uma cultura integradora	101
4.3 “Não vai muito além”: o desconhecimento do projeto institucional	105
4.4 Entre a teoria e a prática: o pluralismo de ideias, o respeito à diferença e a solidariedade	107
4.4.1 Construção democrática dos documentos institucionais	107
4.4.2 Pluralismo de ideias e respeito às diferenças.....	108
4.4.3 Solidariedade	110
4.5 “Meio patinado”: o impacto da diversidade na tomada de decisões	112
4.6 “Encarando a realidade”: a UNILA e a lei	115
4.6.1 Projeto inovador x legislação arcaica	115
4.6.2 A lei e a relação com os alunos	117
4.7 “Divulgar sem comprar”: a dívida simbólica	118
4.8 O “choque de culturas”: a UNILA e a sociedade	121
4.8.1 O relacionamento com a sociedade	121
4.8.2 O preconceito da comunidade com o estrangeiro.....	123
4.9 As “mães”: UFPR e ITAIPU	126
4.9.1 A tutela da UFPR.....	126
4.9.2 A mãe ITAIPU.....	126

4.10 A “panela de pressão”: o relacionamento interpessoal	129
4.10.1 Aspectos gerais	129
4.10.2 A paridade.....	132
4.11 “A fatia do bolo”: o individual x o coletivo	134
4.12 “Argumentos difíceis de rebater”: os tropeços institucionais	136
4.12.1 “Apagando incêndio”: o planejamento institucional	137
4.12.1.1 Aspectos gerais	137
4.12.1.2 O atraso.....	142
4.12.2 O reconhecimento dos diplomas no exterior	145
4.12.3 A evasão	147
4.12.4 Um elefante branco, um quiproquó: o campus universitário.....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	162
ANEXO A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)...	172
ANEXO B: DECLARAÇÃO	176
APÊNDICE A: CARTA DE APRESENTAÇÃO	178
APÊNDICE B: QUESTÕES PARA ENTREVISTA SEMI-ABERTA..	180

INTRODUÇÃO

Todo sujeito ou instituição é atravessado por um discurso que o constitui e que contém algo de uma “fund-ação”: o discurso é um conjunto de construções simbólicas e imaginárias, que estruturam subjetividades e sustentam o laço social entre os indivíduos. Pode-se pensar que antes de uma instituição existir concretamente, ela existe no desejo e no discurso das pessoas, alicerces fundamentais na sustentação dessa instituição no registro do Real.

Fundação significa alicerce, princípio e origem de alguma coisa, podendo ser, ainda, um certo tipo de instituição (MICHAELIS, 2017). Por um deslizamento significante, pode-se encontrar a metáfora de uma “fund-ação”: o que funda a ação, o seu fundamento.

A Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA) foi fundada pela Lei 12.189 de 10 de janeiro de 2010, e desde então vem construindo seus próprios alicerces, seus discursos e suas relações institucionais. Essa universidade representa o ideal de uma América-Latina integrada e em constante desenvolvimento, especialmente no que diz respeito aos países do MERCOSUL.

A pesquisadora deste trabalho vivenciou todos os anos de fundação da UNILA, na qualidade de servidora Técnico-Administrativa em Educação (TAE), ocupando o cargo de psicóloga. Inicialmente lotada na extinta Secretaria de Assuntos Estudantis e Comunitários, e hoje na Pró-reitoria de Gestão de Pessoas, foi possível conviver com a realidade dos estudantes e também a dos servidores da universidade. Essa experiência permitiu à pesquisadora deste trabalho observar algumas dissonâncias entre o discurso oficial da UNILA e as suas práticas institucionais. A observância cotidiana das decisões, dos acontecimentos e dos rumos tomados pela universidade fez surgir muitas questões, despertadas por um olhar profissional pautado na vertente psicanalítica.

Como se configura o discurso que sustenta uma universidade vocacionada para integração da América-Latina? Quais os significantes e os possíveis significados presentes nesse discurso? Qual a relação entre o discurso dos agentes que vivenciam o dia-a-dia da instituição (desde seus primeiros passos) e o discurso institucional oficial? Quais são os atravessamentos simbólicos e imaginários no discurso dos servidores, que ingressaram no primeiro concurso, em relação ao projeto de integração? O ideal de integração latino-americana possui impacto nas práticas institucionais? Todas essas questões permanecem em aberto. Assim, o desafio desse estudo é investigar as questões apresentadas acima, sempre tendo em vista a instituição e os sujeitos como fundados no discurso, atravessados pela

dimensão inconsciente e constituídos numa relação dialética com um “outro”. Em meio às diversas questões mencionadas, destaca-se uma questão norteadora do presente trabalho: Como aparece, no discurso dos TAE’s e no discurso institucional oficial, a vivência do projeto de integração latino-americana no decorrer dos anos de fundação da UNILA?

O objeto do presente estudo é o discurso dos servidores Técnico-Administrativos em Educação (TAE’s) sobre o projeto de integração latino-americana no contexto da UNILA. Nesses termos, este trabalho interessa-se por compreender como o ideal de integração é imaginado, vivido e simbolizado no dia a dia da instituição. Pensar as instituições enquanto lugares simbólicos privilegiados onde se produzem discursos, significações, afetos, representações e subjetividades é um desafio complexo. Pretende-se enfrentar tal desafio através do esforço em transpor os conceitos da Psicanálise, nascida na clínica, para o âmbito do social, representado na figura das instituições e dos grupos.

O objetivo principal da pesquisa é confrontar o discurso institucional da UNILA, presente nos documentos oficiais, com o discurso dos servidores técnico-administrativos em educação, em relação ao projeto de integração. Confrontar significa colocar frente a frente e/ou comparar diferenças e semelhanças, tarefa que será realizada através da justaposição entre os recortes das falas dos TAE’s e os trechos de documentos oficiais, o que constituirá o material através do qual realizar-se-á a análise do discurso. Cabe ressaltar que, para realizar as análises desse material, além do arcabouço teórico, será imprescindível levar em consideração a história da instituição e da integração latino-americana, já que elas são partes fundamentais na constituição dos discursos a serem analisados. Acredita-se que a interação forçada entre o discurso oficial da UNILA e o discurso de parte dos técnico-administrativos em educação permitirá identificar os significantes, presentes nos discursos, relativos à temática da integração latino-americana. Da mesma forma, aposta-se que será possível identificar como os TAE's vivenciam o ideal de integração latino-americana através das práticas institucionais e de suas fantasias e identificações em relação ao projeto da UNILA. A pesquisa documental foi o meio pelo qual se teve acesso ao discurso contido nos documentos oficiais da instituição, os quais serão confrontados com a fala dos servidores, tal qual apareceram durante as entrevistas semiestruturadas.

Confrontar o discurso dos sujeitos da instituição com o discurso oficial da instituição torna-se relevante à medida que permite avaliar se a instituição está agindo de acordo com seus princípios fundamentais, ou seja, se está no caminho para cumprir a missão institucional. O estudo pode ser relevante não somente para a instituição pesquisada, mas para ajudar a pensar o funcionamento de qualquer instituição, que também se estrutura sobre um discurso

que funda sua ação. Acredita-se que pode ser relevante a toda instituição, a exemplo do que ocorre com os sujeitos na clínica psicanalítica, refletir sobre suas práticas e sobre o sentido de seus esforços na concretização dos seus objetivos.

A pesquisa justifica-se à medida que será realizada em uma instituição peculiar, fundada sobre o discurso da integração latino-americana e localizada (por isso) em uma fronteira trinacional. Por si só este universo apresenta-se como âmbito fecundo para o estudo do discurso, pois ali circulam sujeitos de diversos países, culturas e classes sociais. Assim, a UNILA pode também ser considerada uma instituição de cunho “fronteiriço” ou “interdisciplinar”, com toda a diversidade que estes conceitos comportam.

Pretende-se com este trabalho aprofundar os conhecimentos sobre a pesquisa, sobre as múltiplas categorias conceituais utilizadas, sobre a análise do discurso a partir do viés psicanalítico e sobre o funcionamento simbólico das instituições. Acredita-se que este caminho pode preparar o pesquisador para atuar academicamente e profissionalmente de forma inovadora, auxiliando as instituições a pensar sobre seu funcionamento, suas práticas e sua história. Para tal, esta pesquisa foi realizada dentro de uma abordagem qualitativa, por ser entendida como a melhor abordagem para tratar de fenômenos tão complexos quanto o discurso e as relações humanas.

A escolha em realizar a pesquisa com os primeiros servidores Técnico-Administrativos em Educação (TAE's) a entrar em exercício, permitiu que pudesse ser abordado todo o período de fundação da universidade, compreendidos oficialmente entre os anos de 2010 e 2017, e levando em conta os três anos que precederam a lei de criação da universidade – já que esse foi um período de intenso trabalho político e intelectual para construir os alicerces da UNILA.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, que vai desde o histórico da instituição escolhida para realizar a pesquisa, até a análise do discurso dos servidores que trabalham na universidade. No capítulo I, especifica-se a abrangência da América Latina (AL) e trajetória da ideia da formação de uma universidade voltada às questões dessa região, acrescentando-se um panorama do que foi pensado pelos idealizadores da universidade quanto a sua criação. Nesse item também são apresentados os motivos que fizeram de Foz do Iguaçu a cidade eleita para abrigar a UNILA, além de realizar um resgate da linha do tempo que acompanhou o nascimento e estruturação da universidade, bem como das etapas legais que o projeto de lei enfrentou até ser aprovado. Ao finalizar o capítulo, o texto traz dados da atual estrutura administrativa e acadêmica da UNILA e sinaliza alguns conflitos que a universidade enfrentou durante os anos de fundação.

O capítulo II traz uma descrição detalhada da metodologia utilizada para a realização da pesquisa, relacionando os objetivos pretendidos com a investigação proposta e especificando quais foram os motivos que nortearam a escolha do tema, das amostras, dos instrumentos de coleta de dados e da linha teórica adotada.

No capítulo III, o leitor encontrará o arcabouço teórico que constituirá o trabalho, cujos conceitos fundamentais serão utilizados na análise dos dados coletados. Nesse tópico, além de apresentar um panorama sobre a história da integração latino-americana, será realizada uma investigação aprofundada sobre o conceito de integração presente nos documentos da UNILA. A partir desse ponto será traçado um paralelo entre o significado encontrado para este conceito no discurso oficial e o significado do conceito para a Psicanálise. A vertente teórica escolhida para nortear o trabalho foi a Psicanálise, que trabalha essencialmente com o discurso e que, a partir de Lacan, aproximou-se muito da Linguística.

O capítulo IV é no qual os dados coletados serão apresentados e analisados de acordo com as correntes teóricas escolhidas. A análise dos dados será realizada através dos recortes das falas dos sujeitos entrevistados, contrapondo-as aos trechos dos documentos oficiais da UNILA e, através dessa justaposição, será possível recorrer à teoria para dar luz ao conteúdo a ser analisado.

1 UMA UNIVERSIDADE PARA A INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Neste capítulo, pretende-se abordar o histórico da instituição onde o trabalho de pesquisa foi realizado. Nos capítulos posteriores, a fundamentação teórica mostrará a importância da história institucional para a realização de uma análise do discurso, cuja tarefa propõe-se aqui. Cabe ressaltar que as informações contidas neste capítulo fazem parte das informações fornecidas pela própria instituição através de meios oficiais, como livros, sites e documentos. A esses dados somam-se as informações coletadas nas mídias, como jornais e revistas eletrônicas que abordaram de alguma forma a história da UNILA. A análise do discurso será realizada posteriormente, através do confronto entre o que é dito oficialmente e o que aparece no discurso dos técnico-administrativos em educação da UNILA.

A Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) foi criada em 2010, durante o mandato do então presidente da república *Luiz Inácio* Lula da Silva. A UNILA foi vinculada ao sistema federal de ensino superior brasileiro e, de acordo com o discurso oficial, possui vocação transnacional, voltada para o aprofundamento do processo de integração da América Latina, com ênfase no MERCOSUL. Segundo a Pró-reitoria de Relações Institucionais e Internacionais (PROINT), a vocação transnacional da universidade está expressa na parceria com Instituições da América Latina e Caribe, e no desenvolvimento de atividades de intercâmbio acadêmico-científico, tecnológico e cultural com instituições universitárias, centros de pesquisa, públicos e privados, órgãos governamentais e organizações nacionais e internacionais”¹.

Ainda segundo o discurso oficial, a universidade pretende contribuir com o processo de integração por meio do conhecimento compartilhado e de pesquisas em rede, objetivando a formação de recursos humanos comprometidos com a causa integracionista.

Inicialmente, é de grande importância sublinhar que, por sua própria missão, a construção do discurso da vocação da UNILA guarda estreita relação com o discurso do MERCOSUL, já que a instituição adota como missão:

formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL (Lei 12.189 de 12 de janeiro de 2010)².

¹Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/proint>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

²Informações disponíveis em PROJETO DE LEI. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/539906.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2017.

Na constituição da missão institucional, o MERCOSUL ocupa papel central, enquanto eixo adotado na busca pela consolidação do projeto integracionista. O Mercado Comum do Sul, foi criado em 1991, pelo Tratado de Assunção com vistas a possibilitar a livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, a adoção de uma política comercial e uma Tarifa Externa Comum (TEC). O tratado de criação não previu uma instância orientada ao desenvolvimento de uma dimensão social no MERCOSUL, de forma que ela inicialmente não desempenhava um papel de destaque no projeto de integração do bloco. A preocupação com os efeitos sociais das políticas econômicas veio quase 10 anos depois (2000), a partir da Carta de Buenos Aires Sobre o Compromisso Social, do Compromisso de Gramado, e da Reunião de Ministros e Autoridades de Desenvolvimento Social do MERCOSUL (RMADS). Foi no espaço de discussão do RMADS que foram definidas estratégias conjuntas denominadas “MERCOSUL Social”, com o objetivo de ampliar a atenção e conhecimento sobre problemáticas sociais no bloco, diminuindo as assimetrias entre os países membros. O MERCOSUL Social constituiu-se num marco para trazer centralidade da dimensão social para o projeto de integração. Através da subscrição da Declaração do Milênio, os países membros do MERCOSUL firmaram um compromisso conjunto de buscar a inclusão e a coesão social. De todo esse processo surgiram princípios sociais fundamentais hoje no MERCOSUL, norteando o bloco como espaço inclusivo para o fortalecimento da cidadania e da democracia”. Por fim, a constituição em 2006 do Plano Estratégico de Ação Social (PEAS) traçou a meta de compatibilizar as temáticas sociais a serem abordadas por cada país do bloco. O documento é o guia de todas as atividades no campo das políticas sociais do Mercosul³.

O Plano Estratégico de Ação Social determina a centralidade da questão social e a igualdade como prioridades políticas, a estabilidade democrática, o retorno do Estado protetor, o resgate da cidadania, o acesso universal (à saúde, educação e moradia), a transferência de renda como combate à pobreza, o aumento com o gasto público social (PEAS, 2012). Os eixos e diretrizes do PEAS ressaltam, entre outros preceitos, a igualdade (étnica, de raça e gênero), a diversidade cultural, o diálogo social e a cooperação solidária. Torna-se fundamental o resgate desses princípios sociais do MERCOSUL porque, como será visto adiante, esses são os preceitos que fundamentam o discurso oficial da UNILA e que guardam estreita relação com o discurso dos governos de esquerda, inclusive aquele que sancionou a criação da UNILA.

³Informações disponíveis em: <http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercosul>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

Segundo a UNILA (IMEA, 2009, p 7-9), a universidade foi criada com o objetivo de contribuir para a integração da América Latina, através do conhecimento e da cooperação solidária entre os países latino-americanos. Cabe salientar que a América Latina engloba todos os países do continente americano que falam espanhol, português ou francês, bem como outros idiomas derivados do latim. Assim, compreende quase a totalidade dos países da América do Sul, com exceção da Guiana e Suriname (países germânicos), além de todos os países da América Central e alguns países do Caribe como Cuba, Haiti e República Dominicana. Da América do Norte, apenas o México é considerado como parte da América Latina, sendo esta composta por vinte e um países: Argentina, Belize, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. Ainda fazem parte da América Latina mais onze territórios que não são independentes e, portanto, não podem ser considerados como países. Apesar da região do Quebec possuir colonização francesa e alguns estados do sudoeste dos Estados Unidos serem de colonização espanhola, tanto Canadá como os EUA não são considerados países latinos, por possuírem colonização majoritariamente anglo-saxônica (Instituto Mercosul de Estudos Avançados, 2009).

Existe uma controvérsia na literatura sobre a origem da expressão América Latina, pois, para alguns autores teria sido o colombiano José Maria Torres Caicedo que, no século XIX utilizou esse conceito pela primeira vez. Outros acadêmicos atribuem a um artigo publicado pelo francês L. M. Tisserand a invenção do termo em 1861. Há também a teoria de que a expressão teria sido cunhada pelo francês Michel Chevalier, ou ainda pelo chileno Francisco Bilbao, em uma conferência realizada em Paris, em 1856, onde utilizou pela primeira vez a expressão “latino-americano”(Instituto Mercosul de Estudos Avançados, 2009).

Em “Os Melhores Contos da América Latina”, o organizador da antologia, Flavio Moreira da Costa, descreve a América Latina nos seguintes termos:

A hipótese é simples: de que a América Latina existe – no caso, existe cultural e literariamente: e da mesma forma, como a América Latina territorial e política, ela não é unitária, mas múltipla; não é coesa, mas dividida; não é coerente, mas dispersa; não é unida, mas desunida – não é, enfim, monolítica mas diversificada (COSTA, 2008, p. 13-14 e 16).

O autor enfatiza que a diversidade e a divisão dos países que compõe a América Latina vão além da dimensão territorial, e assinala a diferença como o elemento fundamental que caracteriza a região. Levando isso em conta, pode-se pensar o quão difícil pode ser um

trabalho que vise a integração regional, tarefa assumida pela UNILA - que nasceu no contexto político, cultural e econômico que foi citado por Costa. Para a universidade, o desafio consiste em reconhecer a diversidade das identidades nacionais, os elementos que unem as raízes e o destino comum dos povos da América Latina enquanto continente diante do mundo globalizado (Instituto Mercosul de Estudos Avançados, 2009).

Foi na década de 1960, no México, em reunião realizada pela União de Universidades da América Latina e do Caribe (UDUAL), que surgiu pela primeira vez a proposta de uma universidade latino-americana. Naquele momento houve um entendimento de que a universidade deveria ser a precursora de ações voltadas ao processo de integração da América Latina. Entretanto, essa discussão só foi retomada décadas depois (2006), durante o Fórum de Educação Superior do Mercosul, na presença dos Ministros da Educação de diversos países latino-americanos, que se comprometeram a elaborar um projeto que sustentasse o então chamado Espaço Regional de Educação Superior do Mercosul. Na ocasião, o Brasil propôs a criação de uma universidade multicampi, chamada Universidade do Mercosul, mas a proposta foi rejeitada por dois países devido as dificuldades de implantação.

Acreditando na pertinência do projeto de uma universidade voltada à integração latino-americana, em uma reunião de ministros de educação realizada em Assunção, o Brasil propôs a constituição do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), voltado à cooperação interuniversitária em nível de pós-graduação. A ideia foi aprovada em caráter unânime e, posteriormente, por orientação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, decidiu-se ampliar o escopo da proposta com o novo Projeto de Lei de criação da UNILA, já prevendo sua instalação na cidade de Foz do Iguaçu-PR (PDI 2013-2017, p.9).

Segundo a UNILA (IMEA, 2009, p 15), a cidade de Foz do Iguaçu -PR foi escolhida para sediar a universidade por localizar-se na fronteira entre três países sul-americanos (Argentina, Brasil e Paraguai), de forma a representar e ao mesmo tempo favorecer o diálogo e a interação regional⁴. Ao mesmo tempo, a localização no interior do estado estava de acordo com as metas de expansão da rede de instituições federais brasileiras às regiões mais distantes dos centros urbanos, contidas no programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), lançado em 2007 pelo governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva (MEC, 2014, p. 3). Foz do Iguaçu, localizada no extremo oeste do Paraná, é o principal polo de desenvolvimento econômico do Paraná e, por abrigar as Cataratas do Iguaçu, é o segundo destino turístico mais visitado no Brasil. A cidade possui uma composição étnica variada,

⁴Informações disponíveis em: Folder Unila - Uma universidade Para a América Latina. Consulta em 06 de janeiro de 2018.

abrigoando mais de 72 nacionalidades⁵. Segundo dados do último censo (2010), a cidade possui 256.088 habitantes e a estimativa populacional para 2016 foi de 263.915 habitantes⁶. Apesar da delimitação de três fronteiras na região, o território trinacional vive sob um processo de integração econômica, cultural e demográfica o que fez com que fosse eleito como o cenário para a instalação da universidade⁷.

Em dezembro de 2007, o Ministério da Educação do Brasil (MEC) encaminhou ao Presidente da República o Projeto de Lei da criação da Universidade Federal da Integração Latino-americana. Junto com o Projeto de Lei, o Ministério da Educação e o de Planejamento, Orçamento e Gestão, encaminham uma carta com a exposição de motivos que justificavam a criação da universidade, cujo discurso ressalta a urgência de promover, por intermédio do conhecimento e cultura, a cooperação e o intercâmbio solidário (intercâmbio do conhecimento, fundado no reconhecimento mútuo e na equidade) com os demais países da América Latina (IMEA, 2009, p. 159).

No início de 2008, foi criada a Comissão de Implantação da UNILA (CI), cuja posse e primeira reunião realizou-se no dia 06 de março de 2008. A Comissão foi constituída com o objetivo de realizar estudos e atividades para o planejamento institucional, a organização da estrutura acadêmica e curricular e a administração de pessoal, patrimônio, orçamento e finanças, visando atender os objetivos do projeto de lei (MEC, 2008). Em outras palavras, a Comissão de Implantação foi formada para pensar a universidade administrativa e pedagogicamente, no intuito de dar forma ao desejo de uma universidade voltada à América Latina. A comissão contou com treze membros, incluindo Héglio Trindade, presidente da comissão e primeiro reitor pro tempore da UNILA.

No discurso do então ministro da Educação, Fernando Haddad, por ocasião da cerimônia de posse da Comissão de Implantação (CI), foi afirmado que quanto mais ousado e coerente o projeto da UNILA fosse, tanto maior seria a chance de sucesso do mesmo. No discurso foi afirmado ainda que a UNILA poderia ser um exemplo para o mundo de como promover a integração pelo conhecimento, criando um novo paradigma na educação. Pontuou a necessidade de repensar o continente, tendo como concepção o que ele chamou de “uma espécie de civilização latino-americana”. Na ocasião, manifestou-se também o secretário da

⁵Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/foz-igua%C3%A7u-e-regi%C3%A3o-trinacional>. Acesso em 01 de junho de 2017.

⁶Informações disponíveis em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/v4/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>. Acesso em 01 de junho de 2017.

⁷Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/foz-igua%C3%A7u-e-regi%C3%A3o-trinacional>. Acesso em 01 de junho de 2017.

SESu/MEC, que discursou sobre a essência inovadora da UNILA, afirmando que ela pretende ser a fronteira de integração entre os povos e entre o tratamento comum de temas transfronteiriços (IMEA, 2009, p. 63).

Em posse dessas recomendações, a Comissão de Implantação da UNILA reconheceu que, para avançar em direção à integração regional, o projeto da UNILA necessitava ser construído com base em três direções principais: integração nacional e transnacional de forma solidária e com respeito mútuo; compromisso com o desenvolvimento econômico sustentável, justiça social e equilíbrio do meio ambiente; e compartilhamento recíproco de recursos e conhecimentos científicos e tecnológicos com professores e estudantes da América Latina. Orientada por esses postulados, a UNILA foi pensada para favorecer a criação de uma cultura acadêmica interdisciplinar, voltada para a valorização das expressões culturais e memória latino-americanas. Da mesma forma, objetivou-se o surgimento de uma universidade que respeitasse as identidades culturais, religiosas e nacionais, possibilitando o conhecimento recíproco entre os países da América Latina, visando, assim, a integração regional. Segundo o Instituto Mercosul de Estudos Avançados (órgão suplementar da UNILA), o diálogo intercultural é um dos “pontos nevrálgicos” do projeto pedagógico (IMEA, 2009, p. 16-17).

Já na primeira reunião da comissão, os membros foram provocados a responder por escrito questões sobre o tipo ideal de uma instituição como a UNILA, com ênfase nos quesitos: vocação, estrutura acadêmica e gestão, perfil dos cursos e pesquisas, projeto pedagógico, relação universidade/sociedade, cooperação com a América Latina, formas de recrutamento e seleção dos professores e alunos. Os desejos verbalizados pelos membros da comissão expressaram que a UNILA deveria ter vocação para a cooperação internacional, para a mobilidade interuniversitária, para a construção de uma cultura de integração, trabalhando a história da América Latina (núcleo comum de disciplinas), para a globalização e a sustentabilidade. Nesses termos, a UNILA deveria também promover o conhecimento integrado, transdisciplinar e qualitativo, preparando gerações para promover a integração e priorizando a convivência como aprendizado para a solução de problemas comuns. Audaciosamente, foi também mencionado que a UNILA deveria pensar o futuro da América Latina, formando diversas áreas com consciência e competência voltadas à integração, de forma que os intelectuais da América Latina possuíssem um conhecimento mútuo. Alguns membros da CI alertaram sobre a necessidade da universidade estudar os bloqueios existentes no processo de integração. Sobre a estrutura acadêmica e de gestão, idealizou-se naquele momento que não houvesse uma estrutura piramidal, burocrática e departamental, e que existissem campi nacionais e internacionais, além de um conselho internacional. Sobre os

cursos, defendeu-se que os mesmos envolvessem problemas/carências comuns da América Latina, questões fronteiriças e pesquisas voltadas à integração. Cogitou-se também o fornecimento de um diploma que fosse reconhecido em outros lugares, e que o projeto político-pedagógico fosse capaz de tirar proveito da diversidade étnica e cultural dos alunos e professores.

Em 2009, a UNILA divulgou as principais contribuições da Comissão de Implantação para a concretização do projeto da Universidade (IMEA, 2009, p. 73-81) dentre as quais destacam-se aspectos da organização acadêmica e das relações internacionais e cooperação: A CI concluiu que a estrutura física da UNILA deveria possuir acessibilidade e ser capaz de receber alunos de diferentes nacionalidades em espaços comuns de convivência, além de oferecer uma biblioteca cujo acervo fosse uma referência para a América Latina, com modernas tecnologias de informação e conhecimento. Sobre o estabelecimento da missão institucional, a CI incluiu o dever de formar uma América Latina mais justa, plural, democrática e solidária; além de favorecer o desenvolvimento de uma cultura integracionista entre os povos latino-americanos, valorizando o estudo de questões sociais, econômicas e culturais que sejam de interesse comum dos países envolvidos. Também apareceu na missão institucional uma preocupação com a inserção da América Latina no contexto mundial.

A Comissão de Implantação da UNILA entendeu que a UNILA deveria ser um espaço catalizador de cientistas e pensadores de diversas origens, auxiliando na construção de uma cultura da paz. Além disso, a instituição deveria trabalhar na valorização dos saberes e expressões socioculturais latino-americanas, buscando a equidade social e a cidadania.

Sobre a estrutura acadêmica, idealizou-se a constituição de um Conselho Consultivo composto por membros de prestígio acadêmico internacional, com função propositiva e avaliativa. Outro órgão, comum às universidades brasileiras, foi contemplado na proposta da CI: o Conselho Universitário, os Conselhos de Ensino, Pesquisa e Extensão e um Conselho Consultivo de Interação entre Universidade e Sociedade.

No discurso da CI, apareceu como princípio norteador uma estrutura não verticalizada, permitindo o fluxo constante entre pessoas, priorizando a mobilidade institucional, além da flexibilidade e multiplicidade de modelos de gestão. Segundo a CI, estruturas administrativas deveriam ser organizadas em unidades integradoras de ensino, pesquisa e extensão.

Além de todos esses aspectos, a CI também elaborou o esboço das áreas temáticas estruturantes da universidade, quais sejam: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; Comunicação, Letras e Artes; Ciências da Vida e Engenharias, Ciências Exatas e da Terra. Sobre a inter-relação entre ensino-pesquisa-extensão, a comissão ressaltou a importância de

ofertar cursos referentes a temas comuns à região e cursos inovadores do ponto de vista da flexibilidade linguística. Ofertar ainda cursos em parcerias com outras universidades, porém, com diplomação expedida pela UNILA, e reconhecimento transnacional, somando-se vários modelos (presencial, semipresencial, cotutela e sandwich e EAD). A pós-graduação foi pensada para atender às demandas governamentais e não governamentais específicas.

Quanto à pesquisa, a comissão sugeriu a instauração de uma rede acadêmica nacional e internacional sobre temáticas de relevância social (construção de conhecimento pluriuniversitário), e o estudo de convergências regionais na História, Geografia, Meio Ambiente e Cultura. Ressaltou-se a importância da ampla divulgação da produção científica para a sociedade.

Do ponto de vista da extensão, a CI indicou a realização de programas em parceria com escolas públicas e a discussão de temas socialmente relevantes, através da oferta de cursos e atividades, tendo como público alvo a comunidade do entorno e exterior. Para a comissão, a extensão deveria ter como foco os processos de mudanças de pensamento, no sentido de contribuir com o avanço dos direitos humanos fundamentais.

No âmbito da cooperação e relações internacionais, a CI sinalizou o estabelecimento de relações com instituições e organismos representativos da sociedade, tais como o Espaço Comum de Educação Superior do Mercosul e Ibero-americano; o Parlamento do MERCOSUL (e outros blocos); a União Europeia; a Agência Brasileira de Cooperação (ABC); as Academias diplomáticas latino-americanas; o Instituto Rio Branco; o IPRI – Instituto de Pesquisa em Relações Internacionais; Instituições já existentes (Ex. Mercocidades, Merco universidades e FoMerco); outras Instâncias de Poder e a própria comunidade.

Além disso, a CI indicou que a UNILA deveria estabelecer parcerias e convênios com outras instituições de ensino superior internacionais e nacionais, especialmente aquelas que dediquem esforços ao processo de integração. Houve a proposta de realização de um Fórum Anual Internacional para discutir problemas da América Latina, bem como estruturação de programas e políticas para a América do Sul.

As recomendações da CI quanto à composição do quadro de alunos e servidores não contempla os *Técnico-Administrativos em Educação*, dizendo respeito unicamente aos professores e alunos. A recomendação foi a da manutenção de um número substantivo de professores visitantes (com visibilidade internacional), ao lado do quadro permanente, sempre mesclando professores seniores aos jovens doutores. Os educadores devem, segundo as recomendações, ser educadores para a ideia da integração.

Em relação aos alunos, a estratégia traçada pela CI foi a de divulgar a oferta dos cursos junto a Secretaria de Educação, Ensino Médio, consulado de países vizinhos, e também em organismos latino-americanos. A sugestão em relação à seleção foi a de realizá-la através de um exame de Ensino Médio latino-americano, ou de uma seleção conjunta ou exclusivamente a cargo das universidades da América Latina. Todos os exames deveriam ser bilíngues, em português e espanhol, para assegurar equidade entre os candidatos brasileiros e estrangeiros.

Um dos grandes pilares da UNILA é justamente o bilinguismo, o qual se articula nos diversos âmbitos administrativos, científicos e pedagógicos da universidade. A instituição trabalha no fomento de constante investigação do bilinguismo⁸ e o considera como parte de seu tripé, juntamente com a integração latino-americana e a interdisciplinaridade⁹. Um dos grandes desafios para a execução do projeto da UNILA diz respeito justamente à implementação da educação bilíngue na instituição¹⁰. A garantia da educação bilíngue está formalizada nos principais documentos da universidade, como no artigo quinto inciso VIII do estatuto da universidade, que determina a educação bilíngue realizada em Português e Espanhol. Ambas as línguas, além de estarem presentes em todas as atividades da universidade (como no ensino de disciplinas fora da área da linguagem), fazem parte do currículo escolar durante o Ciclo Comum de Estudos, ao lado das disciplinas voltadas ao estudo compreensivo sobre a América Latina e Caribe¹¹. A concreticidade da educação bilíngue na UNILA é posta em prática também na seleção de alunos e professores, já que a meta final da UNILA 10.000 alunos e 500 professores, sendo metade oriunda do Brasil e a outra de países latino-americanos.

Paralelamente às atividades da Comissão de Implantação da Universidade, em 2009, a UNILA realizou uma consulta internacional que envolveu pesquisadores (de várias áreas do conhecimento) em todo o mundo, destacando-se alguns dos quais possuem envolvimento nos estudos sobre a América Latina e/ou integração: Carolina Mendoza Álvares, Carlos Mallorquin, Jayme Preciado Coronado, José Briceño Ruiz, Marcelo James Vasconcelos Coutinho, Luiz Eduardo González, Miguel Rojas Mix, Miriam Gomes Saraiva, Marcia Rivera, Pierre Salama, entre outros. De acordo com a UNILA, a consulta teve por objetivo reunir sugestões sobre os rumos a serem tomados na construção da UNILA, para que a

⁸Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PDI%20UNILA%202013-2017.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2017.

⁹Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticia/bilinguismo-1>. Acesso em 23 de maio de 2017.

¹⁰Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/es/node/910>. Acesso em 29 de maio de 2017.

¹¹Informações disponíveis no Regimento geral da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (2013).

universidade se tornasse um projeto ao mesmo tempo inovador e viável.

Dentre as várias contribuições recebidas, reuniu-se aqui algumas das principais sugestões dadas pelos pesquisadores, no que tange a forma como a UNILA deveria conduzir o tema da integração:

- “promover a mudança do modelo pedagógico e organizacional, no qual haja uma ação educativa que se sustente na unidade do diferente, na reflexão sobre ‘o outro’, no reconhecimento da diversidade e na extensa comunicação horizontal” (IMEA, 2009b, p. 16);
- “promover o intercâmbio e cooperação respeitando as identidades culturais, religiosas e nacionais” (IMEA, 2009b, p. 6);
- “trabalhar na criação de uma cultura e consciência integracionista (IMEA, 2009b, p. 56) e de um modelo de desenvolvimento comum que potencialize as particularidades da região” (IMEA, 2009b, p. 63);
- “converter a universidade em um espaço dificilmente identificável com um país, animados por um propósito integracionista supranacional” (IMEA, 2009b, p. 111);
- “levar à prática o que significa integrar-se com outras culturas e adquirir o pleno sentido do estudo teórico dos fenômenos integracionistas, de forma que a universidade seja um espaço em que se pode viver e experimentar a prática da integração” (IMEA, 2009b, p. 112);
- “buscar a criação de uma opinião pública de âmbito latino-americano favorável ao processo de integração regional” (IMEA, 2009b, p. 150);
- “constituir a universidade como um gesto não só acadêmico, mas político e social de união na diversidade” (IMEA, 2009b, p. 176);
- “manter um alto compromisso social, assumindo responsabilidade antes seus próprios entornos, em âmbito regional e nacional” (IMEA, 2009b, p. 180).

Acima reuniu-se uma amostra representativa das sugestões dos pesquisadores consultados sobre o funcionamento e sobre o projeto educacional de uma universidade voltada à integração. Acredita-se na importância de ouvir essas vozes, já que foram elas que ajudaram a construir o imaginário (e o discurso) da UNILA nos anos de sua fundação, de tal forma que formaram um dos dois livros que a universidade possui sobre sua história.

Além do trabalho realizado até aqui, de resgatar a origem do conceito de América

Latina, a importância para a UNILA da comissão de implantação da universidade e a importância da consulta internacional realizada, faz-se necessário compreender o caminho trilhado pela universidade até a sua data de criação.

A criação da universidade foi proposta pelo Projeto de Lei 2878/ 2008, o qual enfrentou um longo trâmite em diversas instâncias legislativas. Foi em abril de 2008, que o projeto de Lei chegou ao Congresso Nacional e foi apresentado pela primeira vez à Comissão de Trabalho, Administração e Serviço Público, que o aprovou em junho de 2008. Nesse mês o projeto da UNILA também foi apresentado em reuniões com dirigentes de instituições de ensino e pesquisa da Espanha e França e em um encontro da Associação Brasileira de Ciência Política¹².

A fase de formação da missão institucional contou com um debate público e um seminário de discussão sobre a criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. O debate público foi realizado em setembro de 2008, nas dependências do Parque Tecnológico Itaipu (PTI), pertencente à Itaipu Binacional (uma das grandes incentivadoras da instalação da UNILA na cidade de Foz do Iguaçu), e que mais tarde viria a ser a primeira sede provisória da universidade. Durante o debate público discutiu-se a parceria da UNILA com a UFPR, instituição que se tornou tutora da UNILA e auxiliou a “erguer a universidade” nos primeiros anos de sua existência. Já o seminário ocorreu em Curitiba, no ano de 2009, e visou apresentar e debater a criação da UNILA junto aos professores, estudantes e outros profissionais ligados à UFPR e outras instituições de ensino superior; estudantes, professores e funcionários de escolas públicas e privadas; e as lideranças sociais, além do público em geral¹³.

Todas as comissões de implantação das novas universidades são apoiadas por instituições tutoras, que oferecem o respaldo legal, apoio logístico e acadêmico às universidades que estão se estruturando (IMEA, 2009). Durante todo o período de tutoria, a UFPR prestou todo o apoio administrativo e financeiro necessários à implantação da UNILA (MEC, 2008). Além disso, segundo a UNILA, o estabelecimento de laços acadêmicos com a centenária Universidade do Paraná tem muito a oferecer nas parcerias acadêmicas (IMEA, 2009). O fim do prazo de vigência do Termo de Cooperação Técnica foi 30 de maio de 2011, quando o escritório técnico estabelecido para este fim foi fechado e a UNILA finalmente teve

¹² Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

¹³ Informações disponíveis em: <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/seminario-em-curitiba-debate-projeto-da-unila/>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

que “andar com suas próprias pernas”¹⁴.

Após a breve digressão necessária para explicar a vinculação importante entre a UNILA e sua universidade tutora, cabe um retorno à “linha do tempo” da universidade, mais precisamente no mês de setembro de 2008, quando a UNILA se tornou tema de discussões em congressos e seminários internacionais sobre democracia e MERCOSUL. (Cronologia UNILA site). No mês seguinte foram dados passos em direção ao objetivo integracionista da UNILA, já que foram realizadas visitas à várias universidades da América Latina no intuito de apresentar o projeto da UNILA e estabelecer parcerias¹⁵.

Em 21 de novembro de 2008, o projeto de criação da universidade foi apresentado na reunião dos Ministros de Educação do MERCOSUL e, em dezembro, o mesmo ocorreu em Brasília, durante a reunião de reitores das IFES brasileiras¹⁶.

Na data de 27 de maio de 2009, o projeto de lei de criação da UNILA venceu outra etapa importante, com a aprovação da Comissão de Finanças e Tributos. O mesmo ocorreu ao passar pela Comissão de Constituição e Justiça e a de Educação, Cultura e Esporte, no mês de agosto do mesmo ano.

No mês de novembro de 2009, a UFPR participou de uma reunião com a CI, na qual são discutidos pontos essenciais para a implantação da Universidade, como a autonomia, as finanças e o orçamento da UNILA¹⁷.

Finalmente, em 12 de janeiro de 2010, o projeto da criação da UNILA é levado a termo, através da sanção do Presidente Luis Inácio Lula da Silva, em presença da então ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff e do Ministro da Educação, Fernando Haddad, além do então governador do estado do Paraná, Roberto Requião¹⁸.

No dia 18 de março de 2010, a UNILA ganhou seu primeiro Reitor pro tempore, professor Dr. Helgio Trindade (que havia também presidido a comissão de implantação da universidade). O Vice-Reitor, o uruguaio Gerónimo de Sierra, tomou posse no mês de abril, mesmo mês em que foi aberto o primeiro concurso para o provimento das vagas de Técnico-administrativo em Educação e Docentes¹⁹.

No mês de julho de 2010, a UNILA abriu seu primeiro processo seletivo para ingresso de alunos, cujas 300 vagas foram distribuídas em seis cursos de graduação, sendo metade

¹⁴Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/es/node/1714>. Acesso em 05 de junho de 2017.

¹⁵ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

¹⁶ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

¹⁷ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

¹⁸ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

¹⁹ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

delas para brasileiros e a outra metade para alunos estrangeiros²⁰.

No dia 16 de agosto de 2010, o primeiro calendário acadêmico da UNILA entra em funcionamento, na mesma semana em que os primeiros alunos foram recepcionados na residência estudantil da universidade²¹. Já a aula inaugural foi proferida no mês de setembro, ministrada pelo então Presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, para um público de mais de mil pessoas. Por ocasião da leitura do capítulo 3, será possível ao leitor ter acesso a um trecho do discurso proferido pelo ex-presidente durante a Aula Inaugural da UNILA.

No mês de outubro de 2010, a universidade nomeou, por meio de portaria, os 43 primeiros servidores TAE's da UNILA e, em novembro, a universidade realizou as primeiras bancas para contratação de professores. No mês seguinte, além de ser tema na X Cúpula Social do Mercosul, a universidade abriu o segundo processo seletivo de sua história, para mais seis cursos e 600 alunos – que iniciaram as aulas em março de 2011.

Em maio de 2011, a UNILA divulgou o resultado da licitação para a construção da primeira etapa do seu campus universitário, cuja construção total foi estimada em 2010 na ordem de R\$ 500 milhões. O projeto arquitetônico da Universidade foi projetado pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer, pouco antes de seu falecimento e, segundo afirmou na época o então pró-reitor de planejamento e administração da UNILA, Paulino Motter, a obra pronta potencializaria ainda mais o turismo da cidade²². O arquiteto projetou um campus no qual constam: um prédio para salas de aula, outro para laboratórios de pesquisa, um edifício para a reitoria e salas de professores, um anfiteatro com palco giratório para uma área de eventos com capacidade de até 10 mil pessoas, um restaurante universitário e uma biblioteca que devem ser construídos em um terreno de 40 hectares doado pela Usina de Itaipu, também situada em Foz do Iguaçu-PR²³. A Itaipu Binacional, uma das grandes incentivadoras da instalação da UNILA na cidade, não só doou o terreno como assumiu todos os gastos com os custos do projeto quanto a sua coordenação técnica. O MEC concordou em conceder a coordenação técnica da construção do campus à Usina de Itaipu por entender que este seria um importante passo na abreviação do tempo de construção da obra²⁴. Segundo o discurso oficial, a concepção do campus universitário foi pensada para que todos os estudantes e

²⁰ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

²¹ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/cronologia>. Acesso em 15 de junho de 2017.

²² Informações disponíveis em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/campus-da-unila-tambem-sera-atracao-turistica-em-foz-do-iguacu/n1237830320918.html>. Acesso em 01 de junho de 2017.

²³ Informações disponíveis em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/campus-da-unila-tambem-sera-atracao-turistica-em-foz-do-iguacu/n1237830320918.html>. Acesso em 01 de junho de 2017

²⁴ Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/conteudo/projeto-oscar-niemeyer>. Acesso em 01 de junho de 2017.

professores da UNILA transitassem nos mesmos espaços físicos, estimulando a interação e a integração entre todos²⁵.

As obras do campus da UNILA tiveram início em junho de 2011, com previsão de término em 23 meses, representando a segunda maior construção na história da região e figurando em 2012 como um dos dez maiores canteiros de obra do país²⁶. No entanto, em junho de 2014 o consórcio responsável pela obra suspendeu as atividades alegando divergências e incompatibilidades no projeto. Atualmente, a UNILA e a empresa contratada para executar a primeira fase da obra, a qual finalizou somente 41,58% do total contratado, encontram-se em uma disputa judicial²⁷. Em janeiro do presente ano (2017), foram iniciadas obras de proteção das estruturas do campus, que estavam sujeitas às intempéries, já que a obra está parada. Ainda neste ano de 2017, a UNILA deve realizar uma nova licitação para a contratação de um estudo de viabilidade econômica, técnica e ambiental para o campus da UNILA, através do qual pretende reduzir os custos da implantação do campus²⁸.

Dando sequência à história da UNILA, encontra-se que, em agosto de 2011, a UNILA lançou seu primeiro livro, que trata do tema da interdisciplinaridade na universidade: *Utopia em busca de Possibilidade – abordagens interdisciplinares no ensino das ciências da natureza*. Trata-se de uma obra organizada pelo professor sênior da universidade, Carlos Alberto dos Santos, e pela professora Aline Ferreira de Quadros. Ainda no mesmo ano, no mês de novembro, a UNILA abriu o processo seletivo 2012, com 775 vagas, em 16 cursos de graduação. O ano letivo começa em março de 2012, quando a universidade já conta com mais de 1000 alunos.

Após intensos debates entre os membros da comunidade acadêmica mais um passo é dado em direção à institucionalização da UNILA: o estatuto da universidade é publicado em abril de 2012. Em maio, é dado o “pontapé” inicial para a construção de outro importante documento da instituição: são iniciadas as reuniões da comunidade acadêmica para a construção do Projeto Pedagógico Institucional.

No mês de junho de 2012, os TAE`s da UNILA pela primeira vez se organizam em

²⁵Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticia/constru%C3%A7%C3%A3o-do-campus>. Acesso em 05 de junho de 2017.

²⁶Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticia/constru%C3%A7%C3%A3o-do-campus>. Acesso em 05 de junho de 2017.

²⁷Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticia/constru%C3%A7%C3%A3o-do-campus>. Acesso em 05 de junho de 2017.

²⁸Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/infraestrutura-12>. Acesso em 05 de junho de 2017.

uma greve, aderindo ao movimento nacional. O mesmo acontece com os docentes. As aulas somente retornam em setembro desse ano, com o término das greves.

Após ter sofrido uma mudança de Vice-Reitor, cargo que foi dado posse ao brasileiro Nielsen de Paula Pires, a UNILA inicia o ano letivo de 2013 no mês de maio. Em junho a universidade dá o segundo passo rumo à sua institucionalização, aprovando o Regimento Geral da universidade. No mês seguinte, a UNILA realiza suas primeiras eleições para o conselho superior.

Por ocasião do mês de julho de 2013, a UNILA vivenciou a primeira troca de Reitor: Helgio Trindade, que estava à frente da universidade desde a comissão de implantação, deixa o cargo e é substituído pelo novo Reitor pro tempore, Josué Modesto dos Passos Subrinho.

Foi apenas em agosto de 2013 que a UNILA ganhou seu primeiro curso de pós-graduação *stricto sensu*, o Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos. Já em setembro, a universidade aprovou mais um documento, o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Dois fatos importantes ocorrem na história da universidade em janeiro de 2014, pois a UNILA adere pela primeira vez ao Sistema de Seleção Unificada - SISU e o conselho universitário aprova a criação do curso de Medicina.

O segundo concurso para as vagas de técnicos-administrativos em educação foi aberto em fevereiro do mesmo ano, ocasião em que foram ofertadas 221 vagas, no mesmo mês em que institui o curso de Especialização em Educação Médica.

No mês de abril de 2014 a UNILA anunciou a criação de seu segundo curso de mestrado: Integração Contemporânea da América Latina, de caráter interdisciplinar, ofertando 15 vagas²⁹. No mês seguinte a universidade juntamente com a Associação Internacional União das Américas (AIUA), entidade que administra a Faculdade União da Américas (UNIAMÉRICA), formalizam acordo de cooperação técnica, através do qual será possível à UNILA ocupar os espaços estruturais da UNIAMÉRICA. Esse fator foi determinante na resolução a curto prazo do problema de infraestrutura que a UNILA vinha enfrentando como obstáculo à sua expansão³⁰.

Ainda no ano de 2014 (15 de agosto), a comunidade acadêmica presencia a primeira cerimônia de graduação da universidade. Os formandos eram 24 estudantes do Brasil,

²⁹Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/04/unila-tera-novo-curso-de-mestrado-partir-de-agosto.html>. Acesso em 06 de junho de 2017.

³⁰Informações disponíveis em: <http://www.radioculturafoz.com.br/moradia-de-estudantes-da-unila-pegafogo/#.WTm-P-vyvSE>. Acesso em 06 de maio de 2017.

Paraguai, Uruguai e Argentina, distribuídos nos cursos de Relações Internacionais, Ciências Econômicas e Ciência Política e Sociologia. Esse foi um momento histórico para a Universidade, que teve o início acadêmico em 2010 com oferta de seis cursos de graduação, tendo sido matriculados 106 graduandos nos 3 cursos acima³¹.

Logo em seguida da formatura da primeira turma, a UNILA proferiu uma aula inaugural do curso de Medicina, no qual foram matriculados 52 alunos advindos do Brasil, Paraguai, Uruguai, Argentina e Venezuela³².

No primeiro mês de 2015, a UNILA realizou a segunda cerimônia de formatura de sua história, com 52 estudantes oriundos de 7 países, distribuídos em 7 cursos³³. Nesse mesmo ano a universidade pretendia ter implantado, do ponto de vista acadêmico, todo o projeto UNILA, que desde início previa 40 cursos de graduação. No entanto, no ano do seu quinto aniversário, a universidade conseguiu implantar apenas metade dos 24 novos cursos que pretendia. No primeiro semestre de 2015, a instituição possuía 2,3 mil estudantes, sendo 1,4 mil brasileiros e o restante advindos de toda a América Latina. Nessa época o maior número de estudantes estrangeiros advinham do Paraguai, seguidos de forma decrescente por Bolívia, Equador, Haiti, Colômbia e Uruguai³⁴, contudo, a UNILA já contava com 12 nacionalidades em sala de aula³⁵.

No mês de abril de 2015, a UNILA passou por uma fase importante de institucionalização: o processo de credenciamento do MEC, através do qual foram avaliadas *in loco* toda a documentação, a infraestrutura e o funcionamento da instituição. A universidade obteve nota 4 no credenciamento, de uma escala que vai de 1 a 5³⁶.

Em novembro de 2015, o Conselho Superior da UNILA, que até então possuía cadeiras distribuídas de forma proporcional entre as categorias de docentes, técnico-administrativos e estudantes, foi intimado pela Justiça Federal a recompor sua formação nos moldes da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96 - LDB), que prevê 70% dos assentos para os docentes das instituições de Ensino Superior. A intimação ocorreu

³¹Informações disponíveis em: <http://www.unila.edu.br/saladeimprensa/unilaemnumeros>. Acesso em 05 de maio de 2017.

³²Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/primeira-turma-formandos>. Acesso em 05 de junho de 2017.

³³Informações disponíveis em: <http://www.clickfozdoiguacu.com.br/unila-faz-colacao-de-grau-de-sete-cursos/>. Acesso em 06 de junho de 2017.

³⁴Informações disponíveis em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(11\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(11).pdf). Acesso em 06 de junho de 2017.

³⁵Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/carta.pdf>. Acesso em 06 de junho de 2017.

³⁶Informações disponíveis em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(24\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(24).pdf). Acesso em 05 de junho de 2017.

após um grupo de docentes ter apresentado pedido de providência ao Ministério Público Federal (MPF), anexando um abaixo-assinado com 120 assinaturas apontando ilegalidade na composição do Conselho, resultando em ajuizamento de ação civil pública. Durante esse período da história da universidade, muitos processos sofreram atraso, pois somente atos configurados como urgentes e rigorosamente necessários puderam ser autorizados diretamente pelo reitor. A UNILA esteve, inclusive, sob ameaça de suspensão do processo de credenciamento no MEC, conforme o pedido do MPF, o qual acabou sendo indeferido³⁷. No discurso dos TAE's, conforme será abordado na análise dos dados, esse período apareceu como uma fase conflituosa para a instituição, em decorrência das divergências de posicionamentos adotados entre as três categorias (TAE's, alunos e docentes).

A Paridade Universitária havia sido construída através das reivindicações de alunos, TAES e parte dos docentes, como forma de assegurar uma maior participação da comunidade universitária nas decisões institucionais. Nesse intuito, a própria comunidade realizou um debate em novembro de 2012, ocasião em que participaram da discussão José Geraldo de Sousa Jr, ex-reitor da UNB, e Aldo da Silva Arantes, então presidente do Instituto Nacional do Meio Ambiente (INAMA). No discurso de Aldo, a constituição da Paridade fazia parte da “busca (...) por um projeto de universidade para um país mais democrático e para uma América Latina mais democrática. A discussão da paridade [estaria] dentro desse pensamento maior da conjuntura onde a universidade está inserida”³⁸.

Após superar a fase de ameaça de suspensão do credenciamento institucional, a UNILA conseguiu, em 2016, realizar o lançamento do primeiro livro de sua editora³⁹. Os números atuais mostram que a universidade está na marca de 3.575 alunos matriculados nos cursos de graduação e 300 nos de pós-graduação. A universidade possui ainda 516 servidores TAE's e 352 docentes e oferta hoje 29 cursos de graduação e 10 de pós-graduação⁴⁰. Até janeiro de 2017, 16 cursos de graduação já haviam sido reconhecidos pelo MEC⁴¹.

Além do Conselho Superior, órgão máximo da instituição, fazem parte da universidade quatro conselhos, três comissões superiores, oito pró-reitorias, três secretarias e

³⁷Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/decisao-judicial>. Acesso em 07 de junho de 2017.

³⁸Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/paridade-universitaria-em-debate>. Acesso em 07 de janeiro de 2018.

³⁹Informações disponíveis em: <http://h2foz.com.br/pt/noticias/educacao/evento-nesta-quinta-feira-marca-lancamento-do-primeiro-livro-da-editora-da-unila-36614>. Acesso em 11 de outubro de 2016.

⁴⁰Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/saladeimprensa/unilaemnumeros>. Acesso em 05 de maio de 2017.

⁴¹Informações disponíveis em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(36\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(36).pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2017.

4 Institutos. Fechando o organograma da instituição, cabe ainda dizer que ela é formada pelo IMEA, por sua editora, por uma biblioteca, uma ouvidoria e um laboratório de computação de alto desempenho⁴².

Quanto às unidades da UNILA, atualmente a instituição distribui seus cursos em três espaços: PTI (Parque Tecnológico Itaipu), Jardim Universitário e Edifício Rio Almada. A unidade administrativa fica em um bairro tradicional de Foz do Iguaçu, a Vila “A”, e o almoxarifado foi transferido em 2015 para uma unidade no bairro Portal da Foz⁴³.

Em janeiro do ano de 2017, segundo o discurso do Reitor da UNILA, Josué Modesto dos Passos Subrinho, antes de deixar o cargo (para o qual foi nomeado pelo MEC e o qual ocupou por dois anos e meio) para assumir a Secretaria da Fazenda de Sergipe, a universidade tem cumprido sua vocação institucional, apesar de não ter alcançado a totalidade de estudantes estrangeiros previstos na lei de criação da UNILA: são em média 36%, contra 50% previstos em lei. Para ele, o principal obstáculo para alcançar o objetivo original da UNILA é orçamentário, já que o amplo programa de assistência estudantil esperado não pôde ser sustentado durante a expansão da universidade. Dessa forma, a UNILA precisa hoje captar estudantes que além do interesse, possuam condições financeiras de se manter no Brasil, o que restringe muito a ideia inicial que se pensou para a universidade⁴⁴.

Durante os seus sete anos de existência, a UNILA enfrentou alguns episódios conflituosos, noticiados pela mídia. Dentre eles, estão assaltos às moradias estudantis e incêndio em uma moradia desativada, cujos alunos haviam se negado a desocupar o lugar. Outro episódio polêmico aconteceu em 2012, quando houve confronto entre policiais e alunos na residência universitária, que acabou na detenção de oito alunos e um pedido, por parte da UNILA, de abertura de processo disciplinar contra os policiais, sob a alegação de abuso de poder⁴⁵.

No bojo dos problemas enfrentados pela UNILA, encontra-se a repercussão midiática da ocasião em que o carro oficial da universidade, utilizado pela procuradoria federal da universidade, foi flagrado em um motel (dezembro de 2011), em horário de expediente⁴⁶. A

⁴²Informações disponíveis em: <https://WWW.unila.edu.br/sites/default/files/files/Modelo%20Orgnograma%20UNILA%20.pdf>. Acesso em 05 de junho de 2017.

⁴³Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/infraestrutura-5>. Acesso em 08 de junho de 2017.

⁴⁴Informações disponíveis em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(36\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(36).pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2017.

⁴⁵Informações disponíveis em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-06-10/video-mostra-agressao-de-policiais-a-estudantes-da-unila.html>. Acesso em 10 de junho de 2012.

⁴⁶Informações disponíveis em: <http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2011/12/carro-de-universidade-federal-e-flagrado-dentro-de-motel-no-parana.html>. Acesso em 08 de junho de 2017.

comunidade universitária também vivenciou, ainda, a morte de dois estudantes: o assassinato da estudante Martina Piazza Cone, em março de 2014, fora das dependências da universidade⁴⁷ e a morte no alojamento da universidade do estudante equatoriano Marco Santiago Bustamante Espinosa⁴⁸.

Quanto ao acolhimento da sociedade iguaçuense em relação a UNILA, na entrevista supracitada, o então Reitor Josué Modesto dos Passos Subrinho afirmou, sem ser específico, que ocorreram incidentes isolados com os alunos, que foram demasiadamente potencializados e estigmatizados. Para ele, depois de sete anos de existência da UNILA a sociedade iguaçuense percebe a imensa vantagem que é ter uma universidade federal da integração – já que a cidade se beneficia da troca cultural e da geração de emprego e renda. O então Reitor avaliou que, após um choque inicial, a sociedade hoje percebe um lado extremamente positivo da presença da universidade na região⁴⁹.

No mês de junho de 2017 a UNILA realiza a sua terceira mudança de reitor: o professor Gustavo Oliveira Vieira foi o primeiro docente advindo do quadro próprio da instituição a assumir o cargo. Na ocasião, o novo reitor declarou que o desafio da UNILA era o de conciliar uma instituição de grande visibilidade com resultados condizentes, e com uma estrutura física que viabilizasse sua autonomia e capacidade de realização compatível com as expectativas criadas sobre a instituição^{49-a}.

No mês de julho de 2017, a comunidade acadêmica da UNILA enfrentou uma das maiores ameaças à identidade e consolidação da universidade, ao tomar consciência de uma Emenda Aditiva, de autoria do Deputado Federal Sérgio Souza (PMDB/PR), a Medida Provisória nº 785/2017. A Emenda propõe a conversão da UNILA em Universidade Federal do Oeste do Paraná (UFOPR), nos mesmos moldes das demais universidades federais brasileiras, que não estão voltadas à integração latino-americana. A notícia mobilizou toda a comunidade acadêmica, que lançou uma petição pública em defesa da manutenção do projeto inicial, a qual contou com mais de quinze mil assinaturas. A UNILA recebeu mais de 100 moções de apoio à manutenção de seu projeto inicial, advindas de diversas universidades brasileiras (a ex-tutora UFPR, UFES, UFGD, UFMG, UFFS, UFRGS, UNILAB, UNIOESTE e centros universitários de outras universidades federais), de associações e sindicatos de

⁴⁷Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/juri-condena-a-18-anos-de-prisao-acusado-de-matar-estudante-da-unila-em-foz-do-iguacu.ghtml>. Acesso em 08 de junho de 2017.

⁴⁸Informações disponíveis em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudante-equatoriano-morre-em-foz-do-iguacu-pr,872904>. Acesso em 08 de junho de 2017.

⁴⁹Informações disponíveis em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(36\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(36).pdf). Acesso em 29 de janeiro de 2017.

^{49-a}Informações disponíveis em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2017/06/14/professor-gustavo-oliveira-vieira-assume-como-novo-reitor-pro-tempore-da-unila/>. Acesso em 15 de abril de 2018.

docentes (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior - Andes, Associação dos Docentes da USP, Sindicato de Professores de Universidades Federais de Foz do Iguaçu, Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores de História das Américas), de conselhos (Conselho Municipal de Políticas Culturais, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Foz do Iguaçu, Conselho da Comunidade na Execução Penal de Foz do Iguaçu, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFMG, Conselho Regional de Biblioteconomia 9ª Região), de 17 Associações (a maioria ligadas ao ensino), de instituições ou organismos de outros países (Federación Universitaria Argentina, Grupo de Estudios sobre Acumulación, Conflictos y Hegemonía de la Universidad Nacional de Quilmes, Asociación Colombiana de Estudiantes Universitarios (ACEU), Federación de Escuelas de la Imagen y el Sonido de América Latina (FEISAL), Centro Interdisciplinario de Estudios Agrarios - Universidad de Buenos Aires, Universidad Mayor de San Andrés (Bolívia), Centro de investigación y educación "Cultura y Participación para el cambio social" (Paraguai), Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, entre outras), da Prefeitura Municipal e diversas entidades da cidade de Foz do Iguaçu (Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social de Foz do Iguaçu, Associação Comercial e Empresarial de Foz do Iguaçu, Fundação Cultural, Fórum Municipal de Educação, entre outras)⁵⁰. Em decorrência da intensa mobilização social provocada pela emenda aditiva supracitada, no dia 15 de agosto de 2017, o Deputado Sérgio Souza optou pela retirada da emenda, alegando que o tema merece ser levado ao conhecimento e discutido abertamente com a sociedade brasileira⁵¹.

No decorrer deste capítulo, realizou-se uma breve análise sobre a constituição do discurso de vocação da UNILA, o qual está pautado nos princípios sociais do MERCOSUL. Além disso, procurou-se demonstrar ao leitor a formação territorial da América Latina, e o quão complexo é definir o que seja exatamente a sua identidade. Estabeleceu-se também uma espécie de “linha do tempo” da UNILA, no qual foi abordado o caminho enfrentado pelo projeto de criação da UNILA até a lei que instituiu a universidade. Nessa trajetória, tornou-se importante resgatar tanto os fatos que marcaram a história da universidade, quanto a forma como a Comissão de Implantação da UNILA conduziu o processo de sua criação. Abordou-se também a razão da escolha da cidade de Foz do Iguaçu para sediar a universidade e a concepção do projeto do campus universitário, o qual foi idealizado em consonância ao princípio da integração. Ainda sobre o campus, mostrou-se que o projeto era visto pela

⁵⁰Informações disponíveis em: <https://www.unila.edu.br/noticias/mocoes-apoio>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

⁵¹Informações disponíveis em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2017/08/16/deputado-sergio-souza-formaliza-retirada-de-emenda-que-acabaria-com-a-unila/>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

UNILA como possibilidade de atração turística para a cidade, o que coaduna com o discurso oficial sobre a construção de um ousado projeto universitário.

2 OS CAMINHOS PARA OUVIR E ANALISAR O DISCURSO: A METODOLOGIA

A presente pesquisa tem como objetivo confrontar o discurso institucional da UNILA, referenciado nos principais documentos institucionais (PDI, PPP, Lei de criação da UNILA, Estatuto e Regimento), ao discurso dos servidores Técnico-Administrativos em Educação, em relação ao projeto de uma universidade voltada à integração da América Latina. A categoria dos servidores Técnico-Administrativos em Educação (TAE's), engloba todos os profissionais concursados que trabalham na UNILA, independente do cargo, com exceção dos docentes. Os TAE's convidados a participar da pesquisa ingressaram na instituição através do primeiro concurso aberto pela universidade, para provimento de vários cargos que compõem essa categoria.

Uma pesquisa pode tornar-se mais esclarecedora quanto mais levar em conta elementos de uma dada realidade, contudo, sabe-se que é sempre um recorte desta. De modo que esse recorte pudesse ser feito possibilitando a correta exploração dos dados levantados, optou-se por selecionar apenas uma das categorias que atuam dentro da instituição. A escolha dos Técnico-Administrativos em Educação como sujeitos da pesquisa decorre do fato de serem eles, dentre todos os trabalhadores concursados, aqueles que permanecem mais tempo dentro das dependências da universidade; haja vista que os docentes não são obrigados a cumprirem sua carga horária dentro da instituição. Foi levado em conta que essa inserção institucional pode ter um efeito no que tange à aproximação com cotidiano e o discurso da UNILA. Além disso, são os servidores TAE's que operacionalizam todas as decisões da universidade, garantindo a execução das mesmas em consonância com a legislação vigente. Apostou-se que, do encontro entre o ideal e a prática, pudessem surgir contradições e palavras que permanecem nas entrelinhas, sem serem ditas.

A aproximação com os sujeitos de pesquisa se deu através de uma carta de apresentação (apêndice A) enviada individualmente (por e-mail) para os servidores convidados. A carta explicava os objetivos da pesquisa e o funcionamento das entrevistas. Foram convidados seis servidores que encontram-se trabalhando na UNILA, os quais foram escolhidos em decorrência de terem sido os primeiros TAE's a ocuparem seus respectivos cargos na universidade (os cargos escolhidos para essa pesquisa serão descritos a seguir). O pesquisador colocou-se nessa ocasião à disposição para dirimir dúvidas sobre o processo.

Após o aceite em participar da pesquisa, foram agendadas as entrevistas individuais. As entrevistas foram realizadas nas próprias dependências da Universidade, em uma sala

privada, reservada previamente para este fim. Antes do início da entrevista, cada participante leu e assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que consta no anexo A.

Quanto à seleção do foco temático, o quesito integração foi selecionado por encerrar em si a proposta da universidade, sendo o pilar da criação e funcionamento institucional. Cabe lembrar que, segundo a lei que cria a universidade, a missão institucional específica da UNILA é formar pessoas aptas a contribuir com a integração da América Latina e intercâmbio cultural entre seus países. Assim, o próprio fundamento da universidade está amparado no conceito de integração, na ideia de um lugar comum a ser partilhado com vistas a um processo de evolução que abarque todas as partes envolvidas.

Optou-se pela realização de uma pesquisa de natureza exploratória, de forma que houvesse uma aproximação com o problema proposto, com vistas a torná-lo explícito. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a grande maioria das pesquisas exploratórias envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Essas foram as três formas de coleta e tratamento de dados que foram utilizadas na presente pesquisa.

A coleta dos dados da pesquisa foi realizada através das técnicas de pesquisa documental e entrevista, conforme considerações a seguir:

A - Pesquisa documental: essa técnica foi escolhida por considerar-se os documentos da instituição como portadores do discurso institucional, já que o simbolizam em forma de lei. Segundo Bravo (1991, p. 52), são documentos todas as realizações produzidas pelo homem que se mostram como indícios de sua ação e que podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver”. Desse ponto de vista, pode-se conceber os documentos institucionais como indicadores importantes de como a universidade (e os que fazem parte dela) pensa o projeto de integração, que objetivos possui nesse sentido e quais são os preceitos que estão na base de suas ações.

A pesquisa documental permitiu coletar informações que se encontram nos principais documentos institucionais, como a lei de fundação da UNILA, o Projeto Pedagógico Institucional, o Plano de Desenvolvimento Institucional, o Estatuto e o Regimento Geral da universidade. Buscou-se identificar nos documentos o discurso que se refere diretamente ao projeto de integração, sendo este o foco desta pesquisa.

B – Entrevistas semiestruturadas: a entrevista foi escolhida por ser um instrumento que permite levantar informações, descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior dos grupos (DUARTE, 2004, p. 215).

Tomou-se como sujeitos da pesquisa os TAE's da UNILA, pois, enquanto grupo ou

categoria dentro de uma instituição, eles possuem uma ligação direta com as normas e com o modo de funcionamento institucional. Tal qual todo grupo, o conjunto formado por esses profissionais possui experiências e percepções partilhadas que dizem respeito ao “*modos operandi*” da instituição. A entrevista foi um instrumento fundamental na escuta desse grupo, que muito pôde dizer sobre os anos de fundação da UNILA.

Quanto ao direcionamento, as perguntas realizadas nas entrevistas foram pensadas de forma a identificar:

- O lugar conferido pelos TAE's ao projeto de integração latino-americana, bem como os significantes relacionados ao tema, tal qual se faziam presentes em seus discursos sobre a história da instituição;
- A concepção dos servidores TAE's em relação ao conceito e ao projeto de integração latino-americana;
- A presença de rupturas/contradições no discurso institucional, possíveis hiatos entre a letra (documentos institucionais) e o fazer (as práticas) institucional.

Foram estruturadas 6 perguntas iniciais levando em conta os aspectos mencionados, cujo formulário encontra-se no apêndice B desta dissertação.

O formato semiestruturado foi escolhido por permitir que a pesquisadora pudesse complementar as perguntas iniciais, visando explicitar o implícito, ou seja, possibilitando aos servidores que pudessem atribuir sentido as suas falas sobre pontos nodais relativos ao tema, sobre as contradições, falhas, expressões deslocadas de sentido e formações inconscientes. As entrevistas foram individuais e gravadas em áudio e as falas transcritas na pesquisa foram recortes, nas quais apareceram no discurso dos entrevistados questões relativas à integração latino-americana.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, por entender-se que essa é a mais adequada para tratar o fenômeno investigado, tendo permitido descrevê-lo e analisá-lo em sua forma complexa. A presente pesquisa foi realizada através de dois dos principais procedimentos de coleta de dados em pesquisas qualitativas: entrevista e análise de documentos (ALVES, 1991, p. 60).

Para Alves,

O desenvolvimento da pesquisa [qualitativa] é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica

das relações sociais (ALVES, 1991, p.60).

Sendo exploratória, a pesquisa admite desde o início a dificuldade em apreender uma realidade tão complexa quanto a de uma universidade como a UNILA, que possui um discurso de vocação para a integração da América Latina. Buscou-se durante as entrevistas dar voz aos sujeitos da instituição, para que mostrassem ao pesquisador como o projeto de integração é vivenciado na prática, no dia-a-dia dessa universidade.

Uma realidade complexa - tal qual é o discurso - não pode ser quantificada, pois faz parte dele uma rede complexa de representações, significados e crenças que dizem respeito ao funcionamento dos grupos. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os participantes da pesquisa foram os servidores efetivos da UNILA, concursados na categoria de Técnicos Administrativos em Educação (TAE's). A amostra selecionada foi de seis servidores lotados em diferentes cargos, priorizando-se sempre os sujeitos que trabalham há mais tempo na instituição. O número de servidores entrevistados representa uma amostra em relação aos 43 primeiros servidores TAE's que ingressaram na universidade, cuja convocação foi realizada através da portaria de 14 de outubro de 2010. (DOU, seção 2). Somente foram entrevistados servidores que permanecem trabalhando na instituição até a data da entrevista.

O tempo de trabalho na instituição foi determinante na escolha da amostra por entender-se que nestes casos pode haver maior inserção no discurso institucional, assim como uma maior familiaridade dos sujeitos com a forma de funcionamento, as práticas, a cultura e a história da instituição.

Na seleção dos participantes, escolheu-se servidores ocupantes de diferentes cargos, de modo a incluir discursos oriundos de diferentes setores e áreas do conhecimento. Os cargos foram selecionados por representarem funções importantes nos anos de fundação da universidade, já que fazem parte de setores-chave na construção e manutenção da instituição. Entende-se que muitos outros cargos são de suma importância na construção da universidade, entretanto, houve uma limitação a poucos cargos em consequência do próprio processo de pesquisa científica: capacidade de coleta, transcrição, tabulação e análise dos dados em um período de tempo relativamente curto.

Os cargos ocupados na UNILA pelos seis entrevistados são:

1 Arquivista: profissional escolhido não só por trabalhar com o manejo de um grande e diverso volume de informações institucionais, mas por ser o profissional responsável pela preservação da memória institucional. O arquivista é o responsável pela eficácia da recuperação da informação e sua atuação pode influir no processo decisório das instituições, bem como na visão sobre sua evolução e identidade (BELLOTTO, 2003).

2 Assistente em Administração: a escolha em entrevistar dois servidores ocupantes desde cargo ocorreu em função da quantidade de Assistentes em Administração que a universidade possui. Essa quantidade expressiva está presente desde o primeiro grupo de servidores TAES convocados pela UNILA em 2011 (edital UFPR-UNILA Nº. 25/2010).

1 Auditor: o auditor é um profissional que, do ponto de vista ao acesso de documentos e informações, ‘circula’ por toda a instituição. Esse profissional possui acesso a todos os setores da universidade e a informações confidenciais da UNILA. Cabe ressaltar que, segundo o IIA, o auditor auxilia uma instituição a realizar seus objetivos, avaliar e melhorar a eficácia dos processos de gerenciamento de riscos, controle e governança.

1 Engenheiro: do ponto de vista prático, e porque não simbólico, o engenheiro é o responsável por estruturas que sustentam uma edificação. O Engenheiro da UNILA acompanha desde o início a construção da obra de implantação do campus universitário, um grande projeto, sob a assinatura do arquiteto Oscar Niemayer. Pode-se pensar que este profissional trabalha diretamente com a fundação da universidade, no levantamento do prédio que é um dos grandes símbolos dessa universidade na cidade de Foz do Iguaçu.

1 Secretária Executiva: as maiores decisões de uma instituição passam pela alta gestão da universidade: Diretoria de Centros, Pró-reitorias e Reitoria. Em todos esses espaços, a UNILA conta com um profissional lotado no cargo de secretária executiva, sendo esse um profissional de suma importância tanto na circulação de informações quanto nas decisões tomadas pela gestão da universidade. Segundo Baptista e Ramos (2014), a secretária executiva “é um importante centro de comunicação e informação, ponto de passagem de muitas pessoas (...). Detém consigo poder significativo, em virtude da enorme gama de informações que passam por ela” (BAPTISTA; RAMOS, 2004, p. 72).

A subjetividade humana se estrutura através da linguagem, em uma complexa rede de significações e sentidos, que fundam os discursos. Dada a complexidade de sua estruturação a partir da linguagem, o discurso pode ser analisado a partir de diversas abordagens. Entende-se que um método que “faz frente” a essa heterogeneidade constitucional do discurso é o método psicanalítico, criado em 1900 a partir da publicação “A Interpretação dos Sonhos”, do médico

austríaco Sigmund Freud.

Desde Freud, a psicanálise recebeu a contribuição de grandes pensadores, tais quais: Jung, Anna Freud, Melanie Klein, Winnicott, Jacques-Alain Miller, entre outros. Contudo, foi no pensamento de Jacques Lacan que a psicanálise aproximou-se de forma contundente às ciências linguísticas, o que culminou em uma releitura da teoria freudiana. A partir de Lacan, passou-se a entender o inconsciente estruturado como uma linguagem, o que equivale a dizer que ele funciona sob as leis desta.

A leitura que a psicanálise faz sob o discurso do sujeito, a chamada interpretação, não tem como objetivo emprestar um sentido à fala de uma pessoa, procurando um significado escondido. Há que se identificar antes um significante escondido. A interpretação, em Psicanálise, possibilita que haja uma não-restrição aos efeitos de sentido do significante, para introduzir o sujeito em significações novas (SETTINERI, 2000, p. 30-33).

Dessa forma, na escuta dos TAE's em suas considerações sobre a UNILA, não foi a pesquisadora que atribuiu sentido as falas, mas os próprios entrevistados. O papel da pesquisadora limitou-se a apontar, através da escuta e da análise dos dados, questões/queixas relativas ao tema da integração. Levando em conta a dimensão institucional, isolou-se traços que se repetiram no discurso dos TAE's, os quais vieram à tona através da associação livre possibilitada pelos questionamentos. Através da escuta dos entrevistados, foi possível identificar as chamadas 'formações do inconsciente', tais quais os chistes e os sintomas, os quais apontaram contradições entre o discurso dos TAE's e o discurso institucional.

Freud, desde o início de sua obra, apontou que toda psicologia individual é ao mesmo tempo uma psicologia social - conquanto concebe o sujeito como formado através de identificações para com outros seres humanos. A partir desse pressuposto, a pesquisadora buscou a Psicanálise aplicada para realizar uma aproximação entre os conceitos da clínica e o funcionamento simbólico e social das instituições. Com base nessa aproximação, devidamente fundamentada, foi possível realizar a análise do discurso através da transcrição de trechos da fala dos sujeitos, em contraponto às citações dos documentos institucionais. Para realizar tal tarefa foi de suma importância levar em consideração tanto o contexto social em que a UNILA se insere, quanto a história da universidade e da integração da América Latina, a qual atua como o pano de fundo sobre o qual são tecidas as significações referentes ao tema da integração.

3 A UNILA, A INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA E A PSICANÁLISE – INTERSECÇÕES POSSÍVEIS

3.1 O alicerce que sustenta a UNILA: o discurso da integração latino-americana e seus fundamentos

Segundo Santos (2008), a história da integração latino-americana se inicia muito antes da formação dos blocos econômicos, como hoje são conhecidos. Ela nasce em conjunto com o ideal de independência dos Estados Latino-Americanos no século XIX: foi em 1815 a escrita de um dos primeiros manuscritos que continham a ideia de uma integração das colônias latino-americanas: a “Carta da Jamaica”, também conhecida como “Carta Profética”. A carta foi escrita em setembro de 1815, por Simón Bolívar, o libertador, cujas lutas permitiram que vários territórios do continente americano deixassem de ser colônias da Espanha e se tornarem independentes. Esses territórios deram origem à Venezuela, à Colômbia, ao Equador, ao Peru e à Bolívia.⁵²

A Carta da Jamaica indicava a necessidade de obter e sustentar a liberdade dos Estados independentes, conforme conquistada no processo de independência. caminho indicado pelo documento para alcançar esse objetivo foi o processo integrativo. Inicialmente, Bolívar vislumbrava a constituição de um Estado republicano e democrático a partir da libertação do vice-reinado de Nova Granada (constituído por Colômbia, Venezuela, Panamá e parte do Equador), carregando o ideal de que posteriormente houvesse uma integração com os demais Estados latino-americanos. A luta integracionista nesse momento era de caráter anticolonialista, e não possuía como finalidade a integração econômica. Ainda assim, no intuito de atrair a Inglaterra como protetora do Estados Independentes contra a Santa Aliança⁵³ e a Doutrina Monroe⁵⁴, Bolívar acenava a possibilidade da constituição de uma zona de livre comércio entre os Estados membros, cujo principal beneficiário seria a Inglaterra. A Inglaterra, entretanto, não encontrava vantagens na integração dos países da América, já que podia negociar bilateralmente quando houvesse interesse de comércio com alguns desses países.

⁵²Informações disponíveis em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/america-independente-1-simon-bolivar-foi-personagem-principal.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2016.

⁵³A Santa Aliança era constituída por França, Rússia, Prússia e Império Austro-Húngaro e considerava as colônias americanas como mera extensão das metrópoles europeias. Na prática, visava a manutenção do *status quo* político da Europa, estabelecido no Congresso de Viena, e suprimia as revoluções liberais no território europeu.

⁵⁴A Doutrina Monroe recebeu este nome em referência ao presidente James Monroe, e estabelecia que o continente americano não seria alvo de recolonização europeia. A Doutrina possuía caráter intervencionista, ao estabelecer que qualquer política externa dirigida ao continente americano dependia da anuência dos Estados Unidos.

As ideias contidas na Carta da Jamaica nortearam a realização, em 1826, do Congresso do Panamá, notadamente o primeiro grande marco histórico na constituição do pensamento integracionista da América Latina. O congresso objetivava a união dos povos latino-americano para constituir governos livres e Estados independentes, bem como lutar contra inimigos em comum que deveriam garantir os princípios de liberdade, igualdade e equilíbrio dos Estados, além de garantir a inserção dessa comunidade no cenário internacional.

Ainda segundo Santos (2008), Bolívar não pactuava com a inserção do Brasil na Confederação que pretendia formar. Entendia o Brasil como uma ameaça, um representante da Santa Aliança na América, inclusive porque o país adotara o regime de governo monárquico, tal qual as metrópoles europeias. Assim, mostrava-se contrário à participação do Brasil no Congresso do Panamá. Apesar desse fato, o país foi convidado (assim como os Estados Unidos) pelo general Santander, presidente da Grã-Colômbia. O Brasil aceitou o convite para participar do congresso, mas seu representante não chegou a tempo para as deliberações, ao contrário de outras delegações que chegaram ao Panamá desde um ano antes da realização do congresso.

O congresso teve duração de quase um mês, durante o qual os Estados membros celebraram o Tratado de União, Liga e Confederação Perpétua, cujas ideias são consideradas precursoras da integração latino-americana e, dentre elas, a indicação da forma de governo dos membros (republicana e democrática), os princípios de convivência pacífica e o respeito às cláusulas do direito internacional.

Não tendo entrado em vigor, o tratado não alcançou o objetivo de estabelecer a união política dos Estados, e as duas décadas que se seguiram não apresentaram avanços no processo de integração latino-americana, pela ausência dos países nas conferências e assembleias sobre o tema. Entre 1847 e 1865, houve congressos em Lima, no Chile, e em Washington e nenhum deles possuiu tratados ratificados (SANTOS, 2008).

Uma novidade no processo ocorreu entre dezembro de 1864 e março de 1865, durante o segundo congresso em Lima, no Peru:

Diferentemente dos congressos anteriores, o segundo Congresso de Lima reuniu-se em virtude da crescente intervenção europeia nas questões internas e externas dos Estados latino-americanos. Suas decisões abandonaram a linha confederativa adotada por Bolívar para centrar-se num estreitamento de laços intergovernamentais, buscando a cooperação internacional e a junção de esforços para o enfrentamento de problemas comuns (...) Tanto o primeiro quanto o segundo Congresso de Lima estão impregnados das ideias do argentino Alberdi, ao privilegiar a regulamentação, através de legislação internacional uniforme, de um conjunto amplo de problemas comuns como o

comércio, os transportes, as comunicações, a defesa e o asilo político. Dessa forma, os congressos não teriam mais uma função primordialmente antieuropeia, mas a de promover a colaboração dos Estados para as questões econômicas e sociais comuns. Essa orientação passaria a prevalecer, daí por diante, nos congressos pan-americanos. Independentemente das aludidas mudanças de rumos, nenhum dos tratados foram ratificados (SANTOS, 2008, p. 187-188).

Nas palavras do autor pode-se perceber que o ideal bolivariano da integração latino-americana, baseada no combate à ameaça de recolonização dos Estados por parte das antigas metrópoles, permaneceu como principal fio condutor das ideias de integração por 50 anos (tendo como base a carta da Jamaica, datada de 1815). No segundo congresso de Lima, os debates foram influenciados por Alberdi⁵⁵, um dos mais influentes ativistas liberais argentinos de seu tempo. Segundo o autor, a partir daí a preocupação da integração latino-americana passou a basear-se mais em problemas sociais e econômicos comuns, do que numa ideologia antieuropeia, tendo sido afastado o fantasma da recolonização. O “Confederalismo Bolivariano”, cuja ênfase estava na integração política dos estados, foi substituído por ideais mais pragmáticos centrados numa política de aproximação gradual.

Entretanto, faz-se notório o fato de que, apesar dos esforços das lideranças integracionistas e da participação dos países em congressos sobre o tema, os tratados que ocorreram desde o surgimento da ideia de integração (Carta da Jamaica, 1815) até o segundo congresso de Lima (1864) não foram efetivados, não tendo sido ratificados pelos países. Esse fato demonstra claramente a dificuldade da consolidação do ideal de uma América Latina integrada, “a pátria de todos os americanos” nas palavras de Bolívar. O mesmo pode ser dito em relação a esperança que animava Bolívar em 1818: “Una sola debe ser lapatria de todos los americanos, ya que en todo hemostenido una perfectaunidad”⁵⁶. Desde Bolívar, acreditava-se na integração política como forma de consolidar uma espécie de “nacionalidade latino-americana”, em virtude da proximidade de traços culturais. Entretanto, o que a prática mostrou foi a dificuldade em atingir uma unidade entre os países da América Latina, seja pela falta de adesão dos países na operacionalização dos tratados acordados ou mesmo pela ausência dos Estados membros quando convocados para debater o tema.

⁵⁵“Juan Bautista Alberdi foi jurista, escritor, jornalista e economista, sempre preocupado com a construção da nacionalidade de uma região que seria a atual Argentina, em um dos momentos iniciais da expansão do capitalismo, cujo centro de interesse era a Inglaterra. Procurou entender seu país a partir de uma perspectiva liberal, porém, considerando as estruturas locais. Defendeu, no processo, a inclusão social e regional, uma melhor divisão de poder e um federalismo fiscal mais justo para a região (BRAGA, 2014, p. 1).

⁵⁶Informações disponíveis em: <http://www.formacion.psuv.org.ve/wp-content/uploads/2010/08/COMUNICACION-DE-BOLIVAR-A-PUEYRREDON-MAR-DEL-PLATA.pdf>. Acesso em 30 de outubro de 2017.

A despeito de todas as ressalvas que surgiram ao longo do tempo em relação ao projeto bolivariano de integração, cabe ressaltar a importância da figura de Simón Bolívar na construção do pensamento integracionista, que mesmo tendo sofrido alterações ao longo dos anos, continua tendo o libertador como símbolo de luta, conforme mostra Figueiredo (2015):

Para a América Latina sua imagem tornou-se simbólica dos projetos de unidade, a ponto de ser disputada por correntes antagônicas. O pan-americanismo, integração com os EUA, e o latino-americanismo o reivindicam como seu fundador. Até mesmo a assembleia das Nações Unidas o reconheceu como seu próprio precursor (FIGUEIREDO, 2015, p. 269-269).

O autor deixa claro a marca do bolivarismo como o cerne do pensamento de integração regional, o qual tem sido defendido e modificado há anos e que encontra no MERCOSUL sua expressão mais atual. Mesmo o movimento pan-americanista, que visava sedimentar as relações intergovernamentais de colaboração para a concretização do interesse individual de cada país - sem o ônus da perda da soberania como na adesão confederativa proposta por Bolívar – reconhece suas raízes nas ideias do libertador venezuelano.

O pensamento de Bolívar tornou-se referência na construção democrática internacional, direcionando não somente as organizações latino-americanas, mas os próprios preceitos encontrados hoje na ONU. Figueiredo (2015, p. 269), cita também a 103ª sessão plenária da Assembleia das Nações Unidas em 1976, cuja resolução presta homenagem à Bolívar:

La Asamblea General (...) rinde homenaje al Libertador Simón Bolívar como promotor de la integración latino-americana y como forjador de planes constructivos para la organización internacional en escala continental y mundial y al efecto dispone colocar una placa conmemorativa en un sitio del edificio de la Sede de Las Naciones Unidas como tributo permanente a su memoria; Reconoce que el Congreso Anfictiónico del Panamá representa el más relevante y denodado ensayo unionista en el plano internacional del siglo XIX (FIGUEIREDO, 2015, p. 269).

A referência que as Nações Unidas fazem à Bolívar como promotor da integração latino-americana é importante de ser resgatada, já que dá provas da importância de Bolívar como o grande pensador/idealizador da integração latino-americana. Seus ideais democráticos e integracionistas são aí reconhecidos como de influência mundial, tendo a Assembleia Geral da ONU ratificado o Congresso do Panamá como o evento mundial mais importante do século XIX, no que diz respeito aos esforços internacionais na direção de uma integração regional.

Cabe salientar que mais de 60 anos de lutas em torno de um projeto de integração latino-americana foram interrompidos quando Bolívia e Peru entraram em guerra contra o Chile (1879) pelas regiões de produção de guano (adubo), fato que bem exprime a dificuldade enfrentada por um projeto de unificação daquela natureza. As tentativas de integração na América ressurgiram durante o chamado pan-americanismo, sendo dessa vez encabeçadas pelos Estados Unidos, mas tendo como máximo avanço a pactuação de acordos bi ou multilaterais entre os países do continente americano. Durante esse período, os países latino-americanos não estavam mais implicados no processo de integração e o cenário apenas modificou-se após a Segunda Guerra Mundial e a criação da CEPAL⁵⁷, em 1948. Foi a partir da década de 1950, que os países se organizaram em torno de metas econômicas comuns, tornando-se modernas organizações internacionais de integração econômica, nomeadamente: o Mercado Comum Centro-Americano, o Pacto Andino, a Associação Latino-americana de Livre Comércio (ALALC), a Associação Latino-americana de Desenvolvimento e Integração (ALADI) e por fim, o MERCOSUL (SANTOS, 2008).

Enfim, analisando a inserção do Brasil na história da integração latino-americana, pode-se observar que o país esteve à margem das primeiras iniciativas nesse sentido, muito tendo contribuído para isso a opção brasileira pela forma de governo monárquica até 1889, além das diferenças culturais em relação aos outros países latino-americanos, decorrentes de sua colonização portuguesa.

Segundo Bueno, Ramanzini Junior e Vigevani (2014), apenas a partir de meados dos anos 1980 o Brasil passou a ver a questão regional como eixo estruturador de sua política externa. Isso porque, anteriormente, sempre houve um forte atrativo em estabelecer relação com a maior economia do continente, os Estados Unidos da América. Além disso, apenas após as mudanças econômicas e políticas dos anos 1970 e 80, o interesse das elites brasileiras voltaram-se para integração, que passou a ser entendida como sinônimo de desenvolvimento:

quase até o final do século XX o tema da integração regional não estava no centro do debate no Estado e na sociedade brasileira. Nem no plano político, nem no econômico, nem mesmo cultural (...) O Brasil, como quase todos os países da América Latina, esteve condicionado no século XX pelas relações com os Estados Unidos. Os temas da aproximação com esse país, como obter benefícios dessa relação, como ser autônomo e fortalecer um projeto nacionalista, fizeram e fazem parte de um debate permanente. O desdobramento foi a não urgência de um projeto de integração regional,

⁵⁷Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, criada em 1948, vinculada a Organização das Nações Unidas (ONU) e que têm entre suas atribuições a de promover o desenvolvimento econômico e social mediante a cooperação e a integração de caráter regional e sub-regional.

continuamente remetido a um depois um pouco distante. (...) Após mudanças políticas e econômicas, a noção de desenvolvimento acabou encontrando um terreno comum com a noção de integração. Esta é absorvida no corpo do Estado brasileiro e nas suas elites. Nos anos 2000, a criação da Una-sul sugere que a preocupação pela integração se estende a toda a América do Sul (BUENO; RAMANZINI JUNIOR; VIGEVANI, 2014. p. 10-11).

A partir dessas considerações, é possível compreender que o projeto de integração latino-americana, apesar de permeado desde o início também por um ideal de integração cultural, é, em grande medida, direcionado pelo interesse econômico, em especial das elites do país – a exemplo do Brasil. Isso porque, conforme mencionado pelos autores acima, todos os processos de integração partem do pressuposto de que serão benéficos para o próprio país, para toda a sociedade e para as elites. Esse interesse sempre levou o Brasil a privilegiar a aproximação com os Estados Unidos, enquanto maior potência continental. Na aproximação com esse país, o Brasil sempre preocupou-se com o fortalecimento dos interesses nacionais, o que obviamente não pactuava com projetos de integração regional. Pode-se afirmar que, em grande medida, por um longo período não houve um grande espaço para os interesses integracionistas na agenda brasileira.

Torna-se bastante interessante refletir que foi apenas após superar o período da ditadura militar que o Brasil voltou-se ao projeto de integração regional, mesma década em que (como posteriormente será debatido) reformulou os preceitos que guiavam suas universidades públicas, tornando-a socialmente referenciadas. O ato de voltar-se a uma política que privilegiava o âmbito regional denota um direcionamento político que reflete nas instituições sociais, e que é sempre compatível com um tipo de sociedade que se quer construir. Assim sendo, o projeto de integração latino-americana interessou ao Brasil a partir de uma década em que o país pôde perseguir um ideal de sociedade democrática, o que coaduna com os preceitos de que, desde o início (inspirado em Bolívar), nortearam os ideais de integração.

Nos anos de 1985 e 1986, os governos do Brasil e Argentina começaram a considerar que o progresso da integração passaria necessariamente por uma mudança de postura entre as duas nações. A esse tempo, o governo brasileiro adotou uma clara política de apoio ao processo de integração regional, notadamente no que dizia respeito à cooperação econômica com a Argentina. A integração latino-americana dependia da integração prévia do Cone Sul⁵⁸, e esta dependia das relações entre Brasil e Argentina, que passaram por uma grande

⁵⁸O Cone Sul é uma região geográfica que engloba a Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, e recebe esse nome por conta de sua aparência que assemelha-se a uma triângulo.

reformulação durante o governo Sarney. Focou-se na superação de rivalidades e desconfianças entre os países e no estabelecimento de um espaço privilegiado de entendimento democrático e de integração econômica que desembocou no MERCOSUL. A política brasileira de integração em si ancorava-se no MERCOSUL, embora o país tenha buscado outras alternativas como a criação da UNASUL, durante o governo Lula (BUENO; RAMANZINI JUNIOR; VIGEVANI, 2014).

Apesar de haver bem mais de um século sem grande envolvimento com o projeto de integração, o Brasil foi o país que mais contribuiu para a criação da Comunidade Sul-americana de Nações em 2004, a qual deu origem à UNASUL em 2008. Protocolou vários projetos de cooperação regional no intuito de suplantar através do processo de desenvolvimento regional (ALVES FILHO, 2016, p. 1070). A UNASUL (União de Nações Sul-americanas) é um bloco que reúne os doze países da América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela. O acordo tem como principal objetivo fomentar a integração entre os seus países membros. Diferentemente do MERCOSUL, que pretendia criar uma zona de livre-comércio entre seus países membros, a UNASUL tem como principal objetivo, de acordo com o tratado constitutivo do bloco, criar um espaço de integração. Esta mesma instituição busca consolidar uma identidade sul-americana e promover ações nos campos de desenvolvimento social, erradicação da pobreza, desigualdade e analfabetismo, defendendo o acesso universal à saúde, educação e seguridade social. O bloco visa também a integração industrial, produtiva e energética e a luta contra o terrorismo, a corrupção, o tráfico, o crime organizado e o armamento nuclear. Além disso, há uma preocupação em proteger a biodiversidade da região e realizar pesquisas científicas em comum⁵⁹.

Para Salgado e Oliveira (2011), o MERCOSUL permanece sendo o eixo central da integração regional, mesmo após a criação da UNASUL:

O Mercosul (...) é o instrumento capaz de dar profundidade e substância à integração regional, por meio dos esforços de integração econômica. É o elemento capaz de assegurar um grau mais elevado de interdependência regional, que preveniria sua dissolução por motivos momentâneos e passageiros(...) teria um efeito muito mais importante no sentido de gerar uma dependência mútua entre os países, do que uma simples área de livre comércio. (...) A criação da UNASUL diz respeito à necessidade de dar prosseguimento à integração regional (...) por conta de seu caráter de menor institucionalização, é um caminho mais simples de implementar a

⁵⁹Informações disponíveis em: <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/unasuluniao-das-nacoes-sulamericanas.htm>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

cooperação regional em temas importantes que não o econômico/comercial, sem que seja necessário o longo período de negociação e adaptação econômica, como se daria no Mercosul (SALGADO; OLIVEIRA, 2011, p. 4).

Para os autores, o caráter comercial do MERCOSUL é de suma importância para um projeto de integração regional permanente, já que a distribuição de ganhos econômicos entre os países sul-americanos possibilita uma vinculação estrutural, e não apenas conjuntural. Assim, a vinculação econômica entre os países do bloco asseguraria que o projeto de integração não fosse facilmente ameaçado por questões situacionais. Segundo essa interpretação, a contribuição do MERCOSUL para o processo de integração regional ultrapassa o âmbito econômico, por criar laços de dependência entre os países envolvidos.

Já a leitura sobre a UNASUL é a de que ele é um bloco econômico diferenciado e menos burocratizado, que pode fomentar a cooperação regional em outros âmbitos que não o econômico, sem a lentidão que as propostas levariam para serem impulsionadas internamente no MERCOSUL. Dessa forma, a UNASUL seria um canal de articulação e tomada de posições comuns, ao passo que o MERCOSUL, em decorrência da complexidade apresentada pelo fator econômico, garantiria uma interdependência regional.

Segundo Salgado e Oliveira (2011), o MERCOSUL responde ao interesse estratégico brasileiro de integrar toda a região sobre a sua liderança, e sua agenda recente tem sido ocupada pela questão da distribuição dos benefícios da integração, discussão sobre o fortalecimento do bloco e sobre a internalização da lógica da integração nos países-membros.

Mais uma vez torna-se notório não só o esforço mútuo de diversos países para o progresso da integração regional, como também a dificuldade na concretização deste ideal que vem sendo perseguido há bastante tempo. Pode-se tomar como amostra dessa constatação o fato de ter sido criado um outro bloco econômico complementar (UNASUL), apesar da existência do MERCOSUL.

Para Bueno, Ramanzini Junior e Vigevani (2014), os últimos governos do Estado brasileiro, inclusive o de Dilma Rousseff, foram claramente favoráveis à continuidade da integração. Na realidade, desde 2003, a integração regional ganhou novos contornos e prioridades, tendo a cooperação com os países do Cone Sul adquirido novas conotações além da comercial: preocupações em relação às questões sociais e culturais no seio do MERCOSUL. O Brasil também participou da criação, em 2010, da criação da comunidade dos Estados Latino-americanos e Caribenhos (CELAC) (ALVES FILHO, 2016). No que se refere ao processo de integração regional, a reunião das alianças e agrupamentos regionais da

CELAC e UNASUL em conjunto a Aliança Bolivariana para as Américas, foi denominada por Dabène (2014) como “quarta onda de regionalismo”.

Em relação aos anos de 2003 a 2010, o instituto fundado pelo ex-presidente e ex-sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva faz gosto em declarar que o mandato do presidente:

promoveu uma remodelação na política externa brasileira (...) Nesse processo, os países da América Latina e do Caribe desempenharam, desde cedo, papel importante(...) Lula fez 114 viagens aos países da região, que resultaram num aumento de quatro vezes no saldo comercial com a região, que saltou de cerca de dois bilhões, em 2002, para oito, em 2010⁶⁰.

A declaração e os dados apresentados apenas ilustram o posicionamento (tal qual aparece no discurso do instituto que leva o nome do ex-presidente) do governo brasileiro durante esses recente oito anos da história do Brasil - no que tange o projeto de integração regional. Tais afirmações reiteram avaliação de Bueno, Ramanzini Junior e Vigevani (2014, p. 10) sobre o período que vai de 2003 a 2010, conforme apresentado nos parágrafos anteriores. Faz-se necessário lembrar que foi no governo desse mesmo presidente que a universidade alvo desse trabalho, a Universidade Federal da Integração Latino-americana, foi criada. O próprio Ministro da Educação de seu mandato, Fernando Haddad reiterou que “A criação da Universidade da Integração Latino-Americana [foi] uma encomenda antiga do presidente Lula ao Ministério da Educação. Ela representa um gesto de aproximação, um desejo sincero de integração do presidente”⁶¹.

Por ocasião da aula inaugural da universidade, o ex-presidente deixou claro seu posicionamento em relação à criação da UNILA:

O maior desafio da UNILA é tornar-se a alma gêmea da integração regional (...) Algo que parecia ser perdido (...) começa a pulsar em nossos corações: o sentimento de pertencer a uma mesma comunidade de destino. (...) O principal desafio de uma integração regional não é sobrepor o que já existe em cada país, mas, sim, criar novas estruturas que funcionem, elas próprias, como alavancas indutoras de uma outra lógica de desenvolvimento. Esse é o espírito que deve orientar a UNILA, esse é o protagonismo estratégico que esperamos dela como caixa de ressonância de um novo e auspicioso capítulo da unidade regional (...) Eu estou dizendo isso porque esta universidade vai

⁶⁰Informações disponíveis em: <http://institutolula.org/america-latina/iniciativa>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

⁶¹Informações disponíveis em: [HTTPS://WWW.ITAIPU.GOV.BR/SALA-DE-IMPRESA/NOTICIA/PROJETO-ASSINADO-POR-LULA-CRIA-EM-FOZ-UNILA](https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/projeto-assinado-por-lula-cria-em-foz-unila). Acesso em 06 de janeiro de 2018

formar uma nova consciência política na América Latina. Possivelmente daqui a 10 (...) ou 25 anos, nós já teremos uma doutrina, na América Latina, criada por esta universidade. (...) Então, eu tinha quase que uma obsessão de criar uma universidade latino-americana (Discurso do presidente da República durante a aula inaugural da UNILA).

Com efeito, tanto a história política de Lula quanto do partido que ajudou a fundar (Partido dos Trabalhadores), deixam claro que a integração regional da América Latina sempre foi uma das suas principais bandeiras. Em suas declarações, Luís Inácio afirmava a necessidade de impulsionar todas as formas de integração da América Latina, com vistas à fortalecer a identidade histórica, social e cultural dos povos latino-americanos. Lula declaradamente foi sempre um dos maiores entusiásticos promotores do MERCOSUL e seus programas de governo repetitivamente enfatizavam a intenção de fortalecer as relações do Brasil com outros países do bloco (ALMEIDA, 2002).

Sabe-se que a defesa da integração latino-americana faz parte da bandeira fundacional do Partido dos Trabalhadores (PT), que desde seu programa inicial tinha como plano de ação a luta pela independência nacional e o combate ao imperialismo. Desde suas primeiras candidaturas, Lula realizava promessas da adoção de uma política anti-imperialista, com ênfase na luta pela soberania nacional, no apoio aos movimentos em favor da luta dos trabalhadores e no progresso do socialismo (ALMEIDA, 2002). O imperialismo foi o movimento de expansão do poderio dos EUA sobre os demais países, marcado pela expansão territorial e intervencionista deste país, em prol de seus próprios interesses políticos e econômicos. Para Almeida, o próprio MERCOSUL foi considerado como uma espécie de "bastão anti-imperialista", em contraposição ao projeto norte-americano da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), a qual se apresentava como “um anátema na política externa do Governo liderado pelo PT, perdendo apenas em importância na escala de inimigos ideológicos para o neoliberalismo e a globalização selvagem promovida pelas grandes empresas multinacionais” (ALMEIDA, 2002, p. 3).

No bojo da bandeira anti-imperialista e socialista, Lula e o PT sempre defenderam uma política de solidariedade entre os povos oprimidos, bem como o respeito mútuo entre as nações e a cooperação para a paz mundial. Como proposta de enfrentar a dominação estadunidense, as candidaturas de Lula sempre pregaram uma política de não-intervenção externa no país, e a plena igualdade de direitos e benefício mútuo entre os países. Nessa mesma linha, defendia-se um mundo com mais equilíbrio econômico, social e político, com respeito às diferenças culturais, étnicas e religiosas. A soberania regional passou a ser defendida através da ideia da construção de uma cultura de paz entre as nações, e do

aprofundamento da integração econômica e comercial entre os países, especialmente através do MERCOSUL.

Ao resgatar-se a missão institucional da UNILA, observa-se que a universidade foi criada para favorecer a integração regional, especialmente no que tange os países que fazem do MERCOSUL, o que coaduna com a proposta partidária do governo através do qual a UNILA foi criada. Da mesma forma, como será visto a seguir, o discurso presente nos diversos documentos oficiais da universidade faz referência ao projeto de integração justamente através dos termos solidariedade, cooperação e cultura da paz. Tanto o ideal integracionista, quanto a ideia de uma cultura voltada à paz e ao respeito a diferença, estão claramente presentes no discurso anti-imperialista que fundou o Partido dos Trabalhadores, e que foi bandeira de campanha do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em decorrência desse cenário, vale ressaltar a presença dessa ideologia de esquerda nos fundamentos da UNILA, em sua história, em seu discurso e em sua organização.

Segundo Alves Filho (2016), de fato houve dois governos na América Latina que tiveram gestões voltadas ao ideal de integração latino-americana: assim como Bolívar, o governo de outro Venezuelano: Hugo Chaves, e no Brasil o governo do presidente Lula. Isso ocorreu porque, após três séculos de intercâmbio preferencial com os EUA e Europa, a América Latina sofreu uma reviravolta em seu projeto integracionista com a chegada dos governos de esquerda em vários países. No Brasil, o cenário não foi diferente, já que com a chegada do partido dos trabalhadores ao poder, o Brasil comprometeu-se deliberadamente com o projeto de integração da América Latina. O envolvimento do governo Lula com o projeto de integração foi amplamente divulgado em seu mandato, sempre afirmando o compromisso de tornar a América Latina e o Caribe um polo de poder dentro da geopolítica mundial.

Quanto ao governo de Dilma Rousseff (também do PT), avalia-se que houve uma permanência da prioridade atribuída às relações com a América do Sul e da pretensão em consolidar uma liderança do Brasil nessa região. Todavia, alguns autores apontam uma certa retração no período, no que diz respeito ao grau do engajamento diplomático do Brasil em relação à América do Sul, o que estaria evidente pela sensível diminuição das visitas oficiais da presidente a esses países (mantendo apenas a média de visitas encontradas em outros governos) (MIRANDA; RIBEIRO, 2015, p. 3-4).

Atualmente, há um processo de derrota sistemática dos governos de esquerda na América Latina que ameaça a continuidade do processo de integração regional. A crise instaurada nesses governos, prevê Alves Filho (2016), contribuirá para um esvaziamento das

instituições voltadas ao projeto de integração – por falta de interesse e corte de verbas. O viés desse pensamento aponta para uma volta do favorecimento das relações econômicas que o Brasil mantém com os EUA. No Brasil, após 13 anos no poder, o Partido dos Trabalhadores deixou a cadeira da presidência da república, através do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. A partir desse fato, ocorrido em 2016, a presidência da República deixou de ser ocupada por um partido de esquerda, e passou a ser ocupada por Michel Temer, pertencente ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro – PMDB.

Levando em conta aquilo que foi apontado, sobre as consequências da queda sistemática dos governos de esquerda na América Latina para o projeto integracionista, é possível pensar que a UNILA deverá ser afetada pela mudança no discurso oficial nacional sobre o tema. Uma amostra desse fato foi a emergência da emenda, a Medida Provisória nº 785/2017, que visou encerrar o comprometimento da UNILA com a questão latino-americana, e cuja autoria pertenceu ao deputado federal Sérgio Souza, pertencente ao mesmo partido do atual presidente Michel Temer.

Após ter percorrido todas as fases pelas quais passou o processo de integração da América Latina, pôde-se entender que apesar da mudança de foco, historicamente as nações latino-americanas persistiram no processo como meio de buscar uma inserção no cenário mundial: seja para assegurar a autonomia nacional, ou inserir a região no cenário econômico global. O que também visivelmente persistiu ao longo dos anos foram as dificuldades inerentes a um processo como esse, que envolve as chamadas soberanias nacionais e diferentes culturas. Apesar dos recentes esforços do Brasil nesse sentido, inclusive criando uma universidade voltada para a concretização desse ideal (UNILA), foi bastante tardio o envolvimento do país no processo de integração. Atualmente, a continuidade histórica do processo de integração latino-americana encontra-se afetada pela chegada ao poder dos governos de direita em diversos países da região.

A partir do conhecimento do processo histórico de integração regional, torna-se possível pensar como as universidades latino-americanas se inserem nesse contexto e justamente por serem assim nomeadas (“latino-americanas”) carregam os significantes desse processo histórico. Se um processo de integração regional equivale politicamente a uma forma de pensar o funcionamento de uma sociedade, o modelo de educação (e de universidade) adotado por um país também cumpre a mesma função. As forças sociais antagônicas competem por projetos para a educação, os quais estão direcionados a um determinado projeto político-social, e a educação é um instrumento privilegiado na consolidação de um projeto de sociedade (MAZZILI, 2011, p. 205).

A América Latina de colonização espanhola (e também o Brasil, de colonização portuguesa) adotou por muito tempo um sistema universitário advindo da França, o qual se apoiava em uma concepção autoritária e na construção e legitimação de uma unidade do pensamento nacional através do ensino. Esse ensino era fragmentado, voltado à formação profissional e não incorporava a pesquisa e a extensão.

Após anos seguindo o “modelo napoleônico” de universidade, o quadro das universidades latino-americanas alterou-se através de um movimento ocorrido em 1918 em Córdoba (ARG), o qual se constituiu na principal forma de contestação acerca do papel social da universidade e de renovação das universidades latino-americanas. A Reforma de Córdoba não só trouxe à tona a importância da extensão e da pesquisa junto ao ensino, como também teve um significado político fundamental: alçou a universidade à condição de patrimônio da sociedade (e não só daqueles que a frequentam), princípio que influenciaria e permaneceria vivo até hoje no pensamento da universidade pública brasileira. O movimento foi o marco da superação do paradigma então vigente, e trouxe os princípios da autonomia e democratização do acesso e da gestão às universidades latino-americanas (MAZZILLI, 2011).

Sabe-se que, a universidade, enquanto instituição social, reflete os antagonismos presentes da dinâmica social. Por esse motivo a Reforma de Córdoba não “se circunscreveu apenas a reformas no sistema universitário: constituiu-se como um canal de expressão dos reclamos por reformas de base, por parte de uma sociedade que experimentava profundas mudanças na sua composição” (MAZZILLI, 2011, p. 208).

Sobre a reforma universitária de Córdoba, cabe dizer que ela é considerada um marco na história das universidades latino-americanas, por ter representado uma nova proposta de modelo institucional no ensino superior. O historiador José Alves de Freitas Neto (2011) atribui a permanência da reforma de 1918 no imaginário latino-americano ao reconhecimento do papel da juventude, a maioria deles filhos de imigrantes, nos processos de modernização e urbanização. Nesse contexto, e em decorrência da Primeira Guerra Mundial, muitos intelectuais estavam revendo o europeísmo como indicador da modernidade a ser buscada, já que vários países ainda se perguntavam sobre os seus futuros como nação – pois celebravam então o seu primeiro centenário. Segundo Neto (2011),

Naquela atmosfera, as referências às questões de cada país provocaram uma redescoberta dos vizinhos: de um sentimento nacional chegava-se à condição política e econômica da América Latina. O diagnóstico de que se enfrentava um inimigo comum, o imperialismo, suscitava a aproximação entre os latino-americanos. O anti-imperialismo tornara-se uma bandeira comum nas primeiras décadas do século XX e marcou uma geração de intelectuais

(NETO, 2011, p. 68).

Pode-se notar que a Reforma de Córdoba é apresentada pelo historiador como um marco do que poderia ser chamado “pensamento latino-americano”, posto que evidenciou a posição ocupada por este grupo de países frente ao pensamento imperialista, tido como inimigo do pensamento liberal. Segundo a análise do autor, os países da América Latina acabaram por se unir em torno de uma bandeira comum, por fazerem parte de um mesmo cenário político e econômico regional. Cabe ainda ressaltar que naquele tempo os ideais que animavam a luta pela integração da América Latina permaneciam ainda tendo como influencia principal o pensamento de Simón Bolívar e, só após 1950, o foco mudou de forma que os países se organizaram em torno de metas econômicas comuns, tornando-se modernas organizações internacionais de integração econômica⁶².

Em relação ao espírito anti-imperialista que animou o movimento da Reforma de Córdoba e que esteve presente por mais de 100 anos no ideário da luta pela integração latino-americana (aproximando os países), cabe uma breve análise dos fatos apresentados. A Psicossociologia - vertente da psicologia fortemente influenciada pela Psicanálise - vem mostrar que uma das condições da formação de um grupo é a noção de possuir uma “causa a defender”, contra um exterior percebido como tirânico, obscuro e conservador. A redescoberta dos vizinhos latino-americanos parece ter se apoiado na luta contra esse exterior percebido como ameaçador, representado na figura do imperialismo.

Em relação ao sentimento que faz com que um grupo se perceba enquanto tal, Enriquez(1994) afirma que:

ódio ao exterior, amor mútuo, amor grupo enquanto grupo, sentimento de serem irmãos e de formarem uma comunidade de iguais, sentimento de serem minoritários e portadores da verdade, são essas as condições de constituição do vínculo grupal (ENRIQUEZ, 1994, p. 56).

O sentimento que nascia entre os intelectuais na época da Reforma parece fundar-se no “ódio” a um elemento exterior, representado na figura imperialista. Da mesma forma, parece que a situação política e econômica dos países latino-americanos frente ao contexto mundial, os fizeram reconhecer-se mutuamente como uma comunidade de iguais. Tendo em vista esse “sentimento de grupo” entre os países, não há surpresa em ouvir a frase proferida pelo então ministro da educação, Fernando Haddad, quando na ocasião da posse da Comissão

⁶²Informações disponíveis em: http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/pdf/10.pdf. Acesso em 31 de julho de 2017.

de Implantação de uma universidade voltada para a integração da AL: ele referiu-se a uma “civilização latino-americana”. O mesmo “sentimento” pode ser encontrado no discurso da própria Comissão de Implantação da universidade nessa mesma ocasião, para a qual existe uma espécie de “identidade latino-americana”. Tanto uma expressão quanto a outra remete ao sentimento de ‘irmandade’, nos moldes como foi descrito pelo sociólogo e psicanalista Eugene Enriquez, o qual é condição necessária à formação de um vínculo grupal.

Tanto o resgate da importância histórica de Córdoba para a formação de um “espírito latino-americano” quanto a análise sobre o vínculo formado entre os países da AL (América Latina) naquele tempo, servem para mostrar o quanto uma reforma de caráter educacional foi o reflexo do cenário social de uma época e das aspirações (integracionistas) presentes há mais de um século no seio das sociedades latino-americanas.

A opção de trazer à tona aqui os acontecimentos da Reforma de Córdoba justifica-se à medida que, não por acaso, a única universidade do mundo voltada à integração latino-americana (UNILA) cita esse acontecimento como *a referência histórica de seu compromisso com o destino das sociedades latino-americanas* (IMEA, 2009, p. 9). Vale lembrar que o governo que levou a termo a criação da UNILA possui como bandeira histórica o combate ao imperialismo, sendo esse o mesmo espírito que animou a Reforma de Córdoba, a qual se tornou referência na implementação do modelo de universidade adotado pela UNILA. A referência à Córdoba foi encontrada na introdução do livro que conta a história dessa universidade, ainda que não tenha sido encontrada nos documentos oficiais da instituição, os quais não trazem qualquer referência ao processo histórico que desembocou no atual estágio em que se encontra o processo de integração. Neste ponto, um fato importante a ser destacado é a dificuldade de se encontrar nos documentos oficiais da UNILA referências históricas que auxiliem na compreensão do que seja o processo de integração latino-americana.

Levando em conta que a UNILA possui como alicerce fundamental o discurso da integração latino-americana, parece de fundamental importância refletir sobre esse conceito. Como o significante “integração” é o alicerce da atuação institucional, foi-se buscar na legislação o conceito de integração.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), mesmo sendo um dos mais importantes documentos da UNILA, não apresenta uma definição propriamente dita da palavra integração, ou tampouco aborda em profundidade o tema. Ainda assim, podem ser coletadas ali algumas pistas sobre os significantes que aparecem associados ao termo: a ideia de integração aparece ligada a de solidariedade, especificamente no que diz respeito à construção de sociedades mais justas e à socialização do conhecimento (PDI, 2013-2017, p. 7-

8). No PDI, a palavra integração aparece sempre junto dos termos “América Latina” e “Caribe”, e o documento faz menção a uma cooperação entre instituições internacionais e universidades Latino-americanas (PDI, 2013-2017, p. 10). O conceito de integração também é associado (no PDI) ao diálogo intercultural e ao respeito à diversidade, aparecendo a expressão “integração solidária”:

Como instituição de ensino superior, [a UNILA] promove a integração enquanto processo social, cultural, político, econômico e tecnológico que viabiliza formas de cooperação estáveis entre diversos coletivos sociais, ainda que previamente antagônicos ou indiferentes entre si (PDI, 2013-2017, p. 17).

Essa talvez seja a descrição mais abrangente, contida nos documentos oficiais, sobre a que o conceito de integração se refere. Nessa passagem é possível notar que o tema da diferença, do estranho ou estrangeiro apresenta-se novamente, através de expressões como “diversos”, “antagônicos” e “indiferentes entre si”.

Em relação à lei da criação da universidade, não foi possível encontrar um aprofundamento do conceito de integração, embora ele esteja presente na missão da universidade, cujo recorte apresenta-se aqui: “formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL”⁶³. Cabe ressaltar que a integração aparece ao lado dos conceitos de desenvolvimento e intercâmbio, notadamente no que diz respeito aos países que compõem um bloco econômico: o MERCOSUL. Essa passagem é importante por que, como já foi dito, denota um recorte, trazendo para o primeiro plano a integração de países que compõem o MERCOSUL.

O Regimento Geral da UNILA traz poucas vezes a palavra integração, e não avança a discussão em relação ao que é apresentado na lei de criação da universidade. Já no estatuto da universidade, o termo “integração” refere-se a nações, povos e culturas, e não somente aos termos “América Latina” e “Caribe”: “Contribuir para a *integração* solidária *entre as nações, povos e culturas*, mediante a cooperação internacional, o intercâmbio científico, artístico e tecnológico e o conhecimento compartilhado”⁶⁴. Conforme havia sido mencionado, foi nos dois livros produzidos pela UNILA que melhor pôde-se buscar os fundamentos nos quais a universidade baseia o seu conceito de integração. Cabe ressaltar que isso só foi possível em

⁶³Informações disponíveis em PROJETO DE LEI. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/539906.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2017.

⁶⁴Informações disponíveis no Estatuto da Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

decorrência de uma única passagem na introdução do primeiro livro, “A UNILA em construção”, no qual se afirma que a universidade está “comprometida com o destino das sociedades latino-americanas, cujas raízes estão referenciadas na herança da Reforma de Córdoba (1918), [e visa] contribuir (...) na construção de sociedades (...) fundadas na identidade latino-americana” (IMEA, 2009). Da mesma forma, por ocasião da posse da Comissão de Implantação da universidade, o então ministro da educação Fernando Haddad, afirmou que a UNILA deve “formar quadros que repensem o continente (...) e pensem numa espécie de civilização latino-americana” (IMEA, 2009, p. 63). Em qualquer uma das citações mencionadas fica evidente a ideia da existência de uma sociedade, uma civilização, uma identidade ou um pensamento característico atribuído à América Latina, como se ela tivesse um corpo próprio, uma unidade.

No livro *A Unila em Construção* (IMEA, 2009, p. 11), a universidade afirma que vai contribuir para a integração latino-americana através do reconhecimento da diversidade das identidades nacionais e dos elementos que cimentam as raízes e o destino comum da América Latina. Nessa afirmação, a palavra “cimentam” possui um significado expressivo, pois transmite a ideia de uma espécie de ligação acentuada entre as nações que compõe a América Latina.

Tendo como principal objetivo promover a integração entre os países latino-americanos, a UNILA também pergunta-se como é possível uma educação voltada para esse fim, deixando “no ar” questões que empresta do cubano Lino T. Borroto López:

Es nuestra consideración que el abordage de la educación relacionado com la integración debe partir de varias respuestas a otras tantas preguntas. En primer lugar, si la educación la consideramos um factor de desarrollo, ¿cuál es el esquema de desarrollo que assumimos como paradigma?, ¿em qué carril del desarrollo nos vamos a montar? Y en outro sentido, ¿qué papel debemos asignar a la educación como mecanismo de preparación de los actores para viviren una sociedad distinta donde el forme parte de um espacio local y a la vez de um espacio global? Enfin, ¿como debe influir la educación en esse nuevo autoperibirse del ciudadano común en los nuevos tiempos? (IMEA, 2009, p. 11).

De que integração está se falando? Qual a concepção de desenvolvimento que se assume como paradigma para falar de uma educação voltada à integração? Como a educação pode preparar cidadãos para a vivência daquilo que é local/regional, e não somente global? Que educação pode formar um pensamento voltado à integração? Parece que essas questões impulsionaram o pensamento dos intelectuais responsáveis por pensar a UNILA do ponto de vista acadêmico, político e institucional; conforme fica evidente nas respostas obtidas durante

a consulta internacional realizada em 2009 pela universidade.

O Estatuto da universidade mostra que a UNILA, enquanto instituição federal de ensino, constrói seu discurso de vocação através dos conceitos de democracia e cidadania:

A UNILA tem vocação latino-americana, compromisso com a sociedade democrática, multicultural e cidadã e fundamenta sua atuação no pluralismo de ideias, no respeito pela diferença e na solidariedade, visando a formação de acadêmicos, pesquisadores e profissionais para o desenvolvimento e a integração regional (Estatuto da UNILA, artigo 2).

Desse modo, ao resgatar-se o significado atribuído ao conceito de integração latino-americana no discurso da universidade, encontra-se nos documentos oficiais outros conceitos centrais associados ao de integração: democracia, solidariedade, cooperação internacional, integração solidária (entre povos, nações e culturas), diálogo intercultural, intercâmbio cultural, conhecimento compartilhado. Apresenta-se como exercício de grande relevância notar que esses são os mesmos preceitos que encontram-se presentes nos eixos de ação e diretrizes do Plano Estratégico de Ação Social do MERCOSUL, o que mostra como o discurso sobre a vocação da UNILA foi construído a partir das premissas do bloco.

Até o presente momento, resgatou-se a história do conceito de integração latino-americana, bem como o de “América Latina”. Nessa trajetória levou-se em consideração fatos históricos e personalidades que inspiraram a construção do conceito de integração latino-americana. Pesquisou-se nos documentos oficiais da UNILA em que medida essa história encontrava-se ali retratada, bem como as possíveis definições do conceito de integração contidas nos documentos. A partir de então, percebeu-se que os documentos da UNILA não apresentam qualquer histórico sobre o processo de integração, nem explicitam em profundidade o conceito que funda a universidade. Ademais, pôde-se constatar que o discurso de vocação da universidade encontra-se ancorado no discurso do MERCOSUL, amplamente defendido pelo partido político que encontrava-se no poder quando a UNILA foi criada. Assim, pôde-se compreender que a ascensão política da esquerda no país foi fundamental para impulsionar tanto os esforços do Brasil em prol projeto de integração latino-americana, quanto a criação da UNILA.

3.2 Integração: igualdade ou diferença? Uma América Latina para quê e para quem?

No decorrer da pesquisa sobre o tema abordado, a pesquisadora também depara-se com a necessidade de analisar e entender o conceito isolado de integração, pois o que buscou-se até agora foi compreender o significado da integração da América Latina. Na busca pelo

significado da palavra ‘integração’ em si, o pesquisador depara-se com pelo menos três definições que merecem atenção especial, e que cabem ser resgatadas aqui. De acordo com o dicionário, a palavra integração refere-se à “condição de constituir um todo pela adição ou combinação de partes ou elementos” (MICHAELIS, 2017), ou ainda, ao “processo que consiste na assimilação cultural, linguística e jurídica, de forma plena, por indivíduos estrangeiros em qualquer comunidade ou nação” (MICHAELIS, 2017). A terceira, mas não menos importante designação do termo, diz que integração é a “ação pela qual substâncias estranhas ao indivíduo passam, por assimilação, a fazer parte integrante dele” (MICHAELIS, 2017).

Em todas as concepções encontradas, vale a pena isolar um elemento comum que parece atender aos três formatos: a ideia de que a palavra integração está invariavelmente ligada a uma junção ou incorporação de elementos diferentes entre si, designados pelas palavras “parte”, “estranho” ou “estrangeiro”.

Em contrapartida, ao resgatar a análise realizada nesse capítulo, faz-se prudente observar que o conceito de integração também pode fazer referência ao que é semelhante ou comum, na contrapartida do que foi considerado no início deste capítulo. Basta lembrar o que foi exposto sobre o sentimento de irmandade (p. 56) expresso em termos como “identidade ou civilização latino-americana” e “destino comum”.

Com vistas a compreender a força da expressão “integração” dentro da teoria psicanalítica, encontrou-se que este conceito foi apenas utilizado amplamente pelo autor Donald Woods Winnicott, em um contexto bastante específico, a saber, o do desenvolvimento da psique humana.

Segundo a teoria Winnicottiana (ZIMERMANZ, 2008, p. 218), a maturação e o desenvolvimento emocional da criança processam-se através de etapas de integração, já que em decorrência de uma imaturidade neurobiológica, o ser humano nasce num estado não-integrado. Segundo Nadja Nara Barbosa Pinheiro, isso significa que as experiências do bebê não são organizadas, mas vivenciadas de forma dispersa, sem estar interligadas em torno de um “eu”. Somente o entrelaçamento progressivo das vivências, experiências, afetos, representações e sensações vai se diminuindo a existência de estados psíquicos dissociados. A autora conclui ainda que “pode-se perceber, a partir dessas considerações, que o processo de integração está conectado ao movimento de construção, tanto da realidade interna quanto da realidade externa” ao ser humano⁶⁵.

⁶⁵ Informações disponíveis em: <http://www.cbpc.org.br/rev3016.htm>. Acesso em 30 de julho de 2017.

Para a psicanálise (MASSAROLI; ZERBIELLI, 2017), o “outro” possui um papel fundamental na estruturação psíquica do ser humano, já que é a mãe que proporciona a sustentação necessária para que o bebê possa integrar as partes fragmentada do seu “eu”. Somente dessa forma vai se desenhando o que é o bebê e o que faz parte do mundo externo da criança. Quando há falhas nesse processo, a criança pode não desenvolver a noção de si mesma, ou desenvolver um constante sentimento de vazio. É a mãe, enquanto objeto externo que auxilia o psiquismo da criança a integrar e organizar as representações fragmentadas.

Segundo Loparic (1996, p. 45), a angústia que, em situações futuras, acompanha os estados de não-integração, é denominada por Winnicott como “agonias impensáveis”. As também chamadas “angústias impensáveis” são as angústias frente às várias ameaças ao existir humano, tais como o medo da perda de contato com a realidade, da desorientação no espaço, do desalojamento do próprio corpo ou pânico frente a um ambiente imprevisível. A angústia denominada “impensável” é aquela advinda do estado de não-integração e que expressa a dificuldade do sujeito em progressivamente se organizar, formando uma identidade própria.

A partir das constatações acima, pode-se observar que o conceito de integração em psicanálise está ligado à construção da realidade de uma pessoa, sem a qual lhe é impossível organizar-se enquanto sujeito. De qualquer forma, o conceito aí também parece estar ligado a soma de um não-todo fragmentado, estado que tende a ceder conforme o indivíduo acumula experiências de vida, em contato com outros seres humanos. Tal concepção parece vir ao encontro dos significados já encontrado no dicionário para a palavra integração: a ideia de que a palavra integração está invariavelmente ligada a uma junção ou incorporação de elementos diferentes entre si, designados pelas palavras “parte”, “estranho” ou “estrangeiro”.

Realizando uma análise comparativa entre o significado da palavra integração (em especial para a psicanálise) e a história da integração latino-americana, pode-se dizer que os países da América Latina também possuem uma dificuldade histórica de formar um todo integrado, já que ele está sempre barrado de alguma forma pelas diferenças de cada nação. Para a América Latina, também tem sido bastante difícil se organizar e formar uma identidade própria, apesar do sonho bolivariano de integração permanecer vivo até hoje.

Parece interessante observar que as contradições próprias ao uso da palavra “integração” (unir partes diferentes x reunir-se em torno de características comuns) se encontram inclusive materializadas nas dificuldades de integração da América Latina, cujo tema esse trabalho se debruça. Há que se reconhecer na história do projeto integracionista a dialética existente entre o desejo dos países em se tornar uma irmandade (reunida em torno de

questões comuns) e a problemática do envolvimento de cada parte na concretização desse objetivo. Parece que, ao longo dos anos, o que permeou as lutas em torno do projeto integracionista foi justamente a dicotomia entre as igualdades e as diferenças existentes nos países da América Latina. Integrar para quê? Para quem? A presença de objetivos comuns x a defesa da soberania nacional. O que significa para todos, e ao mesmo para cada um, a integração? Essas e outras questões permitiram que os países fizessem, ao longo dos anos, diversos arranjos em torno do tema da integração da América Latina.

Conforme vem sendo debatido, o esforço dos países em formar uma identidade própria à América Latina sempre “tropeçou” no problema da junção entre as partes, as quais se reconhecem como iguais, mas são ao mesmo tempo diferentes. Cabe lembrar que o próprio Brasil somente empreendeu esforços para fazer parte desse ideal de uma América Latina integrada muito tardiamente, em decorrência de seus interesses diferenciados.

Levando em conta tanto as dificuldades inerentes à definição do conceito de integração, quanto à concretização de um projeto integracionista e, tomando a palavra “integração” pelo viés que a define como o ato de juntar elementos diferentes entre si (tidos como estrangeiros ou estranhos), é possível resgatar e refletir sobre um texto psicanalítico no qual Freud estuda a questão do estranho x o familiar – já que esta parece ser a contradição intrínseca ao conceito que está sendo abordado aqui.

Estudando o medo e a aversão do ser humano ao que é estranho/estrangeiro, em 1919, Freud escreve o seu texto “O Estranho”. Nessa obra, Freud mostra que aquilo que temos por estranho, e que por isso provoca certo medo ou horror, refere-se a algo que se apresenta como novo, mas que há muito é familiar: fruto do recalque inconsciente, que ao retornar à consciência provoca rejeição. Para o autor, o estranho é sempre algo que não se sabe como abordar, justamente porque aciona complexos infantis que haviam sido reprimidos (Freud, 1919, p. 2 e p. 19). Nesse ponto, aquilo que é tido como “diferente” se aproxima muito do que é familiar, ou seja, de algo que se repete na história do sujeito. Além do mais, pode-se adiantar que, para a psicanálise, o encontro com as coisas é sempre um reencontro de algo que foi perdido, em decorrência do processo de recalque inconsciente (isso será abordado adiante, explicando-se com se forma a cadeia significativa que dá origem ao discurso).

Quanto ao projeto de integração da América Latina, foi pensado por pessoas que o defenderam por interesses nacionais, mas através do surgimento de um sentimento de irmandade - inclusive em decorrência da união contra um exterior visto como ameaçador. Ao longo de muitos anos, faz-se notório os ensinamentos de Sigmund Freud sobre a necessidade do ser humano de viver em comunidade, como meio de enfrentar a sua condição existencial

de desamparo. Entretanto, como o próprio autor aponta, viver junto é também a fonte do mal-estar humano. Seria essa a grande dificuldade inerente a todo projeto que se intitula integracionista? As dificuldades teriam sua origem na difícil tarefa de coexistir com irmãos (que partilham um passado comum), que ao mesmo tempo são também “os estrangeiros”?

A psicanálise assume para si a tarefa de interrogar aquilo que é socialmente, ou na história do sujeito, tido como natural. Fiel a esta forma de trabalhar, o psicanalista Pablo de Carvalho Godoy Castanho, em um congresso latino-americano, interroga o significado da “irmandade latino-americana”, e seus votos de cooperação mútua:

Em um encontro latino-americano, promovido por uma entidade latino-americana, é imprescindível perguntarmos sobre o que nossos votos de cooperação mútua, nossa crença na —irmandade Latino-Americana, etc. nos protege. Até que ponto nós, latino-americanos, realmente trabalhamos juntos produzindo condições para pensarmos e operarmos sobre nossa situação, até que ponto o mito —Latino-Americano - apenas nos protege do caos do encontro cultural e dos horrores de nos defrontarmos com nossa própria história, nossa própria origem. O próprio nome —América Latina, já é encobridor das diversas culturas e povos que habitaram essas terras antes da chegada dos Europeus. Em um encontro latino americano como esse as línguas latinas são predominantes, ausência marcante das línguas nativas. Teresa Howard, em seu trabalho com um grande grupo na Nova Zelândia que reunia Maoris (indígenas) e Pakehas (brancos) narra um clima muito pesado e tenso que a posteriori figura por uma pergunta: —Ouso tocar as profundezas da minha história familiar para encarar o que meus ancestrais podem ter feito? (...) Quais segredos temos nós, latino-americanos, que dores e vexames teremos que atravessar para podermos pensar um trabalho conjunto? (CASTANHO, 2009, p. 26).

Através de sua reflexão, Castanho questiona se a crença em uma irmandade latino-americana em certa medida protege esses povos de se depararem aos horrores de suas próprias histórias. Quem são os latino-americanos? De onde vieram? Quais as lutas e massacres se submeteram seus povos “irmãos”? A própria questão da língua foi abordada por Castanho, ao lembrar que aquela falada pelos nativos antes da colonização europeia (bem como outras línguas faladas no continente), se faz ausente num encontro de cunho latino-americano. O autor segue sua reflexão perguntando em que medida realmente os países da América-latina trabalham juntos para pensar e modificar sua condição, e até que ponto refletem sobre a história da interação que mantiveram entre si. Parece que o autor se refere a esse ponto quando “empresta” a pergunta de Teresa Howard sobre os Maoris e Pakehas, e pontua que o desejo de realizar uma integração latino-americana não está sendo permeado por um questionamento sobre toda a história desse processo, sobre as dores e os vexames que carregam cada uma dessas nações.

As palavras de Castanho, sobre a proteção que o sentimento de irmandade oferece contra o caos (“do encontro cultural e dos horrores de se defrontar com a própria origem e história”), lembram muito o conceito de estranho em Freud. A integração não deixa de expressar esse encontro, vivido pelos humanos desde o nascimento, com o ‘outro’. O outro que ‘nos questiona’, que impõe limite aos desejos, que mostra sempre sua diferença e que, por isso, “nos impede de nos tornarmos” um todo integrado. A psicanálise mostra a importância “do todo” na constituição psíquica do sujeito, o qual nasce em uma relação simbiótica e dependente, e o quão penoso se torna para ele o fato de essa relação estar fadada um dia a desaparecer.

Neste item, enfrentou-se o difícil desafio de abordar o conceito de integração, o que exigiu a busca dos significados atribuídos à palavra em si. A partir daí pôde-se perceber a complexidade e ambiguidade que o termo comporta, referindo-se tanto aquilo que é diferente quanto ao que pode se unir através da semelhança. Buscou-se na teoria psicanalítica o conceito de integração, a partir do qual foi traçado um paralelo com as dificuldades enfrentadas pelo projeto de integração latino-americana. Essa trajetória mostrou-se importante para desnaturalizar a ideia de uma “irmandade latino-americana”, levantando alguns questionamentos que podem auxiliar na análise do discurso realizada sem, no entanto, ter-se a pretensão de respondê-los aqui. No próximo capítulo, será apresentado o arcabouço teórico utilizado na análise dos dados, mostrando-se como a psicanálise pode ser importada da clínica para o âmbito institucional.

3.3 Uma análise do discurso pelo viés da psicanálise: como isso é possível?

A psicanálise aplicada é o ramo da psicanálise que trabalha sobre tudo aquilo que não é estritamente clínico, pois estuda os fenômenos sociais e culturais, ou seja, trabalha sobre toda produção humana que não surge em consultório, em contrapartida à psicanálise clássica. Mesmo Freud, o inventor do método psicanalítico – de cunho essencialmente clínico, nunca poupou esforços na tarefa de transpor seu método para o âmbito social. Escreveu diversas obras sobre o tema, onde realizou uma análise sobre os aspectos culturais e sociais em que o indivíduo encontra-se inserido, incluindo desde a religião até as produções artísticas. Entre os textos dessa natureza pode-se citar Totem e Tabu, Psicologia de Massas e Análise do Eu, Sonhos e Delírios da Gradiva de Jensen, O Mal-estar da Civilização, O Futuro de uma Ilusão, Moisés e o Monoteísmo, Leonardo da Vinci, entre outros.

Para Mezan (2002), a tarefa da psicanálise é a de ler nas maiúsculas da cultura, coisas que podem ter validade nas minúsculas da vida psíquica individual. O autor analisa como a psicanálise pode ser utilizada na análise de produções humanas como o cinema, a literatura, a música, e esboça a mesma leitura no que tange às instituições sociais, enquanto entes que representam a cultura e os valores de uma sociedade. Mezan ressalta que a psicanálise aplicada deve seguir exatamente as mesmas regras da psicanálise clínica, e que deve-se sempre partir dos indícios mais evidentes que caracterizam tanto uma obra artística quanto uma instituição. Para ele, é completamente possível compreender o jogo pulsional que estrutura uma formação cultural, mas devem ser levadas em conta, para isso, a particularidade histórica e social dessa formação. O conhecimento da história e das peculiaridades de uma formação cultural é indispensável para ancorar a interpretação analítica:

Podemos tomar a cultura como objeto em geral da psicanálise e investigar em que medida o que a psicanálise diz sobre o ser humano pode elucidar a origem, a formação, os traços, a estrutura, as características da cultura, entendida tanto no sentido de criações do espírito quanto de instituições culturais (MEZAN, 2002, p. 326).

Desse ponto de vista, pode-se pensar que, como as instituições sociais são criações humanas, suas estruturas, características, e tipo de organização refletem não só as individualidades dos que as formam, mas também a própria forma de funcionamento psíquico dos humanos. Como toda instituição foi construída por pessoas, ela se organiza em torno de certas características, que são análogas as do indivíduo, porém menos complexas. Isso faz com que o estudo da psicanálise sobre o ser humano possa ser transposto para as instituições culturais.

Se a psicanálise trabalha com a hipótese de que todos os indivíduos são faltosos e possuem uma dimensão psíquica inconsciente (conceito que será trabalhado adiante), assim também será o olhar da psicanálise aplicada sobre as instituições sociais. Portanto, o marcante na fala de Mezan é o exercício constante que é feito pela psicanálise, ao transpor o método clínico para o âmbito social, de forma que haja sempre uma comparação entre aquilo que se observa como produção individual e o que é tido como produção cultural. Essa tarefa apenas torna-se possível se o instrumental da psicanálise for utilizado para colocar em evidência elementos inconscientes dos fenômenos sociais e políticos.

Sobre o inconsciente, Mezan (2002, p. 377), esclarece que ele

implica fatores transindividuais, cuja presença é explicada de modo simples e eficaz pelo fato de todos estarmos inscritos na cultura e na sociedade(...) a

análise de uma formação cultural vai necessariamente encontrar certos elementos desse gênero. O equívoco comum é ir diretamente para o conteúdo transindividual, esquecendo justamente o que dá à obra ou à instituição sua especificidade, e que é a forma. A forma, portanto, é aquilo que dá conta da especificidade, que faz a obra ser tal obra, e não outra” (MEZAN, 2002, p. 377).

Segundo o autor, o analista se equivoca quando busca apenas aquilo que são as maiúsculas de uma dada formação cultural, não dispensando um olhar à especificidade. Analisando a instituição alvo deste trabalho, pode-se assim exemplificar: há um conteúdo transindividual expresso não somente no fato de que a instituição está inserida na cultura e sociedade brasileira, mas também porque ela é uma IFE (Instituição Federal de Ensino Superior), como muitas outras. As IFE`S tem regras próprias de funcionamento, e estão assujeitadas ao Ministério da Educação (MEC), o qual representa para essa instituição a lei e a norma social. Todavia, a UNILA está totalmente apoiada no alicerce da integração latino-americana, e essa é uma especificidade fundamental que o analista não pode deixar de olhar. Se a forma é aquilo que dá conta da especificidade e que faz a obra ser tal obra, então pode-se dizer que o foco na integração latino-americana, associada à história dessa instituição, é o que desenha a UNILA. São essas características, associadas à dinâmica pulsional da universidade e também aos fatores transindividuais, que determinaram o nascimento, a organização e manutenção dessa instituição social.

Levar em conta a história institucional é de suma importância quando se trata de fazer uma análise do discurso pelo enfoque da psicanálise, já que para a psicanálise o sujeito está sempre imerso na história e é por ela constituído. Portanto, os sentidos que ele pode dar as coisas e à própria existência estão atravessados por marcas históricas. O mesmo se dá em relação às instituições, que tem sua existência atravessada por um encadeamento de fatos, de pressupostos e porque não dizer, ideologias, que emprestam sentido à existência institucional. Tal qual em relação ao indivíduo, é importante que uma instituição possa ser colocada em movimento, de forma com que se possa ressignificar suas marcas e construir novos sentidos: “para isso é necessário, antes de mais nada, assumir a história” (RIBEIRO, 2004, p. 35).

A análise do discurso é um instrumento através do qual aspectos institucionais nunca antes questionados podem ser colocados em evidência. Isso possibilita que venham à tona as marcas construídas durante a história da instituição, ou seja, aquilo que lhe é peculiar. A história se faz presente no discurso institucional, pois não se pode esquecer que tudo aquilo que o sujeito diz, seja como for, diz dentro da história (MARIANI, 2005). Os conflitos, tais como aparecem no discurso, fazem parte da história institucional, bem como da dinâmica

pulsional de todas as formações humanas, e ao serem trabalhados podem fazer surgir novos sentidos onde antes havia apenas velhos problemas.

O presente trabalho tem como objetivo analisar, pelo viés psicanalítico, um discurso institucional oficial, em contraponto ao discurso dos agentes que fazem parte da instituição. Antes de realizar esse trabalho, é necessário ter em mente que, no caso da psicanálise tudo começa com a percepção de que “algo não anda bem das pernas”, pois são nos tropeços que aparece aquilo que é inconsciente, e que é o material precioso para a psicanálise. Para o analista, o ponto de partida de qualquer processo interpretativo é sempre uma nota dissonante, e é a ela que interessa à psicanálise escutar. A aparente coerência de uma instituição precisa ser interrogada, da qual podem surgir os pontos críticos. Mezan (2002), diz que o paradigma do sonho cabe bem para ilustrar o trabalho tanto da análise clínica quanto da aplicada, pois há sempre no sonho um conteúdo aparente, no sentido do que se apresenta como visível e ao qual há sempre um conteúdo latente referido. O conteúdo manifesto (visível), é um trabalho de elaboração através do qual imagens e conteúdos desconexos viram uma história mais ou menos coerente, trabalho realizado pela consciência. Logo, tanto no sujeito quanto em uma instituição, há sempre o tecido de uma história mais ou menos coerente, que aparece no discurso das pessoas quando falam sobre si mesmas ou sobre a instituição. Tal qual no sonho, o que aparece à primeira vista no discurso é o elemento manifesto, que recobre outros conteúdos latentes. A tarefa da psicanálise é interrogar aquilo que é manifesto, para que o conteúdo latente possa emergir. Isso só é possível porque a coerência do discurso institucional não é absoluta, pois há sempre uma brecha para interrogar aquilo que está em dissonância.

Para interrogar uma instituição é preciso ter familiaridade com ela, e por isso este trabalho tem se debruçado a entender a história da UNILA e da integração latino-americana. A partir desse encontro do pesquisador com a instituição, o psicanalista pode introduzir algumas questões que interroguem o conteúdo manifesto do discurso, com vias a explicitar aquilo que há de inconsciente na dinâmica pulsional da instituição.

A função da interrogação é a de buscar aquilo que, no dia-a-dia da instituição permanece inconsciente, e por isso, imperceptível. Segundo Mezan (2002), o inconsciente sempre se constrói entre dois parceiros, e numa instituição, são múltiplos os parceiros. Entretanto, é na parceria entre pesquisador e instituição que algo da dinâmica inconsciente pode ser revelado, podendo o pesquisador levantar uma hipótese interpretativa sobre o funcionamento institucional, onde antes não havia qualquer suspeita da existência de um significado escondido. Trabalhar-se-á adiante como esses aspectos inconscientes podem ser buscados, mas é possível adiantar que a observância da seleção discursiva de algumas figuras

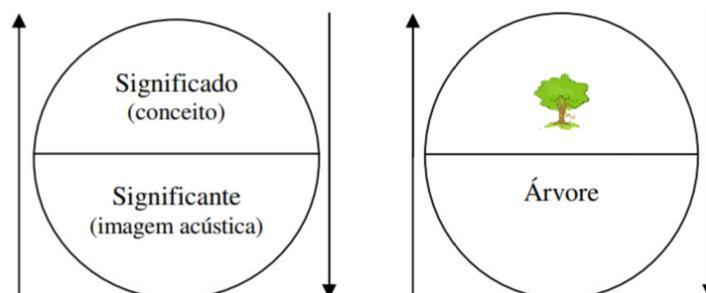
em detrimento de outras, a inibição em tocar em certos assuntos, a sequência de ações e os acontecimentos dissonantes, são aspectos importantes que se referem à dinâmica inconsciente da instituição (MEZAN, 2002).

Mas, afinal, é preciso interrogar aqui: o que é de fato o inconsciente? “O inconsciente é a parte do discurso (...) que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente” (LACAN, 1998, p. 260), segundo Lacan. Ou seja, o inconsciente não é dito pela palavra falada, ele é aquilo que no discurso dos sujeitos “escapa”. Ao escutar uma fala (discurso) a tendência de todo ouvinte é a de procurar ali um significado linear, para que se possa compreender o que o outro está falando. Acontece que, para a psicanálise, existem aspectos do discurso que não são imediatamente acessíveis pela fala consciente, posto que são inconscientes. Pode-se pensar que o inconsciente é uma parte subtraída não só da história que se conta, mas também de toda intenção de comunicação (LAPLANCHE, 1992 p.115). Isso explica como os sujeitos que proferem um discurso desconhecem parte daquilo que falam, e que será material a ser explorado pelo analista tanto no consultório quanto nas instituições.

Para Ocariz (2003), apesar da noção de inconsciente ligada às leis da linguagem já estar presente na obra de Freud, foi Lacan que deu outro rumo conceitual ao inconsciente. A ideia do inconsciente como reservatório de significantes (que é a representação psíquica de um som, traduzido em palavra), de memórias e marcas fragmentadas, Lacan propôs uma noção de inconsciente em ato: uma cadeia significante que se articula em torno de um furo. Para explicar essa noção de forma bem simples, basta pensar que a algo sem nome nós associamos uma palavra, e a essa palavra associamos outras palavras, de modo com que se forme uma cadeia de significantes: S1-S2-S3-S4 , sendo S1 uma palavra associada à uma coisa que nunca fora antes nomeada, e S2, S3, S4, palavras que se associam à palavra inicial S1. Tome-se como exemplo a seguinte sequência de significantes: fogo (S1) – queimadura (S2) – dor (S3) – remédio (S4). Os significantes são as palavras (S1, S2, S3, S4), e as imagens mentais que surgem ao ler cada palavra são os seus significados. Assim, as palavras vão ligando-se umas às outras até formar um discurso, repletos de significantes, e seus respectivos significados, sendo estes as imagens mentais associadas às palavras (as palavras S1, S2, S3 associam-se a imagens mentais, que conferem significados a esses significantes).

Ferreira-Lemos (2011, p. 96), se utiliza do gráfico abaixo para explicar a articulação entre significante e significado:

As setas indicam uma relação de reciprocidade e associação entre os dois conceitos, que são combinados e um responde ao outro:



A imagem demonstra que o significado está sustentado em um significante e vice-versa. Na cadeia S2-S3-S4 cada um dos significantes só tem sentido quando tomado em relação ao anterior.

Esse encadeamento de significantes e seus respectivos significados é o que comanda as ações de um sujeito, o que transporta-se, segundo o princípio da psicanálise aplicada, às ações de uma instituição. Por isso, analisar o discurso implica buscar essa cadeia, em que os significantes do discurso institucional se entrelaçam e produzem significados. Para Ocariz (2003, p. 11),

na economia subjetiva diversos elementos podem assumir valor de significantes que entram na cadeia imaginária do sujeito em combinatórias infinitas, impossíveis de prever. A relação do significante com o significado é sempre fluida, prestes a se desfazer (OCARIZ, 2003, p. 11).

Portanto, a combinação entre significantes forma uma cadeia que pode ser infinita, pois há sempre um deslizamento que liga/associa um significante a outro. A psicanálise chama isso de “deslizamento significante”, que é o processo através do qual um significante (simpliciter falando, uma palavra) se liga a outro, formando novas associações e adquirindo novos significados. Isso é possível porque o significante é polissêmico, sempre remete a outro significante e é próprio a cada sujeito.

O processo de análise é o processo de deciframento da articulação significante, buscando mostrar de que forma os significantes foram associados uns aos outros (DIAS, 2006). O encadeamento de S1, S2, S3 aparece na associação livre (fala), e por isso a análise vai trabalhar sobre ela, refazendo esse caminho através do qual o sujeito (ou uma instituição) foi tecendo sua história, através dessas infinitas associações.

Em suma, pode-se dizer que o inconsciente é formado por essas cadeias significantes, o que fez com que Lacan concluísse que ele é estruturado segundo as leis de funcionamento da linguagem. Essa construção coloca o inconsciente como uma “trama tecida pelo trabalho da repetição significante. É uma estrutura de significantes repetitivos que se atualizam num dizer inesperado” (OCARIZ, 2003, p. 107). Isso significa que num discurso, de forma inesperada, aparecem muitos significantes associados uns aos outros, sem que aquele que fala perceba tais associações. Há uma insistência que se pode observar na cadeia de significantes, o que mostra a importância de observar o que se repete nos discursos. Mais tarde abordar-se-á a importância da repetição ao se analisar um discurso pelo viés da psicanálise. O importante é ressaltar o fato de que sempre há um significado que se refere aos significantes de uma cadeia, e é essa trama que constitui o material precioso de análise do ponto de vista psicanalítico.

A composição da cadeia significante também se faz presente no discurso de uma instituição (como em qualquer discurso), portanto, faz-se necessário desvelar os significantes que tomaram corpo na história institucional: que se prenderam a sentidos e a partir dos quais se anunciam as condições de produção do discurso institucional (MARIANI, 2005). É sobre a trama de significantes que permeiam o discurso institucional que a psicanálise aplicada vai se debruçar, buscando explicitar aquilo que está nas entrelinhas do discurso. Assim como algo escapa ao discurso individual, por ser inconsciente, pode-se dizer que o mesmo ocorre no discurso de uma instituição, seja ele oficial ou não. Mas como ter acesso àquilo que é da dimensão inconsciente?

O inconsciente funciona com regras muito precisas, sobre as quais não é possível ter controle: ele é o estrangeiro, o inassimilável. Somente é possível ter acesso aos efeitos do inconsciente através das chamadas “formações do inconsciente” ou “formações de compromisso”: sonhos, atos falhos, chistes, sintomas (OCARIZ, 2003).

É nos sonhos, nos lapsos do discurso, nas distorções, nas lacunas e nas repetições do sujeito, assim como em seus sintomas, que temos que ler o traço apagado do significante recalcado, que emerge na linguagem particular que apreende o (...) inconsciente e que abriga inadvertidamente um sentido – o do conflito recalcado – determinando a maneira pela qual o discurso do sujeito se organiza (...) é nas entrelinhas que se situa a verdade do inconsciente. A fala, ao ser libertada (...) deixa escapar, para além do vazio de seu dizer, o apelo do sujeito à verdade, que já está inscrita em alguma parte no inconsciente (DIAS, 2006, p. 402-403).

O que a psicanálise explica, portanto, é que o inconsciente aparece através de suas formações, pois é sempre nas lacunas que ele se inscreve. Para que seja possível ao analista

escutar o inconsciente é preciso que ele preste atenção nos lapsos, atos falhos, enganos, chistes, nos sintomas. São através desses meios que aparecem os significantes que não estão explícitos no discurso, o que não significa que não possuem efeitos sobre o sujeito ou sobre a instituição.

As formações do inconsciente/compromisso revelam a nota dissonante, aquilo que se apresenta como conflito, posto que do contrário, não permaneceria inacessível à consciência (não falado). Cabe ressaltar que é o conflito que interessa à psicanálise, aquilo que destoa e que é determinante na forma como o discurso se organiza, e como os indivíduos e as instituições organizam o seu funcionamento.

A psicanálise trabalha com a falta, a qual se configura na condição de existência do ser humano e de todas as suas construções. A falta é sempre pano de fundo do conflito, e a psicanálise a busca no sintoma, no ato falho, no lapso, no sonho, na compulsão à repetição:

Se não houvesse falta, se o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde o sentido transbordar, deslizar, desviar, ficar à deriva. É nessas frestas deixadas pelos limites, nos interstícios que se formam entre as fronteiras, que vai existir um fértil e produtivo campo de análise [a se] explorar (...) pelo viés do estranhamento (FERREIRA, 2004, p. 40).

A falta funda a possibilidade de existência significativa, porque funda a própria linguagem e o inconsciente. Ela move o indivíduo, os grupos e as instituições, à medida que permite o transbordar dos sentidos, as novas construções e o deslizamento entre um significante e outro dentro da cadeia. A falta se reflete na língua, que aparece como falha, incompleta e passível de tropeços aos quais a psicanálise veio a chamar de ‘formações do inconsciente’ (sintomas, chistes, atos falhos, lapsos, enganos, sonhos). Os tropeços se configuram como fronteiras entre o que o sujeito se esforça para dizer e o que de fato ele diz (e que lhe escapa), e ali mora uma oportunidade única de análise. O estranhamento em relação a essas falhas, não deixá-las “passar em branco”, é o papel do analista, pois este sabe que a partir dali novos sentidos podem advir.

Se existe uma verdade inconsciente, é nas entrelinhas que ela aparece, ou seja, através das ‘formações do inconsciente’. Não há um discurso sequer, seja ele individual ou institucional, que não traga a marca daquilo que permanece inconsciente e, por isso, inaudível. Ao se interrogar uma instituição, o que pode ser feito através do discurso dos agentes institucionais, cabe ouvir aquilo que aparece no discurso como uma falha (formações do inconsciente), a qual remete a significantes presentes no discurso de forma camuflada.

Quando se interroga essa falha, possibilita-se a esses significantes emergirem. Diz-se significantes, no plural, porque eles nunca estão isolados. Um significante está sempre em relação com outros significantes, somente assim é que podem ter algum sentido, produzir algum significado (SAFOUAN, 1989). Sobre os ensinamentos de Lacan sobre o tema, Miller (1997, p. 78) afirma: “não há significante que não reenvie a outro”, o que quer dizer que o significante aparece sempre em cadeia, conforme foi trabalhado anteriormente.

Quando a psicanálise fala em formações do inconsciente, está falando em uma formação de compromisso com um algo além, já que o sintoma, o chiste, o lapso...não se encerram em si mesmos, mas estão comprometidos com algo a mais, que é o inconsciente. O significante escondido só aparece através das formações inconscientes, e está sempre referido a uma verdade não dita. Não se pode dizer que essa verdade está dada (que aquele que fala a esconde em algum lugar), mas que ela ainda está por vir. Não há uma luz para revelar a verdade do inconsciente, o que ocorre é que a verdadeira significação presente no discurso só é possível de ser compreendida quando se leva em conta o texto inconsciente: “É o outro texto que vem esclarecer o primeiro. Esse outro texto está no inconsciente e, quando aparece, o texto consciente toma sentido” (SAFOUAN, 1989, p. 71). Assim, aquele que fala também desconhece o que está nas entrelinhas, posto que é inconsciente, mas, quando um discurso é interrogado e os significantes escondidos surgem, é possível compreender como se construíram as significações presentes naquilo que aparece como discurso consciente.

Ao falar das formações do inconsciente, Safouan (1989) diz que a experiência psicanalítica ensina que o verdadeiro se indica por si mesmo, ou seja, é inevitável que a verdade inconsciente apareça nos troços. As formações do inconsciente demonstram as diferentes incidências do significante sobre o sujeito, pois, tomando o sintoma como exemplo, ele representa o efeito que os significantes recalcados produziram na vida do sujeito.

A psicanálise se interessa pela linguagem no limite em que ela tropeça, e os psicanalistas estão sempre atentos ao momento em que a fala derrapa (FERREIRA, 2004). Essas derrapagens são, entre outras formações, os sonhos, os lapsos, os chistes, os atos falhos e os sintomas. Todas elas, de uma forma ou outra, demonstram uma formação de compromisso com algo subjacente, que permanece fora do discurso consciente. O lugar a partir do qual o sujeito fala constitui o que ele diz, mas isso não lhe é transparente (MARIANI, 2005). Ou ainda, a análise é uma escuta diferenciada que leva em conta as formações inconscientes, constituindo-se em uma leitura daquilo que é dito pelo sujeito sem que ele saiba: algo que representa um saber que nem mesmo o sujeito sabe que tem e que

nesse momento se revela. É dizendo aquilo que ele pensa e tropeçando que a verdade, que lhe é mais íntima, pode aparecer.

Desde Freud, e segundo ele até mesmo antes, que os atos cotidianos dos indivíduos são levados em conta para além do aparente. Em uma de suas primeiras obras, “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1901), Freud vem mostrar que aquilo que comumente se tem como pequenos descuidos cotidianos são, na verdade, atos cheios de significação. Todos esses atos são tropeços no discurso, e fazem parte das pequenas perturbações funcionais da vida cotidiana das pessoas sadias (FREUD, 1901), mantendo, no entanto, uma relação direta com complexos inconscientes.

Para Freud, os tropeços desempenham um papel importante na economia psíquica das pessoas, pois ali se pode rastrear um material psíquico incompletamente suprimido, já que ainda consegue se expressar. Ou seja, o que está suprimido (pode-se dizer de um significante suprimido) está suficientemente próximo para ser eficaz, para adentrar o discurso e produzir efeitos na vida dessa pessoa. Para ele, é fácil encontrar nas formações do inconsciente (tropeços da linguagem, sonhos, sintomas) semelhanças com o material inconsciente ao qual ele representa (FREUD, 1901).

Segundo Castro (2009), as formações de compromisso são assim chamadas porque ali existe uma dialética entre o desejo e a censura: um significante reprimido (e pertencente a cadeia) encontra ali uma forma de vir à tona de forma cifrada, ligada a outros significantes. Numa palavra dita de forma errada um significante se apresenta e, ao se interrogar esse lapso esse significante é colocado num lugar de estranhamento, a partir do qual o sujeito pode (através da associação livre) resgatar outros significantes aos quais tal palavra se refere. É por isso que Lacan afirma que “Há por trás de todo lapso uma finalidade significativa” (LACAN, 2005, p. 148).

Para a psicanálise, o papel da censura seria o de interditar os desejos inconscientes para que não venham à consciência, por não serem permitidos, e a aparição dos mesmos de forma direta causaria angústia. Assim, os desejos inconscientes aparecem, por assim dizer, deformados pelos mecanismos do sonho, lapsos, sintomas (RABUSKE, 2011). Portanto, a censura é a condição da existência das formações inconscientes, que só se apresentam como tropeços devido à dificuldade da consciência em absorver aquilo que permanece reprimido. A censura existe porque na vida em sociedade há um conjunto de regras morais a serem seguidas, e faz parte do contrato social segui-las, estando sujeitos a sanções aqueles que quebram tal pacto. Pode-se pensar, a exemplo dos discursos presentes numa instituição, que nem tudo deve ser falado (em decorrência da dificuldade de aceitação que tais palavras

provocam no grupo social), o que faz com o que o recalque atue, restando aos chistes, sintomas e outras formações de compromisso fazer o papel de irromper à força a verdade que, do contrário, permaneceria inconsciente.

Através do conceito de formações de compromisso, Freud pôde ampliar a noção de inconsciente, tirá-la exclusivamente do âmbito patológico, e mostrar que a própria vida cotidiana é determinada pelo inconsciente. As psicopatologias da vida cotidiana, representadas pelos chistes, sintomas, enganos e esquecimentos demonstram que o inconsciente irrompe apenas de forma disfarçada, e que os tropeços não apenas decorrentes de um estado de baixa vigilância consciente (descuido), mas um outro modo de pensar, com regras próprias: as mesmas regras que se aplicam ao funcionamento da linguagem (NOVAES, 2004).

As formações do inconsciente sempre se referem àquilo que é singular, no sentido de expressarem as marcas que se operaram na cadeia significante: quais os significantes estão presentes na cadeia e de que forma vieram a conectar-se uns aos outros. Essa cadeia é muito peculiar a cada sujeito, a cada discurso, e a singularidade aí está relacionada ao que é constituinte, no sentido do que causou determinada estruturação. Está em questão a tentativa de explicação do posicionamento do sujeito em relação ao próprio desejo, a uma verdade que lhe é peculiar (D'AGORD, 2002). Isso quer dizer que num discurso, aquilo que irrompe é sempre da ordem de uma verdade muito peculiar aquela pessoa, a qual ela não sabe que possui. Quando essa verdade é falada num tropeço ela pode ainda assim ser ignorada, como o foi por toda a existência humana, até a descoberta do inconsciente. O que a análise do discurso sob a égide do inconsciente vem retomar, é o valor precioso do significante que irrompe inesperadamente no discurso.

No inconsciente nada é por acaso, haja vista que ele é formado por marcas que se constituíram ao longo da vida do sujeito (pode-se pensar, por exemplo, que o discurso de uma pessoa inserida em uma instituição está marcado pelo discurso institucional). A cadeia significante que forma o discurso é composta pelos significantes que foram “deslizando” uns sobre os outros, se conectando durante a história individual ou institucional. Quanto mais extensa essa cadeia significante for, mais distorções ocorrerão entre as conexões significantes (TRINDADE, 2008), o que implica em uma maior dificuldade em acessar os significantes primordiais, os primeiros. Independentemente disso, ainda assim, os tropeços da linguagem sempre guardarão relação direta com todos os significantes que constituem a cadeia discursiva.

Mencionou-se, ao longo de toda a exposição sobre as formações inconscientes, diversos mecanismos que compõem a atividade inconsciente: lapsos, esquecimentos, atos falhos, chistes, sintomas, sonhos. Após uma explicação geral sobre o mecanismo de funcionamento das formações de compromisso, cabe eleger aquelas que apresentam maior relevância na tarefa de analisar o discurso dos servidores técnico-administrativos em educação da UNILA. Os conceitos escolhidos para se aprofundar aqui foram os de “chiste” e “sintoma”, por terem sido os mecanismos inconscientes que mais apareceram no discurso dos servidores sobre a instituição. Tão logo seja urgente adentrar no campo da análise dos dados, será abordado a partir de agora esses dois conceitos-chave.

3.3.1 Uma Universidade com uma fala diferente da prática: o sintoma como ruptura no discurso

O sintoma foi, desde o início da teoria freudiana, o motor da clínica psicanalítica. Foi através dele, precisamente no tratamento das histéricas, que Freud construiu sua teoria. Portanto, para a psicanálise, a escuta do sintoma é muito valiosa, pois ele é o principal indicativo de que algo não vai bem para o indivíduo ou para a instituição. O sintoma é a nota dissonante que o psicanalista escuta tanto na clínica individual quanto em sua atuação institucional: é aquilo que molesta, incomoda, provoca desprazer e dor. O título deste item faz parte da fala de um dos servidores TAE's sobre a UNILA, e denota (como será visto durante a análise dos dados) uma ruptura no discurso oficial sobre o tema da integração.

Tal qual todas as formações do inconsciente, o sintoma também está inscrito na cadeia significante, onde se conecta com outros significantes. Segundo Ocariz (2003, p. 114), “o sintoma é o significante que veio ocupar o lugar do significante recalcado (...) é uma discordância no relato; é algo que o sujeito diz sem saber o que está dizendo; é algo que produz ruptura, discordância, algo que vibra”. Essa concepção de sintoma o coloca como um significante ligado em cadeia a outros significantes, tendo tomado forma em decorrência da censura, que produziu seu conteúdo recalcado. Sem a censura nem o sintoma, nem o sonho, o chiste ou o lapso possuem razão de ser: só há sintoma onde existe um conteúdo que foi recalcado, no sentido de ter sido suprimido da consciência. Diz-se que o sintoma é uma discordância no relato porque ele sobressai e mostra que ali, no interior da formação discursiva, há uma força inconsciente atuando e atestando que algo não vai bem. Por isso, o sintoma produz uma ruptura e vibra, pois abala a linearidade/completude da vida anímica do indivíduo e das instituições.

Para Lacan, o sintoma é “o significante de um significado reprimido da consciência do sujeito” (LACAN, 1998, p. 100), o que quer dizer que o sujeito diz algo através do seu sintoma que nem ele mesmo sabe, já que o significado do sintoma está fora da consciência. Ainda assim, há no sintoma a presença de um significante que remete a outros e que, ao serem desvelados no processo de análise, podem fazer com que o sujeito (ou a instituição) possa lidar de uma outra forma com aquele conteúdo que havia sido recalcado. Desse ponto de vista, o sintoma é uma mensagem, uma palavra congelada que pode ser liberada a partir do momento em que o sujeito (ou instituição) percebe ali uma desordem. O sintoma deixa de ser imperceptível à medida que, na análise, ele se transforma em uma queixa dirigida para o outro. Entretanto, o fato do sintoma muitas vezes não ser compreendido enquanto tal não significa que ele não exista, produzindo seus efeitos no indivíduo e na instituição.

Para Ocariz (2003, p. 141), todo sintoma é fruto de uma falha na função paterna, é a maneira pela qual o sujeito costura essa falha, suprimindo a carência desta função e “fabricando o pai”. É conhecida a importância da função do pai em toda a edificação da teoria psicanalítica, mas esse pai não é somente o pai que gera uma criança, embora seja isso também, mas é, antes de tudo, o papel da lei na vida de um sujeito. A função paterna é a função da lei que regula e dá sustentação às trocas simbólicas e a toda existência dos indivíduos e instituições. Desde esse ponto de vista, o sintoma aparece como uma falha na instauração dessa lei, momento em que essa lei (a lei do pai) não é suficiente para sustentar o sujeito na cadeia significante: nesse momento se fabrica um novo “S” na cadeia S1-S2-S3-S4. O indivíduo e a instituição fabricam uma solução para suprir a falha na lei: o sintoma é uma forma de existir no mundo apesar dessa falha.

Em 1974, no texto “a terceira”, Lacan diz que o sintoma “se apresenta como um peixinho voraz cuja boca não se fecha senão ao se colocar sentido entre os dentes” (p. 84). Com essa frase, Lacan expressa que o sintoma carece de sentido, que existe por si mesmo e vai engolindo a vida do sujeito (ou da instituição) enquanto não for interrogado, sem a interrogação de sentido ele segue produzindo (às vezes graves) efeitos. O sintoma seria aquilo que tanto o sujeito quanto a instituição possuem de mais real, que fala do que lhes é mais íntimo, dos significantes construídos na história que seguem produzindo efeitos, sem, no entanto, serem conhecidos pela consciência.

A partir da teoria freudiana pode-se dizer que os sintomas são rebentos de recalcado, formações que permitem ao recalcado ter finalmente acesso ao consciente, que lhe é recusado. Pode-se, ainda, compreender que o sintoma é a forma de retorno do recalcado pela única via que o sujeito pôde trazê-lo à consciência. Assim, o sintoma é uma formação de compromisso

com um significante presente na cadeia, mas que permanece oculto em decorrência do recalque. O recalque é o trabalho feito pela censura, através do qual algo é retirado da consciência, passando para a dimensão inconsciente.

O sintoma sempre diz alguma coisa, ele tem um sentido que permanece inconsciente, ainda que o sujeito ou a instituição nada saiba sobre isso. A psicanálise considera que ele é uma "satisfação às avessas", para além do princípio do prazer e vinculada à pulsão de morte (DIAS, 2006). O princípio do prazer é um conceito veiculado por Freud para explicitar o fato de que o ser humano tende a procurar o equilíbrio buscando o prazer e evitando a dor. No caso do sintoma, ele é algo que ultrapassa esse princípio, pois ao mesmo tempo que existe ali a satisfação de um desejo que, do contrário, permaneceria inconsciente, ele provoca sofrimento, traz prejuízos e, nesse sentido, é um trabalho da pulsão de morte. Em Freud, a pulsão de morte está relacionada a tudo que paralisa, que causa inércia, que impede a vida, e nisso direciona para a morte. A morte representa o fim de tudo, na qual não existe movimento, é a inércia total. Apesar do sintoma aparecer vinculado à pulsão de morte em decorrência de sua dimensão paralisante, ele é a prova de que algo no sujeito (ou instituição) ainda vive e vibra. Por isso, ao invés de recusar o sintoma, a psicanálise faz dele, assim como de todas as outras formações do inconsciente, material a ser trabalhado. O sintoma toma o lugar da angústia, por isso diz-se que há nele uma satisfação, já que permite que o indivíduo e a instituição existam, à guisa daquilo que produziria angústia insuportável se estivesse na consciência.

Para se decifrar o sintoma é preciso observar a sua articulação na cadeia significante no sentido de entender quais significantes estão recalcados pela presença do sintoma. Se o sintoma é uma mensagem cifrada, é porque mantém uma latência significante, ou seja, pertence a uma história especial de sua formação, que sustenta a sua significação (TRINDADE, 2008). Através do discurso, e mais precisamente da análise, é que se pode chegar a história da formação desse sintoma, de modo com que se faça aparecer o que esse sintoma “grita” e a maneira com que se organizou.

Tal qual ocorre em todas as formações do inconsciente, no sintoma há um significante que liga-se a outros significantes anteriores: “O recalco primordial é um significante, e o se que edifica por cima, para constituir o sintoma, podemos sempre considerá-lo como um andaime de significantes” (LACAN, 1964, p. 160-161). Retomando a cadeia significante, explicitada na página 68, pode-se dizer que o significante S1 é o primeiro nome emprestado à coisa, aos quais se seguem outros nomes: outros significantes que vão ligando-se aquilo que no início era apenas S1. Por isso, em psicanálise se diz que um significante só tem sentido

quando remetido a outro significante que lhe precede, esse é o princípio da formação da cadeia significante:

$$S1 - S2 - S3 - S4 - S5$$

O recalçamento primordial (o primeiro), é representado pelo símbolo S1 e durante a história do sujeito, se edificam sobre ele S2, S3, S4, e assim sucessivamente. O sintoma é um desses S, e só ganha sentido em relação à história do que foram antes S1, S2, S3, por isso Lacan o chamou de “andaime de significantes”. Na ausência de qualquer um dos “S”, o sintoma não teria ganhado os contornos que possui, ou talvez nem existiria, o que dá testemunho de que é a história do sujeito, ou da instituição, que se grita através do sintoma.

A única maneira, segundo Safounan (1989), de resolver o enigma do sintoma é adentrar na dialética da cadeia S1, S2, S3, até que um significante restitua a ordem das coisas, num efeito regenerador de reconciliação. Em outras palavras, a única forma de se trabalhar sobre o sintoma é reintegrar o sujeito (ou a instituição) a sua própria história, até que ele se reencontre com o significante perdido na cadeia (recalcado) e se reconcilie com aquilo que antes não pôde vir à consciência. Isso é o mesmo que dizer que o sintoma deve ser introduzido na sua dimensão significante, o que produz a ressignificação da própria história, mas não necessariamente a desapareição completa do sintoma: ele pode ganhar novos contornos, tendo seu efeito paralisador relativizado. Lacan descobriu que o sintoma faz parte da estrutura do sujeito, e o mesmo podemos aplicar às instituições. Tal qual na clínica do sujeito, é impossível arrancar todos os sintomas de uma instituição, pois eles são fundamentais na estruturação institucional: o que pode ser feito através da análise é a modificação do sintoma.

A presença do sintoma mostra que ele oferece uma solução para o que antes era uma impossibilidade de representação, o que significa que ele ajudou o sujeito/instituição a sobreviver e a minimamente se organizar. Nesse sentido, o sintoma é uma saída para o impossível de suportar, ou seja, ele possui uma função operativa, e como resolve um conflito é bastante difícil para o sujeito livrar-se dele.

3.3.2 Acabou a Era de Aquário: o chiste e sua relação com o inconsciente

Em 1905, Freud escreve sua obra “Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente”, na qual afirma que os chistes (nome dado em psicanálise para os gracejos, ditos engraçados e espirituosos) desempenham um papel importante na vida mental dos indivíduos. Tal qual qualquer outra formação do inconsciente, o chiste guarda uma relação direta com o conteúdo

extraído da consciência, através do processo de recalque. O chiste é um momento lúdico, através do qual se joga com as ideias, o que produz prazer pelo reencontro do sujeito com uma posição infantil, quando ainda brincava com as palavras e com os sons, sem respeitar a condição de que fizessem sentido: a criança não necessita do humor, como os adultos, para ser feliz (FREUD, 1905).

A melhor forma de expor o que seria um chiste é exemplificá-lo, podendo-se utilizar para essa finalidade o exemplo dado por Freud (1905), sobre um francês que, durante o baile, chama uma moça italiana para dançar, a qual dançava muito mal. Então, o francês lhe pergunta: - Todas as italianas dançam mal? Ao que ela responde: - ‘Non tutti, mabuona parte’ (Não todas, mas boa parte). O dito torna-se espirituoso porque faz referência, através da semelhança sonora, ao conterrâneo do rapaz: Napoléon Bonaparte. A moça cria um anagrama, ri da França e zomba de seu parceiro, que se orgulha demasiadamente de dançar bem. Assim, ri também daquele encontro cultural desacertado e tem a possibilidade de “cutucar” o estrangeiro que vem a seu país lhe dizer (sem tato!) que ela não sabe dançar. A tradução de um chiste pode tirar-lhe toda a graça, o que coloca em evidência a necessidade de um substrato cultural partilhado para que o dito faça sentido. Mais adiante veremos que uma das características fundamentais do chiste é que ele somente faz sentido a partir da audiência de uma outra pessoa, a qual lhe atribui um significado.

Em relação as características de formação de um chiste, Freud aponta a habilidade de se encontrar similaridade entre ideias, ou de contrastá-las pelo viés daquilo que não faz sentido:

Uma apreciada definição do chiste considera-o a habilidade de encontrar similaridades entre coisas dessemelhantes, isto é, descobrir similaridades escondidas (...) Outras ideias, mais ou menos inter-relacionadas, que têm emergido para a definição ou a descrição dos chistes, são as seguintes: “um contraste de idéias”, “sentido no *nonsense*”, “*desconcerto e esclarecimento*” (FREUD, 1905, p. 9).

A partir desse ponto de vista, um gracejo, um dito engraçado é o que produz um efeito cômico justamente porque traz à tona, pelo viés da linguagem, uma conexão inesperada entre ideias. Descobrir similaridades escondidas implica em buscar o novo, uma ligação não óbvia entre dois pensamentos, o que provoca o riso pela força da surpresa. No momento em que se faz uma “gracinha”, desloca-se um sentido, fala-se de algo querendo dizer uma outra coisa, essa outra coisa é o material inconsciente. No exemplo apresentado por Freud, a jovem italiana pôde liberar, através do dito espirituoso, a insatisfação gerada pelo comentário

deselegante. Assim deixou surgir a consciência uma resposta que, dita de outra forma, explicitaria a raiva causada por aquele comentário infeliz.

O brincar com as palavras produz liberdade, oferece a possibilidade de dizer algo que não poderia ser dito de outra forma. A ideia do “sem sentido” (*nonsense*) está relacionada ao fato de que tal sentença, o gracejo, não poderia ser compreendido fora do contexto chistoso, e distante da forma como foi moldado e exposto à apreciação de todos. O fato de que algo que não tem sentido fazer algum sentido produz o riso frente ao chiste: é um prazer no desatino. Nesse tipo de formação inconsciente, ideias contrárias ou completamente fora de contexto podem perfeitamente aparecer juntas, emprestando sentido uma a outra, uma fazendo referência a outra, sem que antes tivessem guardado qualquer conexão de sentido. O próprio título desta seção parece algo sem sentido quando tomado isoladamente, mas ganhará contornos quando o leitor perceber, durante a análise dos dados, que trata-se de um gracejo utilizado pelos TAE's para lidar com um momento muito específico que viveram na universidade.

O chiste demonstra perfeitamente o funcionamento da cadeia significante, pois evidencia o fato de que o significado desliza sobre os significantes encadeados. Isso faz com que uma mesma palavra possa ser usada de forma ambígua no gracejo, o que é um exemplo claro de que um significante está sempre remetido a outro.

Quanto à lógica contida no chiste, Freud resgata a citação de Lipps, para mostrar que o gracejo subverte as regras da lógica consciente:

Um chiste diz o que tem a dizer, nem sempre em poucas palavras, mas sempre em palavras poucas *demais*, isto é, em palavras que são insuficientes do ponto de vista da estrita lógica ou dos modos usuais de pensamento e de expressão. Pode-se mesmo dizer tudo o que se tem a dizer nada dizendo (FREUD, 1905, p. 11).

O chiste, também chamado de gracejo (ou graça), constitui-se em um dizer breve que vem do inconsciente e que se coloca em meias palavras, abrindo espaço à interpretação de quem ouve. Sem essa interpretação do ouvinte, o chiste não pode realizar a sua finalidade cômica. Apesar da descoberta freudiana sobre a importância do chiste na vida mental das pessoas, pode-se afirmar que, do ponto de vista da lógica do pensamento, algo lhe falta. Isso porque o verdadeiro conteúdo do gracejo não está imediatamente posto, ele depende dos sentidos sociais construídos em determinada cultura, os quais fazem sua marca no inconsciente, produzindo o chiste. Como o significado do gracejo não é explícito, aquele que

profere um chiste pode agir como se nada estivesse dizendo, quando na realidade está libertando uma verdade inconsciente.

Para Rabuske (2011), o chiste é formado por uma ideia recalcada no inconsciente, que sob certa pressão, força passagem surgindo pronto na consciência. Por esse motivo, é considerado uma formação do inconsciente, tal qual os sonhos, os sintomas e os atos falhos, que são consideradas “válvulas de escape” do inconsciente. Através do chiste é possível dizer, em tom de brincadeira, aquilo que se deseja. O dito chistoso é o substituto de algo que o representa originalmente e surge pelo deslocamento de sentido entre duas ideias que em geral se conectam pela semelhança de sons ou pela ambiguidade das palavras.

Segundo Morais (2008), o inconsciente se apresenta na técnica humorística do chiste tal qual em outras formações do inconsciente, motivo pelo qual se constitui em um canal de trânsito para que alguma coisa da ordem do recalcado abra passagem e se mostre, sem, no entanto, precisar pagar o preço da angústia ou do padecimento dos sintomas. “O humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita” (MORAIS, 2008, p. 2). Olhando através dessa perspectiva, é possível entender que o riso abre uma porta para o prazer de jogar com as palavras, o que por conseguinte permite que as interdições (aquilo que não pode ser dito) possam ser contornadas. Trabalhar sobre o chiste, como com todas as outras formações do inconsciente, possibilita abrir o campo para novas simbolizações daquilo que angustia ou faz sofrer.

Existem certas características que fazem com que um dito se torne humorístico, ou ainda, que uma fala se torne aquilo que vulgarmente se chama de “gracinha”:

O dito humorístico só é humorístico e desperta o riso se preencher determinadas condições: a surpresa, a ambiguidade, o afeto doloroso suprimido. A mesma situação que despertou o riso passa a não ter graça se contada de outra maneira (MORAIS, 2008, p. 5).

Parece que aquilo que confere o caráter de gracejo a uma fala e que possibilita o despertar do riso, é o elemento surpresa com o qual a outra pessoa não contava. Ao ser pego pela originalidade do contexto em que tal dito foi proferido, aquele que o escuta (e, por vezes, quem o criou) ri. O chiste se diferencia de um dito sério à medida que possui uma ambiguidade de sentidos, que só pode ser entendida por duas pessoas que compartilham os mesmos significados culturais. Ao extrair-se a ambiguidade, o dito perde seu caráter espirituoso, pois não permite mais o ato de brincar com as palavras.

Um ponto importante abordado por Morais é o fato de que o chiste libera um afeto doloroso que foi suprimido, pois do contrário causaria um estado de angústia importante. Por

isso o humor ajuda muito a lidar com tudo aquilo que causa dor, ajuda a relativizar aquilo que não anda bem, apresentando-se como uma descarga de energia (através do riso) que causa prazer.

A satisfação decorrente da realização ou audiência de um chiste advém, em grande parte, do fato de que algo dito de forma espirituosa é aceito com mais facilidade pela censura, e esta é, como em todas as formações do inconsciente, a grande responsável pela organização do processo chistoso. No chiste não existe somente o prazer do jogo, mas a possibilidade de expressar sentimentos eróticos e/ou agressivos de uma forma dissimulada, conseguindo passar entre as frestas das censuras sociais, culturais e religiosas (UNGIER, 1997). Tanto o chiste quanto as outras formações inconscientes demonstram que as barreiras impostas pela censura são mais frágeis do que se supõe.

Levando em consideração as regras da coerção social, o chiste efetua uma espécie de transgressão peculiar, pois, ao mesmo tempo que realiza uma atividade recusada pelo pensamento consciente, obtém aprovação: “o chiste opera um abalo maior no pensamento consciente do que o provocado pelas outras formações inconscientes. Trata-se (...) da irrupção do modo de funcionamento inconsciente em uma produção muito bem aceita socialmente” (NOVAES, 2004, p. 42). Dizendo de outra forma, todo conteúdo dito pelo gracejo é melhor dito socialmente por essa via, pois as pessoas em geral estão mais abertas a ouvir coisas difíceis pelo viés da brincadeira.

Foi dito que o chiste somente pode fazer sentido para aqueles que partilham os mesmos códigos culturais, o que faz com que possam compreender a ambiguidade de sentidos, ou ainda, emprestar um sentido para o que não tem. O próprio Lacan (1999, p. 124) disse que “para que um chiste faça o outro rir, é preciso (...) que ele seja da paróquia”. Ser da paróquia quer dizer ser capaz de compreender que a ideia presente no dito espirituoso detém a propriedade de ligar-se à outra, através de um ponto de convergência.

Freud (1905) afirma que o chiste é feito para o outro, o que faz com que uma outra pessoa seja essencial para a conclusão do gracejo. O outro é aquele que autentica que o chiste é uma abertura de mensagem para algo que está fora do campo da consciência, situado sobre uma outra cena psíquica: a do inconsciente. No momento do chiste, tanto o narrador da frase espirituosa quanto o ouvinte são tomados pela surpresa de uma palavra tirada do contexto original, é como se toda a cadeia significante viesse abaixo. De repente, o sentido atribuído por uma palavra se esvai, o que poderia causar angústia, mas ao invés de ceder a ela o sujeito não recua: ele interpela o outro, pedindo a ele que atribua um sentido àquela fala espirituosa (LACAN, 1999).

3.3.3 A gente sempre tá tentando apagar incêndio: a importância da repetição para uma análise psicanalítica do discurso

Tanto o conceito de Sintoma quanto o de Chiste são fundamentais para a análise que se pretende fazer aqui. Entretanto, para que esses conceitos possam ser utilizados, faz-se necessário demonstrar a razão de sua escolha: como já foi dito, essas duas formações do inconsciente foram as que mais apareceram no discurso dos TAE's da UNILA, durante a realização das entrevistas. Na análise do discurso, não só foi observado o tipo de formação inconsciente que mais apareceu nas falas, mas também o conteúdo que se repetia no discurso dos servidores entrevistados. A ênfase na repetição como critério de análise não é aleatória, mas de cunho conceitual, já que é de extrema importância a observância desse quesito em qualquer análise realizada sob o viés psicanalítico. Por esse motivo, no título deste item buscou-se um recorte no discurso dos TAE's que demonstrasse a incidência da repetição na história da universidade.

O conceito de Repetição é tão importante que Lacan o nomeou como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, ao lado dos conceitos de inconsciente, de transferência e de pulsão. A eleição desses quatro conceitos fundamentais levou à nomeação de um de seus famosos seminários: o de número 11 (LACAN, 1964) é intitulado “Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise”. Nesse seminário, transformado em livro, Lacan fala do conceito de repetição a partir de um resgate da teoria freudiana, na qual o conceito de repetição se faz presente desde o início, notadamente nos textos “Recordar, Repetir e Elaborar (FREUD, 1914) e “Além do Princípio do Prazer” (FREUD, 1920).

O que é uma repetição? Freud (1920, p. 13) explica que a repetição é a

perpétua recorrência da mesma coisa (..) [onde] podemos discernir (...) um traço de caráter essencial, que permanece sempre o mesmo, sendo compelido a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências (FREUD, 1920, p. 13).

O pai da psicanálise cunhou sua teoria na clínica, onde observou a repetição como um aspecto presente no comportamento e nos sintomas de seus pacientes, que apresentavam inúmeras vezes a recorrência de um traço sintomático específico. Assim, a repetição se apresentava na clínica como dificuldade essencial da cura, já que durante o tratamento os pacientes persistiam na reprodução sistemática de experiências, por vezes dolorosas. A partir de então percebeu que o ato de repetir estava ligado a uma sobredeterminação inconsciente, de algo que não cessava de emergir, no caráter de uma insistência.

A compulsão à repetição foi tomada por Freud como um aspecto constitutivo da noção de inconsciente, cujo conteúdo é impossível de dominar pela via da consciência, o que obriga o sujeito a REPRODUZIR sequências de atos, ideias, pensamentos ou sonhos. Freud descobriu que o que se repetia era algo que originalmente foi vivido como doloroso e que foi subtraído da consciência por produzir angústia (BAGGIO, 2013). Aquilo que se repete é algo que deixou uma marca e que ficou registrado sobre a operação da repressão, processo pelo qual um conteúdo é extraído da consciência por representar algo impossível de ser suportado pelo sujeito.

A esse ponto pode-se perguntar: onde aparece a repetição? A psicanálise observou que ela é o traço que se reproduz insistentemente no sonho, no lapso, no sintoma, em suma, em todas as formações inconscientes. Isso quer dizer que a repetição se refere ao conteúdo que reiteradamente aparece de diversas formas na vida de um sujeito ou de uma instituição: povoa seus sintomas, seus chistes, seus atos falhos. Lacan diz que o que se repete é sempre algo que se reproduz como por acaso (LACAN, 1964), e se a psicanálise não escutasse a repetição e lhe desse a devida importância, é na dimensão do acaso que a repetição permaneceria. Contudo, a teoria psicanalítica resgata a importância desse aparente acaso, afirmando que é através dele que o inconsciente mostra suas marcas, no formato de um tropeço do qual o sujeito (ou a instituição) não conseguem se livrar (LACAN, 1964).

Através da metáfora do “osso”, Miller (1998) explica a incidência da repetição na vida dos sujeitos, o que pode também ser aplicado às instituições:

Alguém vem à análise, o acolhemos sem preconceitos, sem pressupostos, sem saber, sem memória, o acolhemos no início do seu caminho de fala conosco. No entanto, ele veio porque tropeçou no seu caminho, porque há para ele um osso, uma pedra no seu caminho. Nós o convidamos a falar, e o que nos orienta em nossa escuta é que há, no caminho da sua fala, um osso. Antecipamos — talvez seja a única antecipação a que possamos nos permitir — que sua fala vai girar em torno desse osso, em espiral, circunscrevendo cada vez mais perto, até, se posso dizer, esculpir o osso (MILLER, 1998, p. 39).

Do ponto de vista apresentado, o autor expõe que trabalhar com a psicanálise é trabalhar à espera da repetição, seja por sua presença na vida dos analisandos ou das instituições. A psicanálise se coloca em estado de prontidão para ouvir as repetições do sujeito, sobre o qual nada se sabe, exceto que ele chega à análise porque tropeçou.

Miller usa a metáfora do osso para dizer que o discurso gira sempre em torno de um mesmo conteúdo, como numa espiral, sobre o qual o sujeito ou a instituição gira ao redor. Durante todo o processo de escuta psicanalítica, essa repetição vai estar presente, ela vai

aparecer no discurso, como algo que insiste. Se tem algo em que a psicanálise aposta é que, no caminho da fala individual ou institucional, encontrar-se-á uma pedra, como algo que faz tropeçar, um conteúdo doloroso presente na vida do sujeito (ou instituição) e que vai ser atualizado a cada momento. É o tropeço que se repete, mostrando que o conteúdo inconsciente se faz presente, força sua passagem, à revelia da censura. Aquilo que se repete é o impossível de se dizer, de se simbolizar, e que não podendo ser lembrado, se repete na conduta.

Dizia Lacan (1966, p. 388) que “o que não vem à luz no simbólico aparece no real”, o que significa que tudo aquilo que foi impossível de ser simbolizado adequadamente pelo sujeito aparece em seus atos. O mesmo pode ser aplicado ao âmbito institucional: quando algo não está resolvido, o “osso”, o tropeço vai aparecer pela via da atuação institucional, em suas práticas, nos seus sintomas e nas demais formações inconscientes que aparecem no discurso dos agentes institucionais.

Na teoria freudiana, a repetição aparece ligada à atuação, sobre a qual o sujeito não tem consciência e nem mesmo controle:

Podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo (FREUD, 1914, p. 91).

Pode-se tomar essa citação para explicar tanto a repetição no âmbito da clínica quanto no institucional. Através dela, Freud fala sobre um conteúdo que foi esquecido, por ter sido retirado da consciência em decorrência do trabalho da censura. A repressão é o trabalho exercido pela censura, que faz com que os conteúdos permaneçam inconscientes, mas, ainda assim, produzindo efeitos. A repetição é efeito da existência de um conteúdo inconsciente que se expressa através de atos, justamente por não poder ter sido falado. O que um paciente ou uma instituição repete é um conflito que, para traduzir em poucas palavras, não foi resolvido. Há uma tendência no ser humano em “tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser lembrado e elaborado na mente” (FREUD, 1920, p.10), ou seja, a repetição de um conteúdo é um processo necessário para se elaborar aquilo com o que não se consegue lidar.

Para Almeida e Atallah (2008), enquanto a recordação está ao lado do que pode ser lembrado, a repetição é movida por componentes psíquicos recalçados que se atualizam a todo momento, mas pessoas não se dão conta de que esse material norteia os acontecimentos da sua vida. O mesmo pode ser dito em relação a uma instituição, que também produz os seus sintomas e seus tropeços que se repetem, provocando efeitos em sua dinâmica interna.

Por não ser consciente, Lacan entende que a repetição está sempre velada, e pode-se dizer que ela reaparece em muitos campos, em grande parte das vezes em mais de um: o mesmo conteúdo pode aparecer repetitivamente no sonho, no chiste, no sintoma, nos atos falhos, ou lapsos. Enquanto uma recordação situa-se em um momento bem definido do passado, a repetição é uma força que se atualiza no presente, no sentido de que não se deixa cair em completo esquecimento, sempre retorna. Uma excelente relação entre a repetição e o tempo passado e presente é feita por Almeida e Atallah (2008):

A repetição funciona na medida que impulsiona o novo (...) Ainda que o novo seja a repetição de algo do passado, resgatado pela memória do paciente, entendemos que essas imagens do passado são resgatadas em um tempo diferente, em outro momento, e distorcido pelas impressões do momento presente, fazendo-as sempre atuais” (ALMEIDA; ATALLAH, 2008, p. 7).

Os autores explicam, através dessa passagem como a repetição daquilo que já existe pode ser completamente atualizada no presente, já que a repetição adquire novos contornos a cada novo retorno daquilo que foi recalcado. Nesse sentido, a repetição possibilita o novo, pois cada vez que um conteúdo retorna é uma outra chance de elaboração que o sujeito ou a instituição possui. Essa possibilidade de ressignificação do conteúdo não simbolizado (e por isso repetido) traz ao sujeito a possibilidade de abandonar o significante recalcado, o qual rege de forma dura o seu campo subjetivo. Isso quer dizer que na repetição o sujeito permanece preso a um significante da cadeia, o que impede que haja o deslizamento entre os significantes e, com isso, a produção de novos significados associados a eles.

Apesar da possibilidade da emergência de algo novo, para a psicanálise, o campo da repetição tem íntima conexão com a pulsão de morte, justamente pelo aprisionamento no significante que gera sofrimento. Como foi dito, a pulsão de morte é tudo que paralisa, causa inércia, impede a vida e nisso, direciona para a morte. Nesse sentido, Freud estudou aquilo que ele chamou de “compulsão à repetição”, como a tendência autodestrutiva a repetir situações penosas (OCARIZ, 2003), o que acarreta um sofrimento significativo para o sujeito (ou prejuízo à instituição). Isso equivale a dizer que a repetição se opõe ao deslizamento significativo, impedindo que os “S” (S1, S2, S3...) deslizem, e se arranjam em novas associações.

Em suma, o que se pode dizer sobre a repetição é que ela possui contraditoriamente duas dimensões, aparecendo sempre ligada àquilo que empurra o sujeito (ou instituição) para o sofrimento, o tropeço e o desarranjo; mas é desse mesmo lugar que a repetição oferece alguma possibilidade de mudança, por se atualizar dentro de um novo contexto. Cabe ao

analista apontar ao sujeito aquilo que ele repete, dando-lhe uma chance de, talvez, lidar de uma nova forma com antigos problemas.

3.3.4 Interrogar o óbvio: a interpretação psicanalítica do discurso

Nos capítulos anteriores abordou-se a história da instituição pesquisada e sua importância na organização e funcionamento institucional. Em seguida, buscou-se, através dos preceitos da psicanálise aplicada, entender como o método psicanalítico (de cunho clínico) poderia ser transposto para o âmbito institucional. Nesse caminho deparou-se com conceitos básicos da teoria psicanalítica, os quais são fundamentais para realizar uma análise do discurso por esse viés. Falar em discurso, em psicanálise, não faz qualquer sentido sem abordar a questão das formações do inconsciente. Dentre elas, escolheu-se os conceitos de sintoma e chiste por terem sido os tipos de formação inconsciente que mais apareceram nos discursos dos técnico-administrativos em educação. Já a noção de repetição foi trabalhada em decorrência da centralidade desse conceito na teoria psicanalítica, haja vista que é através da repetição que se filtra nos discursos aquilo que há de mais relevante e presente na dinâmica institucional.

Munidos dos conceitos abordados, é possível iniciar a análise do discurso dos TAE's, sendo necessário, no entanto, abordar em último lugar a questão da interpretação. No domínio discursivo, a psicanálise se interessa tanto pelas falhas discursivas (tropeço, osso) quanto pelo modo específico em que se construiu uma linearidade narrativa (MARIANI, 2005). Este último fator está muito associado à história da instituição e especialmente como ela é contada por seus agentes e pelo discurso oficial. Este trabalho se propõe a escutar esses discursos nos moldes que a psicanálise propõe, observando as falhas, as linearidades narrativas e apontando as contradições. São as contradições que denunciam o movimento institucional, sua dimensão viva e pulsante, tudo o que se construiu na cadeia significativa e onde há a possibilidade de novas construções. As contradições apontam o que Miller (1998) chamou de osso, aquilo que se repete, que insiste, e que faz a instituição (ou sujeito) tropeçar.

A língua é o lugar da interpretação psicanalítica, desde onde é possível ao psicanalista cortar, pontuar e colocar em eco algo da ordem da repetição que incide sobre a cadeia significativa (SETTINERI, 2000, p. 29). Como mencionado anteriormente, a repetição é o processo pelo qual a instituição (ou o sujeito) permanece ligado rigidamente a um significante que incomoda ou faz sofrer (termo usado mais na clínica). De qualquer forma, a observação do que vai mal é o ponto de partida da psicanálise (o que demonstra sua origem clínica), a

qual trabalha com os sintomas. A isso equivale dizer que a interpretação dos discursos pelo viés psicanalítico irá inevitavelmente observar o que não vai bem, buscando os sintomas e as repetições que aparecem nestes e nas outras formações do inconsciente.

Em contrapartida, para Settineri (2000), interpretar “não consistiria em fixar significados, mas oferecer a possibilidade de outras leituras, permitir que se possa enveredar por elas, sem no entanto privilegiar uma delas em particular” (SETTINERI, 2000, p. 27). Assim, interpretar é muito mais da ordem de ofertar a possibilidade de construção de um outro olhar do que atribuir significados. Cabe ao paciente ou à instituição fazer algo frente à interpretação analítica, de acordo com a capacidade que possui em lidar com as questões que lhe afetam.

Deve-se ressaltar que, na clínica, a interpretação psicanalítica possibilita ao sujeito atendido que ele possa se haver com as pontuações e com os cortes que apontam aquilo que é inconsciente, e por isso, desconhecido pelo sujeito. Esse é um processo longo cujo resultado é mais profundo, quanto mais o paciente puder se implicar no processo. Já a análise discursiva que será realizada aqui é algo diferente, não é uma terapia na qual o paciente se senta a sua frente todas as semanas (não é de cunho terapêutico). O objetivo da interpretação no presente trabalho, mais do que buscar significados, é apontar as contradições institucionais e de que forma elas aparecem construídas nos discursos (na cadeia significante). Isso pode ser feito ouvindo o discurso e olhando para a história da instituição e de seus tropeços, e até mesmo lançando um olhar sobre a história da integração latino-americana, já que é disso que a UNILA trata.

A interpretação do discurso em psicanálise trata de abrir as possibilidades de leitura de um evento e não de fixar um sentido sobre aquilo que é dito. Assim, o que se busca nesse processo não é a realização de uma tradução compreensiva do que é falado, mas a possibilidade de abertura de vários outros sentidos para um significante, introduzindo a instituição em significações novas. Isso quer dizer que, ao buscar o significante que aparece escondido por trás dos lapsos, sintomas e chistes, não se pretende dar um nova significação fixa a ele, mas permitir que a instituição possa conhecer e (com sorte) desprender-se daquilo que a atrapalha, desde onde ‘se enrosca’.

A partir da pontuação daquilo que aparece como um tropeço, se dá abertura a novas significações, e somente quem poderá encontrá-las é o sujeito ou a instituição. Isso explica porque a psicanálise sempre introduz uma questão para o sujeito (ou instituição) em forma de enigma, citando preferencialmente as próprias palavras deste, de forma a evitar que ele tome para si a palavra do psicanalista (SETTINERI, 2000). O lugar do psicanalista não é o lugar da

verdade, mas, sim, da pontuação, a partir do qual acontecimentos tidos como naturais (como a repetição, por exemplo) podem ser questionados.

À psicanálise cabe apontar o tropeço, o sintoma e interrogá-lo, sem, no entanto, oferecer uma resposta fixa para o seu enigma. A interpretação de que se trata aqui é aquela na qual se trabalha sobre o conteúdo manifesto (o que aparece como formação inconsciente no discurso), para fazer surgir um sentido novo, ou vários. A psicanálise faz isso resgatando uma expressão banal que aparece no discurso e a colocando como uma novidade, o que se revela como uma surpresa.

Lacan (1964) diz que é preciso interrogar no nível do significado para fazer surgir significantes. Trabalhando sobre os significados que vão sendo construídos e que se fazem presentes no discurso é que os significantes da cadeia podem emergir. Cabe lembrar que, como dito antes, o encadeamento de significantes (S1-S2-S3...) e seus respectivos significados é o que comanda as ações de um sujeito. Todo o esquema da interpretação psicanalítica gira em torno das significações, que o sujeito (ou instituição) construiu sobre os significantes (S1-S2-S3), ao longo de sua história. No processo de análise, os pacientes têm a chance de contar sobre si mesmos, muitas vezes, o que resulta na compreensão de como determinadas significações foram sendo construídas na sua história, ou seja, como os significados foram sendo associados aos seus respectivos significantes.

Como forma de abordar a questão da interpretação e de fechar o capítulo teórico deste trabalho, emprestar-se-á as palavras de Lacan (1998), o maior teórico da Psicanálise, ao lado de Freud:

A interpretação é uma significação que não é não importa qual. Ela vem aqui no lugar *do "S"*, e reverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito, na linguagem, o significado (...). O que está lá é rico e complexo quando se trata do inconsciente do sujeito. (...) O que é essencial é que ele [o sujeito] veja, para além dessa significação, a qual significante - não-senso, irreduzível, traumático ele está, como sujeito, assujeitado. Isto lhes permite conceber o que é materializado na experiência. (...) O que é que lhes demonstra toda observação? É que a cada etapa da vida do sujeito, algo veio, a cada instante, manejar o valor do índice determinante que constitui esse significante original (LACAN, 1988, p. 236-237).

As palavras de Lacan demonstram que a interpretação visa algo além da significação, para que o sujeito possa ver através dela. É a própria relação entre significante e significado que está em jogo na interpretação analítica, a partir da qual é possível, através do enigma, fazer surgir o significante recalcado (aquele que está presente na cadeia produzindo efeitos, mas o sujeito desconhece). Esse significante recalcado, Lacan diz ser rico e complexo, posto que inconsciente.

Dizer que a interpretação reverte a relação que faz com que o significante tenha por efeito o significado, equivale a dizer que ela atua sobre a cadeia significante. A interpretação analítica atua sobre a significação que o sujeito construiu em cima dos significantes, ao longo de sua história. É essa relação de reciprocidade entre significante e significado que, em análise, o sujeito tem a chance de redefinir. Nesse processo o sujeito pode conhecer os significantes aos quais permanece preso e que o levam a sofrer. Pelos princípios da psicanálise aplicada, pode-se pensar que uma instituição também possui significantes aos quais permanece presa e que, materializados na experiência, a fazem sofrer: leia-se, tropeçar.

4 O CAMINHO PARA IDENTIFICAR OS SINTOMAS INSTITUCIONAIS: A ANÁLISE DOS DADOS

O presente trabalho envolveu um esforço significativo no sentido de criar condições para o aparecimento de significantes relativos à integração, seja ela em relação aos países da América Latina ou à sociedade e a comunidade universitária. A entrevista semiaberta foi elaborada com essa finalidade, bem como as novas perguntas que surgiram no decorrer das entrevistas. O objetivo foi “cercar” o tema da integração, para que as associações aparecessem.

A principal razão em se considerar as três dimensões da integração, que são elas a América Latina, sociedade e comunidade universitária, é por entender-se que todas elas estão associadas ao mesmo significante principal: “integração”. A partir deste, tomado isoladamente na cadeia, é que essas três (e outras) associações significantes são possíveis. Na cadeia S1-S2-S3-S4, o significante “integração” ocupa um lugar, o qual é sucedido por “Latino-americana”, ou “sociedade”, ou “comunidade - universitária” (aqui o traço indica que não se trata de uma comunidade qualquer, mas a interna):



Num modelo simplista, pode-se pensar nos significantes associados assim:

A) Integração (S1) – Latino-americana (S2) – Sociedade (S3) – Comunidade - univesitária (S4).

Ou ainda:

B) Integração (S1) – Latino-americana (S2) – S3 – S4 (...)

Integração (S1) - Sociedade (S2) – S3 – S4 (...)

Integração (S1) – Comunidade - universitária (S2) – S3 – S4 (...)

A forma como os significantes estão associados (A, B ou outras), depende de como eles aparecem encadeados no discurso. O que buscou-se tanto no discurso oficial da instituição, quanto no dos Técnico-administrativos em Educação, foram as associações

significantes. Entre tantos significantes que surgiram, isolou-se aqueles que mais se repetiram, e/ou que podem ser tomados como fundamentais na fund(ação) da UNILA: pluralismo, respeito, solidariedade, sociedade, lei, dívida, planejamento, campus, reconhecimento, relacionamento, individual, coletivo, projeto, decisão, atraso, evasão, UFPR, ITAIPU, política, desconhecimento. Cada um desses significantes corresponde a uma das divisões ou subdivisões presentes neste capítulo, e os recortes nos discursos demonstrarão também as significações que os TAE's construíram sobre os significantes (UFPR, ITAIPU, campus, solidariedade). Cada tópico da análise dos dados, relativo a um dos significantes associados à palavra “integração”, herdou seu título de uma expressão utilizada pelos TAE's sobre o assunto tratado (apenas em um dos casos a expressão foi retirada do discurso oficial).

Nesse ponto, torna-se de fundamental importância ressaltar que este trabalho está pautado nos princípios da psicanálise aplicada, a qual trabalha com a “dissonância”, o “osso”, o “tropeço”, em suma, com aquilo que não vai bem. Conforme abordado no referencial teórico, tal posicionamento é decorrente da origem clínica do método psicanalítico. A isso equivale dizer que o objetivo deste trabalho não é apontar uma visão negativa sobre a instituição, desconsiderando seus aspectos positivos. Antes, trata-se de problematizar o funcionamento institucional e as contradições existentes nos discursos, abordando a dialética institucional. A psicanálise demonstra que as instituições, tal qual os sujeitos, não podem escapar dos conflitos e das contradições. Assim como em todas as criações humanas, no âmbito institucional, a vida pulsa através dessas contradições. São nos tropeços que os sujeitos e as instituições encontram a chance do surgimento de algo novo e, por isso, faz-se necessário pontuar os tropeços.

Conforme já foi abordado, a incidência da repetição institucional caminha no sentido do que Freud denominou “pulsão de morte”, já que aquilo que insiste revela o aprisionamento a um significante (o que não consegue resolver, desvincular), o que traz prejuízos à instituição. Ao longo das entrevistas, pôde-se identificar vários tropeços institucionais que se repetem e que podem ser abordados desde o conceito de sintoma.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que o objetivo deste trabalho não foi realizar qualquer avaliação da instituição em termos de qualidade de ensino, pesquisa e extensão, cujo tripé sustenta as universidades públicas brasileiras. Tal finalidade exigiria um trabalho muito diferente e existem instâncias e métodos específicos para realizar tal tarefa.

Ainda em relação à organização dos dados, cabe observar que, no confronto dos discursos, iniciar-se-á sempre pelo discurso oficial. Este discurso será apresentado através dos trechos recortados dos documentos oficiais da instituição, incluindo os livros publicados pela

universidade sobre a sua história. Logo em seguida ao discurso oficial serão apresentados os recortes das falas dos TAE's, no que tange o assunto abordado em cada tópico. Buscou-se em cada item apresentar mais de uma fonte discursiva, ou seja, a comparação de dois ou mais documentos ou entrevistas. Como trata-se de uma análise do discurso, as falas foram transcritas sem correções de pronúncia. Apenas os vícios de linguagem (né, é, aí...) ou repetições de sílabas (gagueira) foram retiradas, no intuito de tornar o texto mais “limpo” e acessível ao leitor. Como forma de preservar a identidade dos entrevistados na apresentação dos dados, seus nomes foram substituídos pela letra “E” (E= entrevistado), seguida de um número que identifica cada uma das seis pessoas ouvidas.

No decorrer deste capítulo, na maioria das vezes, os significantes retirados do discurso como material de análise não serão tomados isoladamente (recorte de uma só palavra), mas sim combinados em expressões (por exemplo: ‘cooperação solidária’). As expressões nada mais são do que a associação de mais de um significante (mais de uma palavra), pois como se sabe, um significante só faz sentido quando se refere a outro.

Para conhecer a UNILA, é necessário interrogar quais fatores determinaram seu nascimento, sua organização e manutenção. No intuito de cumprir tal tarefa, apresenta-se agora o discurso presente nos documentos oficiais, confrontando-o com aquilo o que os TAE's (consciente e/ou inconscientemente) escolheram abordar em suas respostas. O encadeamento dos acontecimentos, como contaram os fatos, dos quais se lembraram...tudo isso não faz parte meramente de suas personalidades individuais, mas de uma construção que remete a pelo menos sete anos de fundação da universidade.

Que falem os discursos, ou ainda, o confronto entre eles.

4.1 “Educar para a integração”: o projeto político

Plano de desenvolvimento institucional (PDI):

“A UNILA pretende contribuir para o preenchimento desta lacuna, visando o melhor posicionamento da região no mapa da produção científica e tecnológica da América Latina e Caribe” (p. 14).

“A UNILA acompanhará seus egressos mediante política específica que permita avaliar seu desempenho quanto à integração da América Latina e Caribe nos diferentes setores da sociedade (...) constituindo-se em novas lideranças” (p. 14).

Objetivo: “Dar visibilidade ao projeto da UNILA e seu diferencial, com o intuito de que sejam conhecidas suas propostas de integração em âmbito local, nacional, latino-

americano e caribenho” (p. 47).

LEI DE CRIAÇÃO:

XVI – promover a difusão de programas sobre temas da integração latino-americana em rádio e televisão educativa, sem finalidade comercial.

A UNILA em construção:

“Na Exposição Interministerial de Motivos, reconhece-se a urgência de promover (...) a cooperação e o intercâmbio solidários com os demais países da América Latina, aspiração histórica que se tornou imperativa nos dias atuais” (IMEA, 2009, p. 15).

O Secretário da SESu/MEC apresentou o perfil da futura instituição: Ela pretende ser aquilo que nós chamaríamos a fronteira no que diz respeito à integração entre os povos. Portanto (...) para nós ela é uma universidade especial (...) um empreendimento ímpar (...) que como todos sabemos, é de interesse prioritário do MEC e da Presidência da República.

Ingrid Sarti salienta que a ideia de integração regional é uma decisão política de governos recentes (IMEA, p. 69): “A UNILA criará uma episteme da educação que criará alunos educados para a América Latina, criando uma episteme da integração” (IMEA, 2009, p. 69).

Recrutamento docentes: Pré-condição comum para os docentes: ser educador para a ideia de integração.

“A ideia subjacente é que no futuro das sociedades dependerão, ao menos em parte, do grau de liderança intelectual e social das universidades. No contexto da América Latina, essa condição sobressai visivelmente tanto em decorrência da história da colonização do continente, como do papel que se reserva à América Latina para o avanço da democracia e da cultura de paz” (IMEA, 2009, p. 15)

E1: “A UNILA está desamparada (...) passou aquela efervescência política, o governo é outro, o pensamento é outro (...) hoje não tem ninguém mais que tem interesse nisso lá neste governo atual (...) esse projeto de integração foi um projeto totalmente pensado no governo (...) Lula porque tinha muito interesse em fazer essa integração dos países da América Latina, (...) tanto é político que nós estamos pisando no chão de areia (...) [e] a UNILA hoje é abandonada (...) à próprio sorte (...). Algo que deveria ser o legado do Brasil, mais isso não é o legado do Brasil, isso é o legado daquele governo da época que criou da UNILA.”

E2: “Na época tava o governo do PT, o governo LULA (...) tinha uma política focada na América do Sul (...) e tentando buscar uma integração (...) vários governos estavam assumindo o governo de esquerda, então o diálogo estava bem facilitado nessa região (...) o projeto sempre foi nomeado muito como o projeto do LULA. (...) O Niemayer gostou da ideia porque ele também tinha um vínculo com o lado esquerdo.

... [campus] o MEC sempre diz (...) que não era pra encerrar (...) mas isso era política do governo que estava em exercício, que era o governo do PT ainda, (...) a UNILA é totalmente ligada à política. (...) Começou a gerar um ruído dentro da universidade (...) porque o Temer (...) ia acabar com o projeto UNILA, o que eu acho terrível esse vínculo. (...) É briga de poder né, aí, dentro da dos próprios TAE's tinha uma divisão de um grupo que é mais de esquerda e um dos TAE's que é mais conservador.”

E3: “A UNILA nasceu como, vista como um projeto, de um governo específico, com viés específico de esquerda, bolivariano, e que (...) não seria somente pra integrar e fazer parte do MERCOSUL, que essa é a parte bonita da filosofia da UNILA, (...) teria esse outro viés de esquerda, enfim, tem toda uma polêmica que o governo, agora que a princípio não é de esquerda (...) [que] a UNILA taria na mira então de talvez virar UFPR. (...) a universidade ficou um pouco dividida também entre esquerda e direita.”

E4: “Talvez esse momento de crise em relação ao projeto, ah, esse questionamento externo do projeto UNILA talvez seja um momento de dar uma reviravolta (...) de que isso seja realmente abraçado por todo mundo, pelos três grupos que formam a universidade (...). Fortalecimento interno porque nós estamos sendo fragilizados de fora pra dentro então teria que haver primeiro um fortalecimento interno pra daí a gente conseguir se defender lá fora desse ataque.”

E6: “Havia uma corrida política e uma corrida pessoal na, na criação dessa universidade [que] era claramente o projeto de uma pessoa, o ex-reitor (...) só que isso contava principalmente com apoio político, né... um apoio político do governo federal da época (...) imagino que na época muita gente queria botar o seu nome no projeto (...) e essa sanha (...) causou muito dos erros que a gente paga o preço até hoje. (...) As coisas viraram de uma maneira que (...) se pressupõe (...) pela situação política que aquele projeto ali [campus] vai se tornar um elefante branco.”

Tudo aquilo que se diz, se diz dentro da história. Esse é o motivo que levou à escolha de iniciar o capítulo da análise dos dados pela contextualização da história política da UNILA, já que segundo a psicanálise aplicada, é primordial “reintegrar” uma instituição em sua história.

O discurso oficial da UNILA esclarece que a instituição pretende “educar para a integração”. Para realizar essa tarefa, a universidade não só recebe alunos advindos da América Latina e Caribe, como seleciona professores cuja atuação e currículo estejam alinhados com o projeto integracionista. Da mesma forma, a UNILA avalia seus resultados pelo desempenho de seus egressos em constituir-se como lideranças no âmbito do projeto de integração.

De acordo com o que foi encontrado no discurso oficial, a instituição pretende ser um marco para a concretização da integração regional, buscando, segundo esse desejo, se constituir em um empreendimento de proporções históricas. Todos os discursos durante a Comissão de Implantação da universidade, passando pela aula inaugural proferida pelo ex-presidente Lula, demonstram a vontade da construção de algo grandioso. O discurso oficial reafirma o empenho do governo Lula na concretização de um projeto dessa natureza. Na própria fala (segundo discurso exposto acima) de um dos membros da Comissão de Implantação da universidade (CI), o projeto integracionista aparece como uma decisão política de “governos recentes”, o que provavelmente remete à ascensão (daquela época) da esquerda na liderança de vários países da América Latina. Ainda de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a UNILA se propõe a trazer visibilidade para a América Latina no cenário mundial, sendo parte desta tarefa a ampla divulgação do projeto institucional nos meios de comunicação.

No discurso dos TAE's, aparecem significantes fortes relativos à concepção da UNILA enquanto um projeto político. As expressões “desamparada”, “chão de areia”, “à própria sorte”, “mira”, “virar UFPR”, apareceram ligados ao significante “mudança”, referindo-se ao fantasma da extinção ou enfraquecimento do projeto integracionista da UNILA com a transição do governo da presidente Dilma Rousseff, para o atual governo do presidente Michel Temer. Isso ocorre pela associação que os TAE's fazem (tal qual aparece no discurso do membro da CI) entre o projeto integracionista e os governos de esquerda, em especial o governo do Partido dos Trabalhadores, ao qual pertence o ex-presidente Lula (cujo governo fundou a UNILA). Da mesma forma, o fantasma da extinção do projeto UNILA apareceu (E4) ligado à proposta de emenda da Medida Provisória nº 785/2017, feita por um deputado pertencente ao mesmo partido do atual governo. Apontando essa visão apareceram

os significantes “crise”, “questionamento”, “fragilizados” e “ataque”.

Parece interessante observar que, no discurso de praticamente todos os entrevistados, a UNILA foi elevada à condição de projeto político, sem que nenhuma pergunta tenha sido feita a esse respeito. Ficou claro pelas respostas que, no discurso dos TAE’s, o significante “integração” + “latino-americana” aparece ligado ao significante “política”. Outro fator interessante a ser observado é a associação da universidade a uma “corrida” (ideia presente também na palavra “sanha”), o que coaduna com o discurso do ministro da educação (ver acima os documentos oficiais) sobre a “urgência” (“necessidade imperativa”) no projeto de integração. Expressões (associações significantes) como “botar o nome no projeto” e “legado de um governo” (TAE’s) remetem a situação política que se encontrava a UNILA no momento de sua fundação, sendo criada por um governo de esquerda e seus representantes (materializados na fala através da figura do reitor). No entanto, segundo o discurso dos TAE’s, a UNILA hoje paga um preço por ter participado dessa corrida política, pois conforme será visto adiante, o planejamento institucional é uma das grandes “pedras no sapato” da universidade.

A fundamentação teórica demonstrou, em consonância ao discurso presente tanto entre os TAE’s quanto nos documentos institucionais, que o projeto de integração latino-americana possui um viés político de esquerda. A história mostra que, de fato, o ideal bolivariano (ver E3) de integração permaneceu como o norte ao longo de toda a luta integracionista (ainda que tenha havido algumas alterações no processo), a qual empresta seu espírito à criação da UNILA. Não é à toa, portanto, que a UNILA aparece no discurso dos TAE’s como um projeto de governo de um partido específico, especialmente defendido pelo governo do Partido dos Trabalhadores. Os dois discursos analisados (oficial e TAE’s) coadunam com a afirmação do então Ministro da Educação na época da constituição da comissão de implantação da UNILA (fase de construção do que a universidade trata como ‘vocação institucional’), Fernando Haddad, quando disse que a UNILA foi “encomendada” pelo ex-presidente Lula.

Trilhando o caminho dos governos de esquerda, a UNILA se compromete em especial com o MERCOSUL, o qual empresta seus preceitos à universidade: a solidariedade, o respeito à diferença, a igualdade, a democracia, a valorização das diversas culturas. Um fato importante de ser resgatado é que, tanto na história do MERCOSUL quanto na dos governos de esquerda, o combate ao imperialismo tem sido uma grande bandeira. Desse ponto de vista pode-se pensar que a concepção da UNILA também guarda relação com esse passado, o qual fundamenta o discurso da esquerda. Conforme abordado pela literatura, a própria ideia

(presente no discurso oficial da universidade) de uma cultura para a paz e do respeito à diferença estão também presentes no discurso anti-imperialista, que visava a não-intervenção externa e a preservação da soberania nacional. A referência da UNILA à reforma de Córdoba anda nesse mesmo sentido, já que trata-se de um movimento pautado no anti-imperialismo e que contribuiu de forma determinante para a formação de um sentimento de irmandade entre os países da América Latina.

A teoria demonstra que a universidade é um campo fértil e valioso na concretização de um projeto de sociedade, que no caso do projeto de integração latino-americana, está pautada na democracia. Como veremos adiante, o discurso oficial da UNILA se constrói sobre os princípios democráticos (um dos pilares do MERCOSUL), e alguns processos internos da UNILA demonstram tal fato, como a construção coletiva dos documentos institucionais, por exemplo. Desde o discurso oficial, o que também aparece no discurso dos TAE's, a UNILA deixa claro que visa 'educar para a integração'. Desde a seleção de professores e alunos, estendendo-se à formação de convênios, à promoção de eventos, à grade curricular, aos processos de avaliação, a preocupação da universidade permanece voltada a uma 'educação para a integração'. O discurso oficial (acima) demonstra que a universidade se percebe, enquanto universidade, como uma liderança intelectual e social voltada à superação da história da colonização do continente, especialmente no que tange a busca pela democracia e pela cultura de paz.

Portanto, toda a construção da vocação da UNILA, que foi trabalhada pela Comissão de Implantação da universidade, na realidade está pautada numa história de mais de duzentos anos do ideal de integração latino-americana. Como este ideal historicamente está ligado às ideologias de esquerda, não é surpreendente que a UNILA tenha sido criada por um governo nesse viés e que, a partir da queda desse governo, a universidade enfrente dificuldades em sua organização e na manutenção de processo. A mudança de governo implica, necessariamente uma mudança de discurso, e o atual governo não possui um discurso centrado no significado da integração latino-americana (o que está expresso, inclusive, no discurso dos TAE's).

4.2 “Entre o ideal que se anuncia e o real que emerge das circunstâncias”: o projeto de integração

4.2.1 O Ideal de Integração

A UNILA em construção:

“Talvez possamos dar o exemplo ao mundo de como promover a integração pelo conhecimento a partir da experiência da UNILA (...) o sucesso da UNILA terá um significado histórico impressionante. (...) Não é pouco o que depositamos nas mãos de vocês (...) a chance de que nós possamos oferecer rapidamente ao continente uma experiência que realmente servirá de exemplo (...); para que possamos criar, efetivamente, na educação, um novo paradigma, para que outros setores possam também se adequar aos novos tempos..... Este projeto sai por uma vontade efetiva de se tornar uma realidade; é o sonho de muitos brasileiros e muitos latino-americanos (...) nós temos que realmente formar quadros que repensem o continente, repensem o nosso futuro, e pensem numa espécie de civilização latino-americana que certamente contribuirá com todo o mundo” (IMEA, 2009, p. 63).

“[Visa] a consolidação e aprofundamento da democracia e o maior conhecimento recíproco entre os países latino-americanos visando contribuir para a integração regional” (IMEA, 2009, p. 16).

“As atividades da nova universidade devem basear-se na pluralidade de questões e enfoques, buscando o enfrentamento de problemas comuns, por meio do acesso livre ao conhecimento, visando à integração solidária entre países, regiões, instituições, professores e alunos” (IMEA, 2009, p. 160).

“A Comissão (CI) está mobilizada para a concretude histórica dessa utopia. Saber onde está o ponto de intersecção entre o ideal que se anuncia e o real que emerge da dialética de circunstâncias várias, constitui o cerne norteador da proposta que a Comissão está elaborando” (IMEA, 2009, p. 17).

Estatuto:

Artigo 4º: “A UNILA tem por missão contribuir para a integração solidária e a construção de sociedades na América Latina e Caribe mais justas, com equidade econômica e social. Conhecimento compartilhado e da geração, transmissão, difusão e aplicação de conhecimentos produzidos pelo ensino, a pesquisa e a extensão, de forma indissociada, integrados na formação de cidadãos para o exercício acadêmico e profissional e empenhados na busca de soluções democráticas aos problemas latino-americanos” (p. 1).

UNILA Consulta Internacional:

“O fortalecimento das relações culturais e a valorização da cultura e da memória latino-americana; a promoção do intercâmbio e da cooperação respeitando as identidades culturais, religiosas e nacionais; e o conhecimento recíproco para possibilitar a integração

regional” (IMEA, 2009, p. 11).

E1: “A burocracia é *incondizente* com o ideal de integração.”

E2: “Aquele mundo ideal diferente da UNILA, inovador, cada vez mais tá morrendo, tá virando uma universidade comum (...). As pessoas da própria UNILA já não estão mais trabalhando da forma do projeto, uma das coisas que eu sempre vejo é a decisão de querer abandonar esse campus, [não querem] mas ninguém vem se preocupa em conhecer (...) O projeto está se desvirtuando em alguns sentidos, as pessoas já não estão mais tão engajadas, tão desgastadas. Existe uma integração na américa latina, bem maior que integração com o Brasil, porque o Brasil não faz parte da américa latina [ironia]...o Brasil é um continente separado, o Brasil tem um problema de integração dentro do próprio Brasil, ... acho que um dos maiores desafios dessa integração a proposta da UNILA é conseguir fazer com que o Brasil tenha essa comunicação maior com todos os outros países.”

4.2.2 Formação de uma cultura integradora

PDI:

“V – Desenvolver programas para a formação continuada dos membros da comunidade universitária que viabilizem a construção de conhecimentos políticos, pedagógicos e de gestão visando a missão da UNILA” (p. 8).

Objetivo específico 4: “Propiciar aprendizagens para a formação de habilidades culturais, políticas, éticas, sociais, profissionais, capazes de dar sustentação a uma práxis integradora” (p. 28).

E1: “Uma ideia belíssima você construir um diálogo sem fronteiras, (...) isso ai é um mundo ideal (...) na prática nós observamos que isso não ocorre (...) Hoje, a UNILA caminha (...) para ser igual a qualquer outra universidade do Brasil, e se perder essa essência do projeto inicial (...) ela atua como uma universidade convencional com cursos diferentes. (...) Uma prática diferente do que se pregava na fala. Permitiu-se uma cultura mais individualista do que coletiva (...)o discurso [é] sobre coletividade [e] integração, mais internamente é cortar na própria carne(...) as pessoas se integram tanto quanto em qualquer universidade que não é voltada para a integração.”

E3: “Já que a instituição se propõe a integrar, então (...) na minha opinião, deveria ter algumas medidas em internas aqui, um incentivo a essa convivência (...) despertamento da curiosidade pelas outras culturas pelo outro (...) e também pela permitir as próprias vivências então isso não vejo sendo estimulado (...) eu não vejo um esforço institucional em relação a isso(...). Quem faz a integração hoje são as pessoas, não é a instituição.”

E4: “Eu sinto que (...) deveria ter tido (...) uma postura um pouco mais integrativa das pessoas, assim, envolver todo mundo nesse projeto de fato, no início digo que [os] gestores, as pessoas que tavam em frente deveriam ter trazido as pessoas pra perto (...) Essa integração, pelo mesmo ponto de vista administrativo, assim, as pessoas que estão no administrativo, ela nunca aconteceu.”

E5: “Nós já temos essa integração (...) [na] seleção de alunos pra vim pra UNILA, né (...) professores também (...). Quando a pessoa vem, ela traz a sua cultura... seu hábitos, e o dia a dia [da] troca de experiência a gente vê, a roda de alunos, a gente vê os professores conversando com os alunos (...) essa integração já começa acho que no momento que pisa aqui. [A integração] ocorre mais entre os alunos assim, porque... eles têm esse contato direto com os professores(...) a administração é, é.. eu não vejo tanto assim.”

E6: “Alunos e professores que realmente são os elementos integradores dessa universidade... como administrativo é... a gente se transforma (...) numa máquina fria de bater carimbo (...) não vivenciamos a integração (...). Se não fosse [a greve de estudantes] a gente não teria neim visto (...) [os] alunos aqui na cidade (...). Quando você simplesmente (...) se transforma, no caso em um mero carimbador de páginas, você (...) se esquece (...) do porque você está carimbando (...) você praticamente passa, né, os seus dias de trabalho carimbando páginas, assinando memorandos (...) quando podia tá auxiliando no projeto da integração.”

Na seção anterior abordou-se as condições da construção do discurso de vocação da UNILA. Pretende-se, neste item, tratar o discurso da integração latino-americana enquanto um ideal (nas palavras da CI: “utopia”) que a universidade tem perseguido ao longo de sua existência. Buscar-se-á identificar aqui significantes sobre os quais estão ancorados o discurso integracionista, o qual permanece, ao longo dos anos, ligado a um ideal de junção entre partes diferentes, que buscam traços comuns. No discurso oficial, o ideal de integração aparece ligado à expressão “civilização latino-americana”, a qual sugere a existência de uma

identidade própria aos países da América Latina. No capítulo teórico viu-se que a condição de formação de um grupo inclui justamente a percepção do combate a um exterior tirânico (representado, no discurso da integração, pelo imperialismo) e o sentimento de unidade e igualdade. Nesse sentido, a ideia da existência de uma identidade latino-americana parece sustentar a formação do grupo enquanto possuidor de uma história e de uma verdade em comum. Essa história tem como referência o longo período de colonização enfrentado por esses países, motivo pelo qual a maioria possui uma língua comum, ou, pelo menos, línguas que partilham a mesma origem.

A ideia da formação de um “todo integrado” não é estranha à psicanálise, que desde sua origem demonstra como os seres humanos atravessam a sua existência buscando preencher a própria falta, que surge a partir da perda da relação simbiótica que os sujeitos experimentam no início da vida. Entretanto, a psicanálise também aponta que essa falta é impossível de ser preenchida, pois há sempre algo que impõe limite aos desejos e aponta as diferenças. Tal qual a busca dos sujeitos pela completa integração com ‘o outro’, a integração da América-latina também permanece no discurso como um ideal a ser conquistado. As impossibilidades inerentes à formação de um ‘todo integrado’, estão expressas no longo histórico de dificuldade dos países latino-americanos em se comprometerem com a integração regional. Além da diferença linguística em relação à maioria dos países da América Latina, o Brasil levou muitos anos para se interessar pelo tema da integração regional, o que encontra-se expresso no comentário irônico feito por um dos entrevistados (E2), ao dizer que “o Brasil não faz parte da América Latina, é um continente separado”, com problemas internos de integração. Como foi visto na teoria, e será explorado nas seções a seguir, o valor do dito irônico reside no fato dele expressar ideias que não são ditas de outra forma, em decorrência do trabalho da censura.

Quanto à UNILA, o discurso de sua constituição sempre apareceu pautado em uma ideia de grandiosidade, o que se confirma nos trechos extraídos dos documentos da universidade. Conforme pode ser observado acima, no discurso oficial encontra-se expressões como “dar o exemplo”, “impressionante”, “novo paradigma” e “não é pouco”, todas fazendo referência à proporção da responsabilidade que a UNILA toma para si, em contribuir para a integração latino-americana. A psicossociologia, vertente da psicologia associada à psicanálise, demonstra que todo grupo só pode levar a termo um projeto comum (e ter sucesso) se ele entender que tem uma “missão nova” a comunicar, a qual empresta à ‘aura’ desse grupo algo da ordem do excepcional. Pôde-se perceber que esse princípio da formação de grupo encontra-se expresso na ideia de magnitude contida no discurso institucional da

UNILA.

Quanto ao ideal de integração, esse também aparece ligado aos significantes “pluralidade”, “democracia”, “solidariedade”, “cultura”, “memória” e “sociedade”. Todos esses valores estão presentes no Plano Estratégico de *Ação Social* do *MERCOSUL* (PEAS) e estão em consonância com os princípios de defesa dos direitos humanos.

Quanto à proposta inovadora da universidade, o que aparece no discurso dos TAE's é a construção de que a burocracia e, como será visto adiante, a lei são empecilhos na materialização de uma proposta inovadora. O contraste em relação ao discurso oficial de inovação aparece através de expressões como: “universidade comum”, “inovador (...) tá morrendo” “igual a qualquer outra”, “perder a essência”, “convencional”. Os significantes que aparecem no discurso dos TAE's são importantes de serem destacados porque demonstram que, apesar do discurso da ousadia, a UNILA tem se deparado com dificuldades comuns a todas as outras universidades brasileiras, como a burocracia, por exemplo. Interessante destacar que um dos entrevistados (E2) relaciona o significante “campus” com o tema da integração, a partir do qual conclui que o abandono dessa construção ilustra um “furo” (traduzindo em psicanálise como ‘falta’) no discurso inovador e ideal da UNILA. Isso está relacionado ao fato de que (como será visto no subcapítulo sobre o campus) o projeto físico do campus foi baseado na ideia de integração, portanto, pretendia-se que fosse uma materialização desse ideal.

Diante da assumida tarefa de ‘educar para integração’, no discurso da universidade também aparece o ideal da formação de uma “práxis integradora”, de modo que as próprias relações da universidade e seus próprios agentes pudessem assumir uma postura integradora (“formação de habilidades”). A ideia de uma práxis integradora é associada pelos TAE's com o ideal da universidade, que pauta seu discurso no diálogo e na democracia. A expressão “cortar na própria carne” aparece em oposição à ideia da ‘práxis integradora’, já que se refere à predominância do comportamento individualista na instituição. Diferentemente do discurso oficial, encontra-se no discurso dos TAE's a ausência de um esforço institucional para criar uma cultura de integração entre seus membros. Além disso, é possível perceber que os TAE's não se veem como parte desse projeto integrador, o que está expresso nas expressões: “No administrativo ela [integração] nunca aconteceu”, “não vivemos a integração”, “alunos e professores são os elementos integradores”, “máquina fria de bater carimbo” e “você esquece do porquê tá carimbando”. Curioso observar que, no discurso oficial, em mais de uma passagem o tema da integração aparece ligado apenas aos professores e alunos, excluindo-se do discurso os TAE's: “visando à integração solidária entre países, regiões, instituições,

professores e alunos” (A UNILA em Construção, p. 160). Em um dos discursos (E5) a cultura da integração aparece como algo inerente à instituição, já que a mesma reúne professores e alunos advindos de muitos países. Contudo, a visão sobre o papel dos TAE’s na composição de uma práxis integradora continua semelhante a dos outros TAE’s: “Na administração(...) não vejo tanto assim” (E5).

4.3 “Não vai muito além”: o desconhecimento do projeto institucional

A UNILA em construção:

”Essa vocação requer a internalização de valores básicos da diversidade regional e o exame crítico interdisciplinar da história e dos desafios do continente”.

PDI:

Os princípios filosóficos e metodológicos da UNILA são formulados para orientar todas as práticas de ensino, pesquisa e extensão, bem como a gestão da mesma universidade (...). Para que as temáticas latino-americanas e caribenhas sejam exploradas com consistência (...) a UNILA debaterá a ideia de integração (p. 15).

E1: “Eu tenho uma noção muito ampla do que é UNILA, os servidores que entraram depois, não, então, eu acho que deveria haver uma inserção dos servidores nas questões pedagógicas”.

E3: “O que eu vejo nos documentos da UNILA sobre integração latino-americana é que a UNILA é uma instituição bilíngue, multicultural, que promove essa convivência com as diversas culturas (...) não vai muito além disso, assim não detalha tanto.”

E4: “Era um assunto que a gente acabava conversando entre os colegas, falando (...) que legal integração, vamos fazer esse grande projeto. Mas não era claro pra nós (...) [não aconteceu] de fato, assim, o esforço por parte das pessoas que tinham isso claro na cabeça em compartilhar isso (...). Essa sensação (...) eu carrego até agora, ao longo destes seis anos e meio (...), sensação de não estar integrada ao projeto. (...) Pelo potencial que tem esse projeto ele devia tá mais claro pras pessoas que fazem parte dele, que daria mais força, daria mais folego pra defender, pra lutar, pra querer que aconteça. Acho que uma das causas da gente não ter uma imagem melhor é porque neim internamente a gente tem isso bem claro.”

O discurso da UNILA utiliza o significante “internalização” para falar da necessidade de seus agentes conhecerem o projeto integracionista, sobre o qual a universidade está ancorada. Segundo o discurso sobre a vocação, os sujeitos devem “internalizar valores básicos da instituição” e possuírem capacidade de “examinar criticamente a história institucional”. O mesmo discurso aparece no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), segundo o qual, a própria gestão da universidade precisa estar ancorada na filosofia da UNILA, o que seria facilitado por debates envolvendo o tema da integração.

Conforme observado durante a pesquisa, os documentos da UNILA não apresentam qualquer histórico sobre o processo de integração da América Latina. Essa constatação encontra-se expressa no discurso de um dos entrevistados (E3), quando afirma que os documentos “não detalham tanto” ou “não vão muito além” na explicação sobre a integração regional. Tal qual se utiliza no discurso oficial a palavra “internalização”, um dos entrevistados utiliza o significante “inserção” para falar da necessidade dos servidores da UNILA de conhecerem melhor o projeto da universidade. Expressões como “não era claro pra nós”, “não houve esforço em compartilhar isso” e “sensação de não estar integrada ao projeto”, apontam um desconhecimento do projeto institucional. Apesar de um dos entrevistados afirmar um amplo conhecimento do projeto, no mesmo discurso aparece o desconhecimento deste por parte da maioria dos colegas TAE’s.

O quarto entrevistado associa a proposta do fim do projeto da UNILA (medida provisória que visava retirar o foco da universidade sobre a integração regional) a uma crise vivenciada pela instituição, o que denotaria uma “fragilidade” interna. Os significantes fragilidade x fortalecimento aparecem juntos para falar da necessidade dos servidores conhecerem e “abraçarem o projeto de integração” como forma de “se defender” de uma ameaça externa. Essa última fala precisa ser sublinhada por que traz uma leitura sobre um acontecimento importante na história recente da universidade e que, de fato, se constituiu em uma possibilidade real de extinção do projeto integracionista da universidade. A utilização do significante “fragilizado” parece servir bem para expressar aquilo que apareceu também no discurso de outros colegas: o desconhecimento dos TAE’s sobre o projeto de integração da universidade e/ou a ausência de esclarecimentos sobre o tema nos documentos oficiais.

A UNILA afirma que o alcance de sua “vocação” depende da internalização dos valores voltados à integração e da apropriação dessa história por parte da comunidade universitária. Levando em conta essa afirmação e o fato de que aqueles que fazem parte da universidade (da operacionalização de suas ações) não se sentem participando da missão

institucional (sentem-se como “máquinas frias de bater carimbo”), pode-se apontar aqui uma grande contradição. O sentimento de pertencimento diz respeito à identidade e, quando se trata de uma instituição, são as pessoas que lhe conferem essa identidade. Se há um sentimento de não-pertencimento, aliado a um desconhecimento daquilo que fundamenta a universidade, pode-se pensar que a estrutura da universidade pode, sim, estar “fragilizada”. A associação entre a medida provisória (MP) e o significante “crise” é bastante expressiva nesse ponto, haja vista que de fato a MP representou uma ameaça à identidade da UNILA.

4.4 Entre a teoria e a prática: o pluralismo de ideias, o respeito à diferença e a solidariedade

4.4.1 Construção democrática dos documentos institucionais

PDI:

A fim de organizar a elaboração deste documento [PDI], em (...) 2012 [realizou-se] um *Seminário Aberto para a Discussão do Projeto Pedagógico da UNILA* (...) uma comissão foi designada, tendo sido composta pelos representantes indicados pelas categorias da comunidade universitária (...). Durante o processo de elaboração do documento, foram realizadas três consultas públicas (...) quando a comunidade universitária pode conhecer o documento elaborado pela comissão e enviar sugestões e críticas. Além destas consultas gerais, foram também realizadas várias específicas aos setores administrativos. (...) [um] processo integrado, participativo e plural (PDI, p. 52).

“Os relatórios são produto de um trabalho coletivo. Todos os membros da instituição tem a possibilidade de participar, além de proporcionar as informações na coleta dos dados, também, na sistematização, e análise desses dados” (PDI, p. 5).

“Desenvolve-se assim um processo coletivo de reflexão, conscientização sobre as problemáticas institucionais e de elaboração de propostas para superá-las. Este processo implica uma permanente devolução e, portanto, circulação das informações a todos os membros da universidade” (PDI, p. 52).

E3: “Comecei a ver a um pouco mais essa integração entre as categorias é... principalmente na elaboração lá dos documentos, (...) principalmente no PDI que a instituição inteira se mobilizou(...) foi realmente uma época de muita integração, o porque era a pessoa pela instituição(...) foi uma época bem feliz, um clímax assim na UNILA lá, aí (risos) (...) a gente se sentiu realmente parte da instituição construindo algo de acordo (...) com a missão

(...) todo mundo tava ali, naquele sonho.”

A democracia é um dos principais pilares que sustentam o discurso da UNILA. De acordo com isso, o processo democrático encontra-se presente na construção dos documentos da universidade. No discurso institucional, isso aparece através da expressão “trabalho [ou processo] coletivo”, referindo-se ao fato de que os documentos institucionais teriam sido elaborados com a participação da comunidade universitária. Segundo a UNILA, não só as sugestões emitidas pela comunidade são acolhidas, como há um envolvimento desta na sistematização dos documentos.

No discurso de um dos entrevistados (E3), encontrou-se informações que confirmam o discurso oficial, o que aparece através de afirmações tais como “a instituição inteira se mobilizou”, “a gente se sentiu parte da instituição” e “construindo algo de acordo com a missão”. A satisfação sentida na participação de um processo democrático, que coaduna os princípios fundamentais da UNILA, expressa-se através do significante “clímax” e da expressão “época bem feliz”.

4.4.2 Pluralismo de ideias e respeito às diferenças

UNILA consulta internacional:

Haverá de considerar que a busca da integração passa necessariamente pelo reconhecimento das diferenças (...). Aprofundar o conhecimento das diferenças certamente favorecerá a identificação das convergências que são importantes para a construção conjunta de novos horizontes. A Comissão entende que a análise da especificidade de cada cultura ou subcultura precisa estar presente no currículo da UNILA e que sua explicitação e valorização constituir-se-ão os pilares éticos mais significativos (IMEA, 2009b, p. 11).

Estatuto:

“XIII – combater todas as formas de intolerância e discriminação decorrentes de diferenças linguísticas, sociais, culturais, nacionais, étnicas, religiosas, de gênero e de orientação sexual” (p. 3).

E1: “Agora, se o diálogo da comunidade é voltado pra isso, eu creio que sim. Eu acho que fica mais na teoria do que na prática, mas se você observar resoluções do CONSUN (...) existe, sim, na instituição uma tentativa (...) de consolidar o que está em estatuto (...). O discurso é esse (...) na prática justamente o que freia a tomada de algumas decisões é essa fundamentação porque é (...) difícil de você colocar em prática (...) você tem que considerar

diversos cenários e visões e... integrar diversas opiniões tá (...) quando você vai bater o martelo efetivar isso, no que depende da legislação brasileira, eu acho que freia.”

E2: “Eu mudei muito desde que eu entrei na UNILA pra cá, eu me vejo... aprendi muito, ah...a interpretar, entender as diferenças...a pluralidade...o administrativo tem isso, muito, as pessoas são, todos...eee...preferencias sexuais, diferenças, sexo, é... raça, ideias, e... convive bem no meio ambiente.”

E3: “O pluralismo na existência de várias ideias do ambiente, isso existe, e essas ideias são expostas, agora (...) eu não vejo um desrespeito (...) mas eu vejo uma desconsideração dependendo do viés da gestão (...) se a gestão é mais a direita, desconsidera as ideias de quem ta falando algumas coisas de mais à esquerda. Existem vários eventos na UNILA que são interculturais (...) que promovem interculturalidadepra se discutir sobre.”

E4: “Eu acho que existe, sim, um respeito, pelo menos no ambiente que eu vivo.”

E5: “Nós não temos essa, essa liberdade do nosso pluralismo de ideias (...) eu passei por uma experiência. (...) Mas, por a gente estar constantemente querendo manter uma boa relação e boa imagem da UNILA com a sociedade, eu acredito que que haja sim essa, essa busca do pluralismo de ideias, respeito a diferença, e solidariedade ah... extensão principalmente tá, eu vejo, né, como a extensão é o que tá mais vinculado com essas três questões (...) mas quando nós falamos em diferenças individuais, os servidores, a gente tem [isso].”

E6: “O que eu vejo nas redes sociais é que as ideias de pluralismo, solidariedade (...) respeito a diferença são bem praticados na universidade, muito bem aceitos, ainda são os nortes desta instituição... o processo do diálogo é muito bem executado na universidade. (...) A universidade pratica (...) o seu norte de buscar a integração (...) ela faz seminários, né, sobre o assunto, eles trabalham muito bem com as relações internacionais de outros países.”

Segundo a UNILA, a valorização da cultura “do outro” é um dos seus pilares mais significativos. Ainda nesse sentido, a universidade associa essa valorização com o significante “reconhecimento”, somado ao significante “diferenças” (reconhecimento das diferenças). Trata-se, então, de reconhecer o “outro” em suas diferenças fundamentais e buscar

“convergências” para uma convivência voltada à integração. Essa ideia aparece também nas expressões “combate à intolerância e discriminação”.

Segundo suas próprias vozes, os TAE’s reconhecem o discurso institucional voltado ao pluralismo de ideias, o que se expressa em: “na teoria”, “promoção de eventos interculturais”, “busca do pluralismo de ideias” e “tentativa de consolidar o estatuto”. Ao confrontar-se o discurso dos TAE’s ao discurso oficial, encontra-se tanto a ideia da existência do respeito, da diversidade de ideias, do bom convívio com as diferenças (“aprendi entender as diferenças”, “existência de várias ideias”, “tentativa”, “diálogo” “diferenças individuais” e “ainda são o norte dessa instituição”). Quanto ao relato da dificuldade em colocar em prática esses princípios: “Mais na teoria do que na prática”, “eu vejo uma desconsideração” e “nós não temos essa liberdade”. Ressalta-se aqui, o aparecimento do papel da extensão como forma da universidade colocar em prática os princípios do respeito à diferença, pluralismo de ideias e solidariedade.

4.4.3 Solidariedade

A UNILA em Construção:

“A UNILA pretende, no que diz respeito à Inclusão Social e Redução das Desigualdades (...) promoção dos valores e interesses nacionais, intensificando o compromisso do Brasil com uma cultura de paz, solidariedade e de direitos humanos no cenário internacional” (IMEA, 2009, p. 159).

“Volta-se para a integração da América Latina através de um novo elo substantivo: a integração pelo conhecimento e a cooperação solidária” (IMEA, 2009, p. 63).

E3: “Olha, solidariedade eu tenho visto (...) as pessoas mais disponíveis a ajudar o outro, pensando diferente, ou não, sendo de direita ou de esquerda (...) se um precisa da ajuda do outro, eu vejo (...) os nossos discentes dão um banho em todo mundo nesse sentido, porque eles acolhem quem chega na cidade [e] na instituição de uma forma exemplar, que eu admiro muito (...) o que esses estudantes fazem para receber o outro, nossa, é lindo, eu fico emocionada [enche os olhos de água].Morreu lá a Martina [estudante] (...) foi um evento que marcou muito a instituição (...) eu acho que a instituição deu uma parada (...) e ficou mais solidária (...) a empatia aflorou um pouco.”

E4: “Muitos colegas também técnicos (...) vindo pra abraçar esse projeto (...) a

possibilidade de, de ajudar a construir uma América Latina mais justa (...) essas pessoas que vieram participar de movimentos de lutas de igualdade, tanto interno de gênero e de direitos, como de tentar estender isso como uma luta maior (...) é muito forte isso nos estudantes e em muitos professores.”

E5: “Às vezes, tem algumas campanhas (...) que fazem algumas campanhas pra ajudar os alunos e tal e aí sim a solidariedade acontece. A gente consegue unir (...) os segmentos para ajudar os alunos, têm nesse sentido sim, mas, por ser solidário com o outro assim não... vejo.”

E6: “Né, eles tem um bom projeto de captação de alunos no exterior (...) tem uma boa convivência com os ministérios de educação dos demais países (...) e, principalmente, a extensão também trabalha muito bem com a... ideia da integração entre os alunos (...) a extensão, principalmente trabalhando as questões sociais aqui no âmbito da nossa região, né, trabalhando com pessoas, pessoal carente.”

No discurso oficial, encontra-se algumas expressões associadas à ideia de solidariedade: “cooperação”, “direitos humanos”, “Inclusão social”, “redução de desigualdades” e “cultura da paz”. Ao contrário do tópico anterior, no que diz respeito ao significante “solidariedade”, houve maior coesão entre os discursos dos técnicos. Um dos entrevistados (E3), fez um discurso emocionado sobre como se expressa a solidariedade entre os alunos, cuja intensidade aparece em sua fala através da expressão: “dão um banho”, “empatia aflorou” e “ficou mais solidária” foram as associações significantes utilizadas para descrever um evento que marcou a história da universidade, quando uma aluna da universidade foi assassinada, cujo crime configurou-se como “feminicídio”. O significante solidariedade também apareceu associado ao significante “luta”, referindo-se à bandeira (institucional) de luta pela igualdade. Outra associação foi feita com o significante “campanha”, no qual aparece o tema da cooperação solidária, tão caro à UNILA. Mais uma vez, aqui, a extensão também aparece no discurso como o meio pelo qual a universidade pratica seus valores fundamentais.

Durante a atuação da psicanálise numa instituição, a teoria demonstra a importância de ler nas maiúsculas da cultura coisas que podem ter validade na vida psíquica individual. Nesse ponto, pode-se pensar que os valores presentes no discurso oficial da UNILA (solidariedade, respeito às diferenças, cooperação), além de fazerem parte do discurso da integração latino-americana (e dos direitos humanos), também fazem parte dos valores cristãos presentes na

cultura de grande parte dos indivíduos. Isso não quer dizer que não-cristãos não possam ter a solidariedade (por exemplo) como um valor, mas sem dúvida, ela faz parte do discurso do cristianismo. Outra característica da vida psíquica dos indivíduos é a contradição, já que o próprio Freud demonstrou a eterna coexistência de sentimentos opostos na vida anímica dos sujeitos. Em diversos pontos desta seção foi possível observar a contradição entre o discurso oficial da UNILA e o discurso dos TAE's e, em alguns momentos, até mesmo divergência entre o posicionamento dos próprios TAE's. Apesar do fato de haver (em alguns pontos) um distanciamento entre o discurso e as práticas institucionais, especificamente no que tange os valores que norteiam a instituição, pôde-se observar em todos os documentos um discurso oficial coeso, já que vários documentos da UNILA reafirmam os mesmos princípios norteadores do funcionamento institucional.

Entre os significantes analisados neste capítulo, a solidariedade parece ter sido aquele que se sobressaiu aos outros, no que diz respeito à confluência entre o discurso oficial e as práticas institucionais. Assim, pode-se dizer que a “solidariedade” de fato tem sido um significante associado ao tema da integração nos discursos presentes na universidade, tanto no oficial quanto no de seus agentes. Esse fator é importante de ser lembrado porque, como mostra a psicanálise, o encadeamento de significantes é o que comanda as ações de uma instituição.

4.5 “Meio patinando”: o impacto da diversidade na tomada das decisões

PDI:

A gestão da UNILA se caracteriza por possibilitar a participação dos diversos setores da sociedade, dialogar permanentemente respeitando todas as vozes, ser transparente e democrática conforme sua missão de integração. A gestão democrática implica motivar, planejar, desenvolver e avaliar a participação, estabelecendo mecanismos institucionais que coletivamente a desencadeiem. A participação será real, quando cada uma das pessoas vinculadas à universidade possa tomar as decisões institucionais pertinentes, nos âmbitos colegiados ou coletivos adequados (PDI, p. 18).

PDI 2010:

A UNILA tem compromisso com a sociedade democrática e multicultural, visando à formação de sujeitos críticos e envolvidos com o desenvolvimento e a integração latino-americana e caribenha. Sua atuação fundamenta-se no pluralismo de ideias, no respeito à diferença e na solidariedade (**PDI, p. 8**).

PDI:

“A UNILA valoriza, na construção da integração regional: o diálogo e a comunicação intercultural, respeitando as diversidades existentes e possibilitando uma construção solidária e legítima” (PDI, p. 16).

E1: “(...) Dificultou e atrasou um pouco esse desenvolvimento institucional porque as opiniões eram muito distintas e, até você ajustar isso pra uma grade curricular inovadora, (...) como era a proposta inicial. (...) Demorou um pouco pelo ajuste administrativo e pedagógico mesmo, uma vez que era uma proposta diferenciada. (...) questões cruciais pro desenvolvimento da instituição não são levadas a diante porque docentes no conselho universitário (...) não entram em acordo, porque cada um visa uma coisa.”

E2: “[A integração] (...) foi piorando, e muito porque antes ela existia (...) nós tínhamos uma integração com a gestão(...) éramos amigos (...) com o tempo começou a inchar um pouco a UNILA e (...) as pessoas começaram a ter um pouco de interesse de espaço e decisões, começou a entrar pessoas com a mentalidade diferente das pessoas que tavam no começo, começou primeiro a ter divisões. (...) Briga absurda (...) em vez da gente ter quatro, cinco projetos, três projetos feitos hoje, o que que a gente tem, a gente tem onze projetos não feitos, e pensa em uma motivação que passa pras pessoas.”

E4: “Os conflitos são assim, é... por posições políticas ideológicas (...) diferentes. Não há um entendimento e a universidade paralisa em grandes questões que precisam ser decididas (...)algumas questões que poderiam dar um direcionamento pra universidade também não se tem e a gente fica meio que patinando, e aí, os nossos resultados são ruins.”

De acordo com o discurso da UNILA, a participação aberta é o mecanismo através do qual a instituição garante a inclusão de todos na gestão universitária, de acordo com os princípios democráticos, o que fica expresso através dos significantes: “diálogo”, “construção solidária”, “respeitando todas as vozes”, “respeitando as diversidades”. Nessa perspectiva, o discurso oficial apresenta uma união entre os significantes “decisão” e “coletiva” (decisão coletiva), cujo princípio está em conformidade ao compromisso que a universidade oficialmente assume com um projeto específico de sociedade: a sociedade democrática. Pelos valores que ancoram a sua fundação, a UNILA assume um pacto com a diversidade e a democracia, ou seja, com a coexistência entre opiniões distintas (“formar sujeitos críticos”).

Os significantes “construção” + “legítima” (PDI) referem-se a um processo decisório baseado no diálogo, no respeito às diferenças e na solidariedade.

Entretanto, segundo o discurso dos TAE's, justamente a coexistência de opiniões diversas tem sido um empecilho ao desenvolvimento institucional; já que o discurso da diversidade, que a torna “diferenciada” (E1), dificulta que as pessoas possam tomar decisões conjuntas. Pode-se retirar do discurso dos técnicos passagens que se referem a essa dificuldade: “não entram em acordo”, “em vez da gente ter cinco projetos feitos (...) a gente tem onze projetos não feitos”, “pessoas com a mentalidade diferente (...) começou a ter divisões”, “a gente fica meio que patinando” e “a universidade paralisa”.

Se o discurso oficial diz que cada agente institucional deve ter o direito a participar das decisões nos âmbitos colegiados, o discurso dos TAE's aponta que, no conselho universitário (órgão colegiado), por exemplo, as pessoas não entram em acordo justamente pela diversidade dos pontos de vista. Diversos entrevistados apontam que a UNILA de alguma forma “paralisa” (patina, não conclui projetos) frente à diversidade. Um dos entrevistados usou o significante “ajustar”, para falar da dificuldade entre conciliar as medidas administrativas (burocracia, por exemplo), uma grade curricular diferente e a diversidade de opiniões. Talvez caiba nesse momento interrogar se apenas se trata de um ajuste ou, na realidade, de uma problemática de base. Se a diversidade é um compromisso do qual a UNILA (por sua história e princípios fundadores) não pode se furtar, mas que causa “conflitos” (E4), não seria esse um “furo” constitutivo do ideal de integração? Como já demonstrado, a psicanálise entende os seres humanos (e as instituições) como faltosos, o que torna impossível a existência de um ideal que não venha acompanhado de uma falta. Durante toda essa pesquisa, discutiu-se a dificuldade histórica enfrentada pelo projeto de integração latino-americana, que há muito luta para unir os países em torno de um ideal comum.

Se a psicanálise mostra a importância de se interrogar uma instituição, então porque não fazê-lo desde a base? Seria, portanto, a diversidade ao mesmo tempo o alicerce e o obstáculo da UNILA? A dificuldade encontrada no reconhecimento dos diplomas da UNILA no exterior (conforme será visto adiante) aponta indícios dessa ‘falta’ (no sentido psicanalítico do termo). Pontuar essa contradição não equivale a afirmar que a UNILA não poderá vir a lidar de forma positiva com ela, mas que, de alguma forma, sua história estará sempre acompanhada por esta contradição. Vale lembrar que as contradições estão presentes em toda instituição, o que permite que ela se mantenha viva (‘pulsante’). Contudo, a forma com que cada instituição (ou sujeito) lida com as próprias faltas é determinante para sua estruturação e manutenção). No discurso dos TAE's apareceram os significantes “paralisar” e “patinar”,

verbos que exprimem bem o conceito psicanalítico de ‘repetição’. Sobre isso, a teoria mostra que a compulsão à repetição diz de um aprisionamento a um significante que faz sofrer, no sentido que atrapalha o desenvolvimento instituição. Por fim, o que uma análise do discurso pelo viés da psicanálise pode pontuar é: como a UNILA tem lidado com a diversidade e suas vicissitudes?

4.6 “Encarando a realidade”: a UNILA e a lei

4.6.1 Projeto inovador x legislação arcaica

PDI:

“NOVA Universidade que, embora integrada ao Sistema Federal de Educação Superior, terá um perfil singular” (PDI, p. 10).

“Constituir a UNILA em instituição diferenciada de ensino superior, no sentido de viabilizar condições de participação de latino-americanos e caribenhos para a formação acadêmica visando à integração dos países da América Latina e Caribe” (PDI, p. 8).

A UNILA em construção:

“A questão central era a de conceber uma universidade pública brasileira, vinculada ao sistema federal de educação superior, que assegurasse sua vocação inovadora de contribuir, pelo conhecimento e cooperação solidária, para a integração da América Latina” (Apresentação, p. 7).

“A UNILA será estruturada com uma organização administrativa inovadora e com uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos, humanísticos e culturais atuais e futuros” (Introdução, p. 9).

E1: “A gente necessitava realizar (...) o acolhimento desses alunos da América Latina, no entanto, a legislação do país não permitia que a gente fizesse várias coisas (...) [A UNILA] foi uma proposta (...) muitíssimo arrojada, no entanto, o próprio Brasil não se preparou para atender às necessidades advindas desta proposta institucional (...). Não temos fundamentação legal e não importa o quanto ideológico você seja (...) te cobram a conta fundamentado em lei (...). O projeto foi freado muito pela ausência de amparo legal (...) então, eu acho o projeto... a UNILA é, na teoria, revolucionário, mas infelizmente, na prática, ele sofreu danos (...) e hoje, na verdade, ele é uma adaptação da forma inicial pensada lá atrás (...) Como é que você consegue consolidar um projeto que não coaduna com a Carta Magna?”

E4: “Questão da paridade...a questão da paridade, ela vem absolutamente ao encontro do que é o projeto da universidade de democracia de respeito (...) no entanto ela é contra a lei.”

E6: “Os alunos (...) os professores (...) os servidores vinham para auxiliar o projeto de integração (...) só que agora (...) a universidade não pode fugir do velho sistema de universidades brasileiras. [A legislação brasileira] impede a construção da integração (...) não sei (...) [se] o projeto de integração [que] se imaginou no começo (...) é o mesmo de hoje né, e eu tenho esperanças que se mantenha, né, mas eu preciso encarar a realidade que, por mais que (...) sejamos uma universidade com a ideia inovadora, né, ainda somos uma universidade (...) apegada aos velhos ritos da legislação.”

Conforme foi visto em outros momentos, os trechos recortados do discurso da UNILA (acima), apontam para uma instituição que “se conta” (para a psicanálise é importante como o sujeito se refere a si mesmo, o que não necessariamente condiz com suas práticas) inovadora em sua vocação e estrutura administrativa. Nesse sentido, destacam-se no discurso oficial os significantes: “singular”, “diferenciada”, “aberta” e “inovadora”. Em contrapartida, o que aparece no discurso dos TAE’s é uma universidade que é “freada” em sua inovação por estar baseada em uma legislação que trata todas as instituições como iguais. Ou seja, a UNILA é uma universidade diferente, que está sustentada por uma lei que considera todas as IFES (Instituições Federais de Ensino Superior) como iguais. A isso equivale dizer que todos os princípios de organização administrativa e todos os processos decisórios seguem exatamente o modelo estabelecido para outras instituições públicas e o exemplo mais óbvio é a burocracia nos processos de trabalho.

Sobre as dificuldades de se efetivar um projeto institucional “arrojado” (E1), os TAE’s utilizaram as seguintes expressões: “não temos fundamentação legal”, “a paridade é contra a lei”, [a legislação] “impede a construção da integração”, “apegada aos velhos ritos da legislação”, “ausência de amparo legal”, [o projeto] “sofreu danos”. Destaca-se a expressão “não coaduna com a Carta Magna”, a qual se refere a processo histórico que fez surgir o constitucionalismo. A que alude o termo ‘Carta Magna’? Nada mais do que às disposições gerais que organizam a vida em sociedade e o estado brasileiro, ou seja, o conjunto de leis que guiam a nação. A forma como o termo foi utilizado exprime a contradição entre a proposta integracionista da universidade e as leis brasileiras, que possuem um caráter nacionalista (não

preveem a relação com outros países). Essa indagação, expressada por um dos entrevistados (E1), vem ao encontro do objetivo pretendido por essa análise do discurso, que é interrogar o óbvio: como fazer uma universidade “diferenciada” a partir de leis convencionais (comuns)?

Segundo a psicanálise, a lei (representada pela função paterna) é o que sustenta tanto o indivíduo quanto a instituição, já que funda a possibilidade da sua existência no social. A lei funda a ação [fund(ação)], no sentido de que serve de alicerce e norteia a identidade, pois, ao instituir a proibição oferece à instituição (e ao sujeito) milhares de outras opções. A lei justamente é estruturante porque se fundamenta na proibição (norte), sem, no entanto, impedir o sujeito de buscar muitos outros caminhos. O que o discurso dos TAE’s exprime, é que as proibições instituídas pelas leis brasileiras (Carta Magna) limitam o caráter inovador da UNILA. Essa é uma contradição importante de ser apontada, já que a legislação atual se constituirá sempre como um contraponto ao discurso de inovação da UNILA, fato com o qual a universidade terá que lidar constantemente (ao menos, enquanto a lei não mudar).

4.6.2 A lei e a relação com os alunos

A UNILA EM CONSTRUÇÃO:

Nas palavras do Presidente da CI-UNILA Hélgio Trindade, o importante é criar condições para que a convivência entre alunos e professores latino-americanos seja o amálgama do projeto. Gerónimo de Sierra acredita que a UNILA criará uma episteme da educação que criará alunos educados para a América Latina, criando uma episteme da integração (IMEA, 2009, p. 71).

E3: “[os] estudantes se revoltavam e quebravam uma sala lá no PTI⁶⁶ (...) ao invés desses estudantes serem punidos (...) não acontecia nada (...). A UNILA [consertou] o que foi quebrado lá do PTI⁶⁶, então, era esse nível de postura (...) ao invés da minha instituição ajudar na educação dos estudantes é... passava a mão na cabeça, então os estudantes faziam o que queriam mesmo(...) Então, se tudo bem eu deprestar, tudo bem eu sumir com netbook (...) eu sou dono do lugar, sou dono da porra toda(...) [Refletiu] negativamente a imagem pra comunidade.”

E4: “No discurso de que somos uma universidade diferente parece que meio que vale tudo assim, sabe, inclusive transgredir leis para se conseguir aquilo que se acredita que é

⁶⁶PTI – Parque Tecnológico Itaipu.

certo, [mesmo que] muito dessas coisas, elas tem um fundamento muito que se aproxima muito da democracia e do projeto da universidade.”

E6: “Da forma que foi feito inicialmente, né, um tanto quanto libertina por parte da universidade (...) foi alugado um prédio no centro da cidade e esse prédio praticamente foi virado da cabeça pra baixo porque não havia, como posso dizer, um controle sobre os alunos.”

Há outro ponto a ser observado no discurso dos TAE's, que é a relação da universidade com a lei. No discurso dos TAE's apareceram expressões como “vale tudo” e “transgredir leis para conseguir aquilo que se acredita”. Ressalta-se que reaparece nessa fala (E4) a ideia de que o fundamento democrático e o projeto da universidade não coadunam com a legislação vigente.

No que diz respeito à relação com os alunos, apareceram termos como “libertinagem”, “passar a mão na cabeça”, “fazer o que se quer”, “ser dono da porra toda” e “virado de cabeça pra baixo”. Todas essas expressões possuem um significado cultural que se opõe aquele atribuído ao significante “proibição”, que é o que fundamenta a lei. Segundo a teoria psicanalítica, onde a lei falha se fabrica o sintoma. A psicanálise descobriu isso ao perceber que os sujeitos “fabricavam” seus sintomas no lugar da ‘função paterna’, que falhava. O sintoma aparecia como uma forma de “costurar” o furo deixado por essa carência.

Se a lei sustenta e regula todas as trocas sociais, o que a torna tão importante para o convívio social e para a existência dos sujeitos e instituições, não é à toa que, onde há falhas na relação com a lei, o sintoma é fabricado. Como será visto no subcapítulo apropriado, o tipo de relação que a universidade mantém com seus alunos foi associado (pelos TAE's) aos conflitos que a UNILA vive em relação à comunidade. Se realmente houver uma falha na relação da universidade com a lei (tal qual aparece no discurso do TAE's, sobre os alunos, por exemplo), isso pode estar sendo expresso até mesmo na relação que a universidade mantém com a sociedade. A UNILA, assim como todas as outras instituições, precisa da lei para sustentar sua cadeia significante (S1-S2-S3), ou seja, o discurso que a constitui.

4.7 “Divulgar sem comprar”: a dívida simbólica

PDI:

“Na seleção de estudantes estrangeiros, caberá à UNILA, após o conhecimento da lista de estudantes selecionados pelos diversos países, contatá-los e orientá-los quanto aos procedimentos e documentos necessários para matrícula, ingresso e permanência no Brasil”

(PDI, p. 21).

PDI:

“Realizar e divulgar os resultados do processo de avaliação socioeconômica dos estudantes, relacionando os auxílios a que o estudante terá direito antes de sua chegada a Foz do Iguaçu, a partir de 2014” (PDI, p. 56).

A Unila em construção:

A estratégia de comunicação da UNILA buscou, por um lado, conquistar espaço de divulgação na imprensa latino-americana e internacional (...) diferentes públicos-alvo foram sistematicamente conectados com a assessoria de comunicação social da UNILA permitindo efetivamente que o processo de implantação da instituição fosse divulgado no Brasil e no exterior através dos meios de comunicação (IMEA, 2009, p. 138).

E1: “Houve uma campanha no MERCOSUL, nos países da América Latina em geral, (...) fazendo uma propaganda (...) que a instituição acolheria plenamente esses alunos custeando moradia, alimentação, transporte (...) campanha pra (...) captação de alunos na América Latina com base justamente no assistencialismo. Não houve um acordo (...) com os países envolvidos em encaminhar seus alunos pra cá com uma avaliação [socioeconômica] nos padrões exigidos pela lei brasileira (...). Nós tivemos que acolhê-los (...) arcar com o que havia sido prometido, até por uma questão mesmo diplomática. (...) O Brasil estava pagando benefício pra pessoas que a gente desconhecia a condição social(...) nós sofremos muita retaliação dos órgãos de controle.”

E3: “Eu acho que desde o início tinha que ter uma análise socioeconômica, todo um processo que não teve, pra chamar aluno mesmo, pra todo mundo vir pra conhecer a UNILA, pra estudar na UNILA, e aí, na minha opinião, teve sim um desperdício, você pode divulgar sem querer comprar, (...) eu acho que tem outras formas de chamar estudantes pra cá. (...) Essa questão dos auxílios já deveria ser algo [sem] exceções (...) que eu saiba não existe uma regulamentação mais densa e detalhada sobre cada situação.”

E4: “A evasão é muito grande (...) mas fazem parte também disso (...)um projeto que foi vendido (...), anunciado e falado (...). Pintavam um quadro lindo em relação a universidade: 'ah, porque você vai ter moradia, você vai ter alimentação, (...) você vai ter

notebook (...)’ e isso não se sustentou. No primeiro ano foi possível fazer, (...) [mas] isso foi diminuindo numa escala inversa ao número de entrantes (...). Os alunos (...) falavam: ‘me prometeram isso e chego aqui e não tem’ (...) nos primeiros anos eram promessas muito fortes.’”

Segundo a UNILA, é seu dever contactar e orientar estudantes quanto ao ingresso e a permanência dos mesmos na universidade. Faz parte desse dever, segundo os documentos oficiais, realizar o processo de avaliação socioeconômica de seus estudantes e esclarecer aos alunos (antes da sua vinda para Foz do Iguaçu) quais são os auxílios a que terão direito para facilitar a sua permanência na universidade. Ainda de acordo com o discurso oficial, a UNILA realizou de forma efetiva uma divulgação no exterior sobre o processo de implantação da universidade. A universidade fala em uma “estratégia de divulgação [da UNILA] na imprensa latino-americana e internacional”.

Quanto à divulgação da UNILA em outros países, vários significantes foram utilizados pelos TAE’s, todos carregando a conotação de uma espécie de “campanha publicitária” para atrair alunos para a universidade: “propaganda”, “campanha”, “chamar aluno”, “querer comprar”, “o projeto foi vendido”, “pintavam um quadro lindo” e “promessas muito fortes”. De acordo com o discurso dos técnicos, aquilo que chamaram de “campanha” foi baseada numa “promessa” de fornecimento de benefícios, como incentivo para a vinda de alunos para a universidade: “com base no assistencialismo”, “vai ter moradia (...) alimentação (...) notebook”. Destacam-se entre os significantes utilizados, o par “comprar x vender”, que possuem originalmente um sentido comercial. Nesse ponto cabe lembrar que, em outro momento, os TAE’s associaram a implantação da universidade a uma corrida (ver início desse capítulo), que pode estar expressa também na forma como foi realizada a captação de alunos no exterior.

A afirmação “arcar com o que foi prometido (...) por uma questão diplomática” aponta a existência de uma ‘dívida simbólica’, assumida pela UNILA frente aos países da América Latina (e Caribe) que encaminharam estudantes para a instituição. Entretanto, a oferta dos benefícios “não se sustentou” (E4), seja em decorrência do aumento do número de alunos, ou da ausência de uma avaliação socioeconômica, nos moldes que a lei brasileira exige. Ainda segundo o discurso dos TAE’s, como consequência da forma com que os benefícios estudantis foram ofertados às primeiras turmas, a UNILA até hoje recebe cobranças por parte dos órgãos de controle (Tribunal de contas da União – TCU, por exemplo). O resultado dessa ausência de planejamento e controle da universidade sobre os

benefícios estudantis se faz presente no discurso através dos significantes “desperdício”, retaliação (órgãos de controle) e evasão. O entrevistado (E4) associa a evasão com o corte dos benefícios ao longo dos anos, por entender que os alunos abandonaram a universidade no momento em que se depararam com um cenário diferente daquele que havia sido “prometido”.

O que se evidencia no discurso dos TAE’s é que o histórico da oferta de benefícios estudantis, bem como da divulgação da universidade no exterior, demonstra um “tropeço” institucional, que faz com que a instituição até hoje pague um preço por seus atos (cobrança do TCU, evasão). Pode-se pensar que a questão do pagamento de benefícios, na ausência de avaliações socioeconômicas exigidas por lei, incide também na maneira com que a universidade lida com a lei. Como a lei é o que sustenta as instituições, a falta de ancoragem na legislação traz prejuízos, como os problemas enfrentadas em relação aos órgãos de controle da união e a evasão (que aparece no discurso dos TAE’s como um sintoma institucional).

4.8 O “choque de culturas”: a UNILA e a sociedade

4.8.1 O relacionamento com a sociedade

PDI:

“A extensão também desempenhará um papel de suma importância na inserção da UNILA na região, desenvolvendo ações no âmbito científico, artístico e cultural que compartilhem conhecimentos produzidos” (PDI, p. 14).

“Extensão é o elo entre a universidade e a comunidade, viabiliza e media a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade” (PDI, p. 33).

“A permanência dos estudantes na UNILA será incentivada com o apoio pedagógico, assistência estudantil e a construção de relações com a comunidade de Foz do Iguaçu e a Tríplice Fronteira” (PDI, p. 58).

“A UNILA tem o intuito de estabelecer espaços de sociabilidade entre os acadêmicos e a comunidade de Foz do Iguaçu e região da Tríplice Fronteira, construindo, conjuntamente, espaços interculturais e solidários de recreação, aprendizagem e inter-relação” (PDI, p. 58).

ESTATUTO:

“IX – promover o diálogo da Universidade com a sociedade, por intermédio de amplo e diversificado intercâmbio com instituições, organizações e a sociedade civil organizada (p.

3).

A UNILA EM CONSTRUÇÃO:

“Marcos Lima diz que deve romper com seus muros tradicionais e comunicar-se com a sociedade” (IMEA, 2009, p. 66).

E1: “A gente quer falar de integração mas age no individualismo (...) então como é que isso vai realmente refletir, vai produzir um resultado positivo? (...) a UNILA quer mostrar pra sociedade que tem (...) um viés de integração (...) mas o que a sociedade vê é uma universidade absurdamente comum (...) então como é que fica? Cadê o projeto? Tá se perdendo, em seis anos a essência inicial do projeto começou a se perder e daqui a dez anos eu não sei se a UNILA existirá nos padrões que deveria existir.”

E2: “Teve um problema se não me engano com a polícia ... virou um caso de polícia, apareceram na televisão e meio que generalizou e a cidade criou uma imagem bem negativa da universidade ...essa imagem da UNILA com a sociedade tá bem desgastada.”

E3: “Outra herança do ex-reitor é a relação com a comunidade. Foz do Iguaçu ainda não aceita a UNILA, vê a UNILA com maus olhos é unileiro, então é maconheiro (...) o unileiro estrangeiro é muito mal visto na cidade. E ai, a UNILA tá trazendo essas pessoas que ficam roubando, fumando maconha e fazendo festa (...) só querem saber disso e não [de] estudo e o governo banca essas pessoas', essa é a visão da comunidade.”

E4: “Na comunidade(...) a maioria das pessoas que eu converso (...) são contra a universidade. Eu tenho a impressão que o potencial da universidade não chegou ainda na comunidade. Infelizmente, historicamente, assim, eu tenho a sensação que nós somos rejeitados, isso desde inicio (...) por Foz do Iguaçu e também pela região (...) a imagem da universidade [é] muito ruim (...) Desde que eu entrei, e com o passar do tempo eu não notei isso melhorar.”

E5: “Teve concurso de novo e isso foi importante (...) pra cidade. Trouxe emprego pra quem é daqui (...) é muito bom poder desenvolver a cidade (...) um marco, um salto de desenvolvimento. O aluno da UNILA faz tal coisa', então ficou péssimo pra visão da UNILA com a sociedade, a sociedade queria, ai, eu acho que extinguir a UNILA (...) os comentários

assim que a gente ouvia na rua. (...) a gente tinha colegas que falavam: 'Nossa, quando alguém pergunta onde é que tu trabalha eu falo: 'na unila', baixinho, (...) sentindo vergonha.' Mas eu acho que esse momento também já passou (...) hoje a sociedade vê a UNILA com outros olhos.”

E6: “Ocorreu um choque de culturas (...) muita gente não gostou da ideia da (...) da universidade (...) principalmente da forma que foi feito inicialmente (...) não havia (...) um controle sobre os alunos, (...) geralmente acabavam com polícia batendo na porta, né. (...) Hoje em dia [com] as ações da extensão (...) a imagem mudou. A extensão da universidade está criando essas ferramentas pra trazer a sociedade pra universidade, e trazer a universidade pra sociedade.”

4.8.2 O preconceito da comunidade com o estrangeiro

E2: “De repente, começou a aparecer grupo de pessoas que eram diferentes do grupo de pessoas que estavam acostumados (...) começou a caracterizar que os alunos da UNILA eram maconheiros, que os alunos da UNILA eram vagabundos, que os alunos da UNILA não tinham preferência sexual (...) faziam bagunça. (...) Preconceito, é meio cultural, sabe, olha o cara cabeludo meio sujo, um cara na rua trabalhando de hippie já pensa que é aluno da UNILA, mas as pessoas falam (...) sem conhecer.”

E3: “Existe algum preconceito pela pessoa por exemplo ser do Haiti, então a gente até teve um... uma agressão a um estudante na cidade, não foi nem na UNILA (...) acho que foi no terminal de ônibus, (...) foi agredido por alguém da comunidade (...) falando pra voltar pra sua terra.”

E4: “Com base em algumas poucas notícias muita gente acabou construindo a sua verdade sobre a universidade (...) de que os estudantes são maconheiros (...) são ladrão (...) só vem porque tão recebendo bolsa do governo (...) muito preconceito em relação aos estudantes estrangeiros, porque a pessoa se veste diferente, tem o cabelo diferente, tem a cor da pele diferente ai já automaticamente coloca uma barreira a passando.”

O discurso oficial aponta a construção das relações com a comunidade como um incentivo à permanência dos estudantes na UNILA. A instituição utiliza expressões como

“estabelecer espaços de sociabilidade”, “aprendizagem e inter-relação”, “diálogo com a sociedade” e “relação transformadora” para falar do tipo de relação que deve ser estabelecida com a sociedade. Todos os termos sugerem o desejo de uma relação próxima, amigável e democrática entre as partes. No mesmo sentido, a comissão de implantação fala em “romper com os muros” e “comunicar-se com a sociedade”. Nos documentos oficiais, um dos tripés da universidade, a extensão, aparece como um “elo” entre a UNILA e a comunidade, ou ainda, como um elemento “mediador” na relação entre as duas. A extensão seria, nessa perspectiva, um instrumento através do qual a universidade buscaria uma inserção na comunidade.

No que tange o discurso dos TAE’s, os mesmos utilizaram os seguintes significantes/expressões para se referir à relação entre a UNILA e a sociedade: “imagem negativa [ou] muito ruim”, “desgastada”, “vê com maus olhos”, “não aceita a UNILA”, “contra a universidade”, “somos rejeitados”, “a sociedade queria extinguir a UNILA”, “choque de culturas” e “sentindo vergonha” [de trabalhar na UNILA]. Uma das leituras sobre a razão do distanciamento entre a universidade e a comunidade, foi a de que há uma contradição entre o discurso oficial e as práticas institucionais, o que pode ser demonstrado na oposição entre os significantes “integração” versus “individualismo”. Segundo essa leitura, a UNILA estaria se distanciando do projeto de integração à medida que tem cultivado uma cultura individualista (esse tema será abordado em maior profundidade adiante), o que tem sido percebido pela sociedade.

Em contrapartida aos significantes que denotam uma relação problemática com a comunidade, apareceram também os significantes “potencial”, “desenvolver a cidade”, “ver com outros olhos”, “salto de desenvolvimento” e “a imagem mudou”. Todas essas expressões relacionam-se a uma visão positiva da UNILA, no que tange a relação com a sociedade. Nesse ponto de vista, aparece que a sociedade ainda não teria assimilado o quão positiva a universidade está sendo (ou pode vir a ser) para a cidade e a região.

O papel da extensão em mediar as relações entre a sociedade e a UNILA, também aparece no discurso dos TAE’s, que a veem como um instrumento que tem sido capaz de aproximar a universidade e a sociedade, modificando a imagem ruim que a UNILA possuía (E6 e E5) ou ainda possui (E1, E2, E3, E4).

Quanto à forma com que a sociedade entende a permanência dos alunos da UNILA na cidade, há algo recorrente no discurso dos TAE’s: repetem-se as expressões “maconheiro”, “roubo/ladrão”, “vagabundo”, “fazendo festa/bagunça”, “caso de polícia” e “o governo banca essas pessoas”. Os significantes relacionados revelam um discurso sobre a estigmatização social dos alunos, que ocorre por parte dos moradores da região. Segundo os técnicos, há um

grande preconceito (da região) sobre aqueles que são diferentes, especialmente em relação aos estudantes estrangeiros, que possuem uma cultura distinta e, por isso, se vestem, tem o cabelo e a cor de pele diferentes. Essa leitura sobre a rejeição da cidade em relação aos estrangeiros é recorrente no discurso dos TAE's, e aparece em diversos momentos durante as entrevistas.

Conforme apareceu no discurso dos TAE's, a UNILA, enquanto uma instituição que possui uma proposta diferenciada das demais IFES brasileiras, além de enfrentar dificuldades internas ligadas ao tema da diversidade (ver o subcapítulo “Meio Patinando”), também enfrenta o preconceito da sociedade para com o seu projeto e seus alunos. Ao resgatar a definição da palavra ‘integração’, é possível perceber que ela se refere à assimilação de uma cultura diferente e à incorporação daquilo que é ‘estrangeiro’. Como já foi visto, o projeto de integração latino-americana também enfrentou historicamente a dificuldade da união entre os países (diferentes uns dos outros), que privilegiaram a defesa de seus interesses e a soberania nacional. De certa maneira, a dificuldade de incorporação do estrangeiro na cidade e a dificuldade que a sociedade possui em acolher o projeto de uma universidade, refletem esse mesmo histórico.

No entanto, o que também apareceu no discurso dos técnicos, foi uma dificuldade própria à instituição durante o seu estabelecimento na cidade. Tal dificuldade apareceu (no discurso dos técnicos) ligada a uma comunicação deficitária com a região sobre o projeto de integração (desinformação), à falta de regulamentação nas moradias estudantis, à ausência de um regulamento disciplinar da universidade e também como reflexo de uma dificuldade interna de integração.

Em relação à teoria, encontra-se que, de fato, uma das grandes dificuldades de levar à termo um projeto integracionista é a contradição existente entre aquilo que é familiar x o que é diferente. Freud mostrou em seu texto “O Estranho” o quanto aquilo que é da ordem da diferença provoca medo ou até mesmo ‘horror’. No entanto, para ele, o estranho é alguém que não se sabe como abordar porque desperta complexos infantis que haviam sido reprimidos, ou seja, que de alguma forma são familiares. A questão relevante aqui é que o estranhamento em relação a tudo que é diferente faz parte da constituição psíquica dos seres humanos, que enfrentam desde o nascimento um encontro com o “outro” – o que é fundamental para sua sobrevivência, mas que também impõe limites sobre os desejos individuais. A partir desse ponto de vista, é possível conjecturar que a UNILA enfrentará o mesmo desafio estrutural enfrentado pelo projeto de integração, a saber, as contradições que surgem na dialética entre aquilo que é local x aquilo que é estrangeiro. Parece que o que realmente faz a diferença nesse processo é a forma com que a Universidade conduz o tema da integração, tanto internamente

quanto externamente.

4.9 As “mães”: UFPR e Itaipu

4.9.1 A tutela da UFPR

A Unila em construção:

As Comissões de Implantação das novas universidades, na fase em que estão tramitando no Congresso Nacional, são apoiadas por “universidades-tutoras”. No caso da UNILA, o Ministério da Educação assinou Termo de Cooperação com a Universidade Federal do Paraná (UFPR) (...) em junho de 2008 (...). Para o início das atividades no segundo semestre de 2009, a colaboração da UFPR tornou-se decisiva. Diante da demora na aprovação na Câmara dos Deputados e no Senado, (...) a Comissão de Implantação (...) encaminhou à Reitoria da universidade-tutora demandas de apoio acadêmico (...) para viabilizar o início de suas atividades (IMEA, 2009, p. 47-49).

E1: “Nós dependíamos muito da UFPR pra quase todas as questões (...) porque nós estávamos sobre a tutela da UFPR. (...) No entanto, mesmo quando cessou essa tutela, até final de 2011, a gente ainda permaneceu muito amarrado ao ditames daquilo que a própria UFPR nos propunha justamente por essa questão ainda de não ter áreas bem estruturadas, os servidores estar em treinamento.”

E6: “Universidade tava sendo apoiada pela UFPR na época, né, tava, tutoria estava acontecendo e as...a... UFPR tinha que é de uma condição de implantação e essa comissão de implantação era responsável pelo administrativo, né, ela executava todas as tarefas que a UNILA precisava até o momento do... da...da posse dos servidores da universidade.”

4.9.2 A mãe Itaipu

A Unila em construção:

A relação de cooperação entre a UNILA e a Itaipu Binacional remonta às origens da Universidade. Esta parceria estratégica é favorecida tanto pela proximidade física – uma vez que a UNILA será instalada dentro da área de segurança da usina hidrelétrica – quanto pelo decidido compromisso assumido pelos dirigentes da entidade de apoiar a iniciativa e não medir esforços para torná-la realidade. (...) Itaipu e o PTI têm sido parceiros permanentes e fundamentais ao longo desse processo” (IMEA, 2009, p. 51).

“A Itaipu Binacional teria, assim, um papel estratégico no apoio a demandas da nova

universidade...O processo de doação da área foi concluído em março de 2009, como a transferência oficial de escritura pública para a UFPR que, como instituição-tutora, o recebeu em nome da UNILA” (IMEA, 2009, p. 52).

“O processo de comunicação [da UNILA com universidades brasileiras e estrangeiras] contou com entidades parceiras e apoiadoras diretas do projeto, como a Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional, o Parque Tecnológico de Itaipu (PTI) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR)” (IMEA, 2009, p. 117).

E2: “O Samek (...) entrou em contato com o grupo do Lula que tava planejando essa universidade e apresentou a proposta de fazer um projeto em Foz do Iguaçu que era uma região estratégica. (...) Mas houve um ruído com a ITAIPU e houve uma quebra de laço, então a ITAIPU simplesmente parou de dar apoio pra gente, a gente saiu lá de dentro do PTI, (...) o ex-reitor* fez questão de tirar a reitoria de lá. O PTI já não fazia mais o que a gente precisava, (...) nós começamos ter problema de espaço.”

E3: “A relação interinstitucional na época (...) era muito complicada, por causa de arrogância. A Itaipu sempre foi uma mãe pra UNILA, intão a Itaipu doou (...) o terreno do campus da UNILA, (...). A postura do ex-reitor sempre foi assim: 'Olha, a Itaipu está tendo um privilégio de fazer parceria com a UNILA. (...) Teve muito problema de relacionamento com o PTI, a Itaipu, e a UNILA perdeu muito, a...pra você ter uma noção lá, o PTI(...) [ia] fazer um prédio pra UNILA lá na área(...), ía se chamar Edifício do Saber, aí, por causa (...) desse jeito dele de lidar com as instituições parceiras, a Itaipu e o PTI decidiram que não ia mais ser, o prédio já tava pronto.”

E6: “[estávamos]] sujeitos às regras [do PTI/ Itaipu], às regras de uma entidade, né, supranacional, né, nós tivemos que adaptar (...) era isso ou sair, né, e devido a isso no começo houve um conflito.”

A UNILA, desde a formação de sua Comissão de Implantação, vem sendo apoiada pela UFPR, que foi escolhida como sua universidade-tutora. A tutoria é um procedimento usual no Brasil, quando se trata da implantação de novas universidades federais. Os documentos oficiais trazem a UFPR como uma instituição “decisiva”, “colaboradora”, “apoiadora” e “viabilizadora” da construção do projeto UNILA.

A relação da UNILA com a UFPR aparece no discurso dos TAE's através de

expressões como “dependíamos muito”, “amarrado aos ditames”, “responsável pelo administrativo”, “tutoria acontecendo” e “executava todas as tarefas”. Tanto no discurso oficial quanto no dos técnicos, a UFPR apareceu como viabilizadora da implantação da nova universidade, por fornecer todo o apoio acadêmico, logístico e administrativo necessário durante o processo de sua implantação.

No que diz respeito à parceria com a Usina Hidrelétrica Itaipu, o discurso oficial se refere a mesma através dos termos “parceria estratégica, fundamental e permanente”, “proximidade”, “compromisso”, “cooperação”, “apoiar” e “não medir esforços”. A UNILA ressalta, ainda, o apoio ofertado pela Usina através da doação do terreno destinado à construção do campus universitário e o auxílio no processo de comunicação entre a UNILA e outras universidades brasileiras e estrangeiras.

Quanto ao discurso dos TAE's, a relação da UNILA com a hidrelétrica encontra-se expressa nos seguintes termos: “complicada”, “problema de relacionamento”, “ruído”, “parou de dar apoio”, “quebra de laço”, “[UNILA] fez questão de tirar a reitoria (...) lá de dentro” e “conflito”. Segundo os técnicos, a universidade possui um histórico de relação conflituosa com Itaipu apesar de todo o auxílio prestado pela hidrelétrica, a qual foi metaforicamente associada por um dos entrevistados (E3) à figura materna. No discurso dos técnicos, também apareceu o tema da doação do terreno para a construção do campus e a interferência da Itaipu junto ao governo, no que diz respeito à vinda da UNILA para a cidade de Foz do Iguaçu. Outro fato marcante, segundo os técnicos, é a decisão do PTI/Itaipu em não ceder à UNILA um prédio que havia sido construído (por estas instituições) para abrigar as salas de aula da universidade. Nesse ponto, cabe sublinhar que a dificuldade da UNILA em construir uma relação com a Itaipu lembra muito o obstáculo que ela tem enfrentado na sua relação com a sociedade.

Todos os entrevistados que falaram sobre a parceria da UNILA com a Itaipu, referiram-se a uma relação de suporte, porém, conflituosa entre as duas instituições. Em relação ao conflito, os técnicos associaram sua origem à forma com que a UNILA lidava com a parceria e à dificuldade que possuía em submeter-se as regras internas da Itaipu (já que a sua sede provisória estava localizada dentro da usina, a qual possui normas próprias a uma área de segurança nacional). Em todas as entrevistas, a Itaipu aparece como apoiadora da nova universidade, chegando a ser comparada com uma mãe. Interessante associação significativa, já que, para a psicanálise, a mãe é aquela que possui papel fundamental na estruturação do sujeito, dando a sustentação necessária para que ele possa se organizar. A mãe é aquela que auxilia o sujeito na integração do seu ‘eu’, ou ainda, na construção da identidade da criança,

em um tempo em que ela ainda encontra sua psique desorganizada (fragmentada). Traçando um paralelo entre a teoria e o uso do significante “mãe”, pode-se dizer que tanto a Itaipu quanto a UFPR ocuparam (frente à UNILA), de alguma forma, esse lugar. Ambas as instituições deram suporte físico, logístico, acadêmico ou administrativo em um tempo em que a UNILA ainda não era capaz de caminhar sozinha. Por pelo menos três anos, a UFPR foi responsável por operacionalizar todas as decisões administrativas da nova universidade, tendo sido ela, inclusive, quem recebeu (em nome da UNILA) a escritura do terreno doado por Itaipu.

Cabe notar que a UNILA, apesar de seu discurso inovador, foi gerida nos três primeiros anos de sua fundação (desde a época da instauração da comissão de implantação da UNILA) por uma universidade tradicional e centenária. Nesse sentido, a expressão “amarrada aos ditames” toma um contorno específico, já que a UNILA foi ‘operacionalizada’ por uma universidade cujo discurso é diferente do seu.

4.10 A “panela de pressão”: o relacionamento interpessoal

4.10.1 Aspectos Gerais

PDI:

A Unila (...) promove a integração enquanto processo social, cultural, político, econômico e tecnológico que viabiliza formas de cooperação estáveis entre diversos coletivos sociais, ainda que previamente antagônicos ou indiferentes entre si. [Pretende] a construção de um campo de diálogo baseado nas experiências, saberes e reflexões dos professores e estudantes (PDI, p. 17).

“(...) buscar a inserção respeitosa, cooperativa, propositiva e solidária na Universidade e, também, nos âmbitos políticos, econômicos, culturais e sociais da América Latina e do Caribe” (PDI, p. 57).

A UNILA em construção:

Stela Meneghel disse que a gestão de uma universidade como a UNILA deveria integrar as pessoas (IMEA, 2009, p. 66).

E1: “Então, cê tem certeza que quer que eu, eu, né, responder? (Risos). Brinco (...) que a gente separa em castas. (...) realmente existe uma divisão aparente em grupos (...) mesmo dentro desses grupos existe uma divisão aparente notória de interesses (...)É cada um correndo

por si. (...) [numa] universidade diferenciada voltada pro coletivo, eu acho que esse coletivo deveria ser trabalhado, e ele não é.”

E2: “Era ambiente de empresa nova, onde as pessoas estão envolvidas tentando fazer com que aquela empresa realmente dê certo, engajada(...), integrado[s](...). Porque era a proposta da universidade e a gente buscava isso, sempre tentando focar, não no...(...) benefício próprio, mas no benefício da instituição...mudou, vixe, não tem nada a ver mais.”

“(...) 21 vagas pra professores, e aí como que vai ser distribuídas essas vagas? Tavam se matando, mas se matando (...) os professores tem uma divisão, por que eles tem dois sindicatos, então, imagina, nem é legal isso, é proibido.... no conselho.... lá é uma panela de pressão pronta pra explodir, as pessoas estão lá e se matam.”

E4: “Infelizmente, (...) essa integração nunca aconteceu (...) entre as áreas, entre as unidades, entre os grupos, (...) aí, tem outra questão, nós estamos longe fisicamente..... por questão de infraestrutura teve que ir dividindo as pessoas é...você vai afastando os grupos.”

E5: “O clima na UNILA era muito agradável, todo mundo conversava, todo mundo tentava se ajudar, o começo foi ótimo... quando tivemos que sair pra unidade na Vila A, a parte administrativa, nós fomos nos deparando com outra realidade (...) cada pró reitoria foi se fechando, assim, então a gente não teve mais aquele clima que a gente tinha. (...) Criou-se um(...) um sentimento mais individualista, (...) isso atrapalha muito com o desenvolvimento.”

Nos recortes do discurso oficial que podem ser relacionados ao quesito “relacionamento entre grupos” no âmbito da universidade (integração interna), apareceram as seguintes expressões: “promove a integração enquanto processo social”, “viabiliza a cooperação entre diversos coletivos”, “busca a inserção respeitosa e “[constrói] um campo de diálogo”. Sobre a gestão da universidade, a Comissão de Implantação atribuiu-lhe o dever de integrar as pessoas.

Quando perguntado sobre a integração entre os grupos da universidade, uma das repostas iniciam com uma pergunta, na qual o humor se faz presente: “Você tem certeza que quer que eu responda (risos)?”. Ao analisar o dito do ponto de vista lógico, o primeiro raciocínio que viria à cabeça seria: Porque não poderia responder? No entanto, a psicanálise mostra que o inconsciente possui uma lógica própria, e se manifesta através do chiste e do

humor (embora a psicanálise diferencie as duas coisas, as entende como formações do inconsciente, que ocupam funções semelhantes). Esse tema será abordado em maior profundidade no subcapítulo sobre os sintomas institucionais, no qual aparecem chistes bastante significativos. Entretanto, cabe ressaltar aqui o papel da censura na elaboração humorística, tal qual em todas as outras formações do inconsciente. A pergunta do entrevistado sugere algo que não deveria ser falado, e que aparece através da brincadeira, justamente exemplificando a função do humor, que permite que alguma coisa da ordem do recalcado possa emergir. O humor possui a função de aliviar a angústia, através de uma forma socialmente aceita de falar sobre aquilo que não vai bem. A sequência da fala do entrevistado mostra que, por trás da pergunta, há muita história a ser contada sobre os tropeços institucionais, que se referem ao assunto tratado.

Quando se refere ao relacionamento entre os grupos da universidade, aparecem no discurso dos TAE's as seguintes expressões: "Divisão aparente", "a integração nunca aconteceu", "divisão notória de interesses", "cada um correndo por si", "o coletivo (...) não é trabalhado", "era integrado (...) mudou, vixe!", "se matam", "panela de pressão", "afastando" e "mais individualista". Parece sintomática a afirmação de que, em uma universidade voltada à integração, "a integração nunca aconteceu". A pergunta, que abordava a questão do relacionamento entre os grupos da instituição, foi realizada justamente no sentido de compreender como se configura (na UNILA) a dimensão 'interna' da integração. A partir disso pôde-se constatar uma divergência entre o discurso oficial e o discurso dos Técnico-Administrativos em Educação sobre o assunto.

Apesar dos significantes utilizados acima, os TAE's referem-se a um tempo, nos primeiros anos de funcionamento institucional, em que as pessoas estariam mais integradas: "ambiente de empresa nova", "tentando fazer dar certo", "integrado", "engajada", "clima(...) muito agradável", "todo mundo tentava se ajudar". Os significantes "distância" e "divisão" (setores), aparecem no discurso associados à mudança no clima organizacional da UNILA, já que com a saída da universidade de dentro do PTI/Itaipu, uma nova instalação precisou ser alugada. Trata-se de um prédio comercial, onde há muitas subdivisões físicas e praticamente não existem áreas comuns de convivência, o que, segundo os técnicos, causou um "afastamento" entre as pessoas. Mais adiante, será visto que o projeto do campus universitário da UNILA foi elaborado com vistas a aumentar a integração entre as pessoas, o que representa um passo na direção de promover a integração entre a comunidade universitária (conforme aparece no discurso oficial acima). Entretanto, a UNILA não conseguiu concluir a construção desse espaço que, segundo seu discurso, incentivaria a convivência entre alunos,

docentes e TAE`s.

4.10.2 A paridade

“O Reitor pro tempore da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, (...) em cumprimento à decisão judicial exarada no processo n. 5008268-27.2015.4.04.7002 (...) RESOLVE Alterar o (...) o Regimento Geral da UNILA” (Portaria que altera a composição do conselho universitário, Boletim de Serviço Unila, 2015, p. 5).

E1: “Nós tivemos aquele conflito no CONSUN, que entraram contra o CONSUN, ficou quase um ano sem Consun, né, os próprios docentes entraram contra o conselho universitário (...) houve um conflito interno (...) então, na verdade, nos últimos quatro anos, a UNILA andou pouco porque todo mundo ficou brigando... é quatro anos basicamente de conflitos. Porquê? Por causa da busca do eu.”

E2: “A paridade que foi acho que um dos maiores conflitos porque, nossa, o número de processos administrativos que (...) teve, paralisação [dos] TAEs (...) dos alunos, (...) dos professores(...) e foi resolvido contra a vontade de todo mundo por uma decisão judicial, acho que a pior forma(...) Virou uma guerra...todos contra tudo...fez uma divisão bem grande na universidade.”

E3: “Essa discussão da paridade (...) era paritário, deixou de ser por causa da LDB (...) isso daí também (...) fez um vinco nessa relação de entre as categorias (...) dividiu TAE's e docentes. Os dois grupos [de] docentes [alguns são] favoráveis a paridade e o outro grupo [não].”

E4: “Esse lance da paridade é (...) o maior conflito que existe hoje na universidade, porque isso determina a formação dos grupos, entende, determina a briga pelo poder (...) eu não consigo ver um conflito maior do que algo que para a universidade que, assim, estagnounão chegam a um acordo tão fácil, não sei se vão chegar algum dia, vão ter que chegar, né, a gente torce pra isso.”

E6: “O maior conflito mesmo foi o conselho universitário (...) primeiro foi a sua criação e depois o seu desfacelamento (...). A legislação, se pressupõe, né, uma composição

majoritariamente de docentes, né, (...). Os três grupos da universidade lutaram por composição de um conselho universitário (...) igualitário (...). A ideia inicial de que todos trabalharemos pela integração, né, foi derrubada pela, pela letra fria da lei (...) pode vir a emudecer muitas vozes que eram importantes pro próprio projeto de integração.”

Segundo o discurso dos TAE's, no topo dos maiores conflitos que a universidade enfrentou, está o processo judicial referente à composição do Conselho Universitário (CONSUN), cujos assentos são distribuídos entre docentes, TAE's, alunos e comunidade externa. Desde a formação do primeiro CONSUN, havia uma distribuição paritária entre as vagas destinadas aos alunos e TAE's, sendo que os docentes ocupavam a maioria das cadeiras (mas em proporção menor do que a prevista em lei). Segundo o que a lei prevê, 70 % dos assentos do conselho universitário devem ser ocupados por docentes, mas houve um acordo entre as três categorias (docentes, alunos, TAE's) para realizar uma composição diferenciada do conselho, com base no projeto de integração da universidade (democracia, pluralidade) e no princípio da autonomia universitária. No ano de 2015, um grupo de docentes que não concordava com a composição do CONSUN e judicializou o processo, que acabou com um ganho de causa por parte dos reclamantes, e o conselho precisou ser readequado (através da portaria copiada acima).

Sobre esse assunto, os TAE's manifestaram opiniões bastante parecidas, pois em seus discursos o tema é abordado através dos seguintes significantes (e expressões significantes): “o maior conflito”, “quatro anos de conflito”, “um ano sem CONSUN”, “busca do eu”, “vinco da relação”, “dividiu [TAE's e docentes]”, “briga pelo poder”, “universidade estagnou”, “não chegam a um acordo”. Todos os significantes utilizados apontam para um cenário negativo, que trouxe muitos prejuízos à universidade: “processos administrativos[disciplinares]”, “resolvido contra a vontade de todos”, “paralisação dos TAE's, alunos e docentes” e “emudecer muitas vozes (...) importantes para o projeto de integração”.

No discurso de um dos entrevistados, aparece novamente a oposição entre a legislação e o projeto de integração da universidade (conforme foi visto anteriormente), o que está expresso no comentário: “a ideia (...) de integração foi derrubada pela letra fria da lei”. Segundo E6, a extinta ‘paridade’ vai ao encontro da ideia de integração e foi conquistada através da “luta” dos três segmentos da universidade (alunos, docentes e TAE's).

Exceto pela portaria mencionada acima, não encontrou-se qualquer manifestação da universidade (mesmo na mídia) sobre o processo judicial movido por alguns de seus

professores. Apesar disso, o que fica evidente no discurso dos TAE's, é que esse conflito representou um marco na história da relação entre os grupos da universidade. O fato da UNILA ser uma universidade voltada à integração, não impediu que a decisão sobre o funcionamento do maior órgão da universidade tenha sido realizada através de um processo judicial, pela dificuldade dos grupos em chegarem a um consenso geral sobre o tema.

A partir de tudo aquilo que foi exposto na presente seção, pode-se pensar que UNILA enfrenta algumas dificuldades internas de integração, o que se configura em um desafio frente ao projeto integracionista da universidade.

4.11 A “fatia do bolo”: o individual x o coletivo

PDI:

“O desenvolvimento de habilidades e a oportunidade de contribuir com soluções para a superação das intolerâncias, das discriminações e das injustiças” (PDI, p. 11).

A UNILA valoriza na construção da integração regional: o diálogo e a comunicação intercultural, respeitando as diversidades existentes e possibilitando uma construção solidária e legítima; os saberes e experiências tradicionais colocando-os em interação com as diversas inovações científico-tecnológicas; e a história das diferenças e semelhanças entre culturas dos povos latino-americanos e caribenhos (PDI, p. 26).

E1: “Eu vejo muito ausência de compreensão entre os grupos (...) nós temos grupos (...) de docentes (...) que não concordam em nada (...). A ideia de decisão coletiva é muito hipócrita, considerando que a maioria dos seres humanos no momento de bater o martelo opta pela decisão de ser individual. Aqui na instituição, nós temos uma segregação muito grande e muito do projeto institucional não anda (...) pelo pensamento individual e não coletivo (...) O principal dano de você ter um discurso de coletividade, mas você ter uma ação de individualidade, é que o projeto institucional estagna.”

E2: “Os cursos, eles quase se matam (...) quando cê, tipo, não tem um, um foco de instituição, foco do meu curso mesmo, do instituto, do meu negócio, tem que resolver os meus problemas, são os meus problemas, individualiza, individual por instituto, depois por curso, sabe, totalmente individual... não vê a necessidade, vê cada um tem direito a uma fatia do bolo.”

E4: “Disputa... é algo muito forte em relação a espaços, infraestrutura, laboratórios, então isso é crítico porque, à medida que você defende o seu você está deixando o outro de lado (...). Você acaba não enxergando a universidade como um todo, você olha no seu interesse.”

E5: “Cada segmento quer visar só os seus objetivos, infelizmente a gente não se vê (...) não temos essa integração dos grupos, cada um luta pelo seu próprio segmento.”

Nesta seção, procurou-se isolar partes dos discursos que versam sobre a forma com que a cultura do individualismo, e/ou da coletividade, estão presentes na UNILA. No posicionamento da universidade, pode-se observar que há um discurso voltado à tolerância e ao diálogo social, como formas de construir uma cultura de solidariedade. Novamente, aparece aqui a ideia da valorização das diferenças e semelhanças entre as pessoas (culturas), cujos valores estão de acordo com o princípio do respeito à diversidade.

Na fala dos técnicos, aparece a contradição entre o discurso oficial sobre a coletividade, e a forma com que a instituição consegue colocá-lo em prática. Isolou-se aqui algumas expressões, utilizadas pelos TAE's, sobre o assunto: “ausência de compreensão”, “quase se matam”, “totalmente individual”, “deixando ‘o outro’ de lado”, “cada um luta por seu próprio segmento”, “não temos essa integração entre os grupos”, “não concordam em nada” e “[pessoas] não tem um foco na instituição”. Destaque para a sentença: “a decisão coletiva é muito hipócrita, considerando que a maioria dos seres humanos, no momento de bater o martelo, opta pelo individual”; a qual faz referência a uma dificuldade estrutural que as pessoas possuem em articular-se de forma coletiva. Essa problemática está expressa também na metáfora do bolo (“fatia do bobo”), que representa a cisão de interesses que se sobressai à decisão coletiva.

As contradições que emergem da dialética entre os desejos individuais e a vida em sociedade, permeiam toda a teoria psicanalítica, que estudou tanto o papel do narcisismo (a centralidade do ‘eu’) quanto da dimensão social na vida dos sujeitos. A história da psicanálise mostra que toda pessoa só se desenvolve quando é amparada pelo ‘outro’, o qual lhe fornece um suporte físico e simbólico para a existência. Ao mesmo tempo, em sua obra “O Mal Estar na Civilização”, Freud aponta o convívio com os outros como uma das três maiores fontes do sofrimento humano, já que a vida em sociedade limita a quantidade de satisfação pessoal que um sujeito pode obter. Quanto à problemática do interesse individual x decisão coletivo, parece que a discussão recai sobre a mesma dificuldade debatida na seção *Meio Patinando*, na

qual analisou-se o impacto da diversidade na tomada de decisões institucionais. Ainda que a UNILA seja uma universidade, cujos princípios estão ancorados no conceito de integração, ela precisa lidar com questões estruturais, que fazem parte de qualquer formação humana: as contradições entre o individual e o coletivo, entre o nacional e o regional e entre a diversidade e a igualdade.

Segundo o discurso dos TAE's, apesar do projeto baseado no discurso da solidariedade e do respeito à diferença, percebe-se um predomínio do interesse individual em detrimento do coletivo, no que se refere às decisões tomadas dentro da universidade.

4.12 “Argumentos difíceis de rebater”: os tropeços institucionais

Do ponto de vista psicanalítico, os sintomas são os principais indicativos de que algo não vai bem para a instituição. Tanto na clínica quanto no trabalho institucional, o trabalho do analista é “escutar” os sintomas e pontuá-los, no sentido de pôr em evidência aquilo que se repete, muitas vezes sem que o sujeito ou a instituição perceba. Muitas vezes, o sintoma é imperceptível, já que o funcionamento do mesmo foge à consciência, em decorrência do trabalho da censura. Aquilo que é censurado é o que não se pode dizer abertamente, talvez por contrariar o discurso oficial (seja o discurso institucional, ou, no caso do sujeito, o discurso religioso e da moral). Mesmo que não haja regras explícitas (escritas) sobre o que pode ou não ser falado, todos que fazem parte de uma cultura (ou de uma instituição) partilham códigos sociais comuns, o que faz com que saibam, ainda que inconscientemente, que certas coisas não devem ser ditas. O recalque produzido pela censura impede que algo seja falado, então, esse conteúdo retorna através das formações do inconsciente (sintomas, atos falhos, lapsos).

Neste capítulo serão trabalhados dois tipos de formação inconsciente que apareceram no discurso dos TAE's: os sintomas e os chistes. Qualquer uma das duas formações evidenciam uma ruptura na linearidade do discurso institucional, a qual será evidenciada através da presente análise.

Diante do conceito de sintoma como aquilo que molesta, incomoda ou provoca desprazer e, do conceito de chiste como uma expressão inconsciente de uma verdade que não pôde ser dita de outra forma, apresenta-se nesta seção uma reunião dos principais tropeços institucionais, conforme apareceram no discurso dos técnicos. Cabe ressaltar que, tal qual na escolha de todos os assuntos abordados na análise dos dados, o que importa aqui é aquilo que se configura no discurso como uma *repetição*. Assim como na clínica individual, considera-se que a repetição diz de uma marca presente no funcionamento institucional, a qual persiste e

faz com que a instituição esteja sempre girando a seu redor (o “osso”, conforme abordado na teoria).

Segundo Lacan, aquilo que não é resolvido no simbólico (que não está bem elaborado), aparece no real. Isso quer dizer que, quando existe algo com que a instituição não consegue lidar, isso se reflete nas suas práticas. A análise do discurso, pelo viés da psicanálise, se propõe a evidenciar as dificuldades enfrentadas pela instituição pesquisada, explicitando os tropeços institucionais que se repetem:

4.12.1 “Apagando Incêndio”: o planejamento institucional

4.12.1.1 Aspectos gerais

PDI:

“A reitoria, como órgão executivo responsável pelo planejamento, coordenação, supervisão, avaliação e controle de todas as atividades universitárias” (PDI, p. 43).

“Na UNILA, a política de gestão prima pelo seu aperfeiçoamento e pela alocação otimizada dos recursos, por meio de processo integrado, participativo e plural, viabilizando a infraestrutura necessária ao pleno desenvolvimento das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade” (PDI, p. 45).

Objetivo específico:

“Desenvolver a cultura de planejamento na UNILA para sensibilizar a comunidade universitária acerca dos benefícios gerados pelo planejamento” (PDI, p. 45).

E2: “Se você for falar pra mim: qual é o problema da UNILA? É planejamento (...) Precisa ter um foco maior na área de planejamento, e eu vejo reflexo no trabalho de todo mundo. Aqui, nós tamo com a equipe “parada”, porque não tem diretrizes (...)”

C: “Seis meses só pra decidir qual prédio construir?”

E2: “Não tá decidido ainda! (...) Eu vejo que a universidade não dá prioridade pra isso(...) as coisas que sem planejamento costumam derrapar (...). As coisas tinham que acontecer e num iam acontecendo, todo mundo se virando e apagando incêndio. (...) Acho que disparado é a área que tá com mais dificuldade hoje na universidade(...). Esse exemplo

que tô te falando aqui em seis meses é o exemplo que a gente vive 7 anos na UNILA. (...) Na reunião de gestão (...) não vão lá discutir planejamento.”

E3: “No início (...) a gente ficou numa sala (...) que tinha um vidro, assim, que todo mundo via a gente lá dentro (...) sem fazer nada (...) dinheiro público (...) recursos humanos sendo desperdiçados. (...) Nós éramos os peixinhos (risos)... do aquário. A gente apelida de “aquário” porque o brasileiro é bem humorado, né?, (risos) A gente não vai (...) [piorar] uma situação que já tá [ruim] (risos) (...) a gente já faz piada com tudo, na nossa cultura. (...) [Mas] no terceiro dia [uma servidora] foi falar com o ex-reitor*, sobre esse desrespeito, sobre essa falta de consideração, sobre o absurdo que era deixar 30 pessoas lá (...) Então, ela deu essa sacudida aí (...) o aquário se desfez (...): acabou a era de aquário! (risos).

Os processos seletivos eram feitos também nas coxas (...) um processo seletivo específico que deu problema (...) publicaram uma classificação que não era a classificação final (...) depois o arquivo mudou no site lá, olha deu uma confusão lá (...) Mudou sem explicação (...) mas, , abafaram lá o caso, então... (...) só apagar incêndio.”

E5: “A gente costumava falar que na nossa pra pró-reitoria de administração, a gente apagava incêndios, quando (risos) surgiam problemas, a gente tentava resolver o mais rápido possível.”

E6: “A moradia estudantil também foi uma, uma compra em cima da hora (...) foi uma compra, não vou dizer, né, feita no calor do momento (...), não foi dimensionado o fato que a estrutura que existia no local era uma estrutura antiquada (...) tanto é que (...) alguns anos se passaram[e um] incêndio tomou conta do lugar.”

Segundo seu discurso, a UNILA possui um órgão responsável pelo planejamento institucional: a Reitoria. Além disso, a universidade afirma que sua gestão prima pela “alocação otimizada de seus recursos” e pela “viabilização de infraestrutura necessária (...) às atividades de ensino”. O principal documento ligado ao planejamento institucional (PDI) apresenta como objetivos da universidade a “sensibilização (...) acerca dos benefícios do planejamento” e o desenvolvimento de “uma cultura de planejamento”.

Em contrapartida, o que se repete no discurso de todos os técnicos é o fato de que o planejamento tem sido um grande tropeço institucional, o que se evidencia através das expressões: “o problema da UNILA é o planejamento”, “não dá prioridade para isso”, “área

com maior dificuldade”, “as coisas (...) costumam derrapar”, “equipe parada porque não tem diretrizes”, [a ausência de planejamento] “a gente vive há sete anos”, “trinta pessoas (...) sem fazer nada”, “feito nas coxas”, “compra em cima da hora”, “não foi dimensionado”, “feita no calor do momento” e “reunião de gestão (...) não discute planejamento”.

Nas falas sobre o planejamento, apareceram chistes significativos que bem expressam o discurso de todos os entrevistados sobre o funcionamento institucional no que diz respeito aos anos de fundação da universidade. A metáfora “apagando incêndio” aparece em três das cinco falas recortadas, sempre referindo-se a forma com que a universidade resolve seu problemas, gerados em decorrência da falta de planejamento. Curiosamente, a palavra ‘incêndio’ aparece numa quarta entrevista, dessa vez falando sobre algo que aconteceu na dimensão do Real. Devido a uma compra feita “no calor do momento”, sem considerar que o local era inadequado para habitação (antiga), a moradia estudantil acabou pegando fogo. A essa altura, a moradia já havia sido desativada, apenas *cinco anos depois de ter sido comprada* pela UNILA.

Em relação ao chiste, Freud dizia que ele é um momento lúdico em que se ‘joga com as ideias’, encontrando similaridade entre coisas dessemelhantes, que aparentemente não fazem sentido. A análise do discurso dos TAE’s demonstrou que o significante “planejamento” associou-se, na cadeia discursiva, ao significante “incêndio”. Isso pode ser constatado à medida que vários entrevistados, ao se referirem ao planejamento institucional, utilizam a expressão ‘apagando incêndio’. Houve um deslizamento de sentido entre uma palavra a outra (planejamento/incêndio), o que fez com que aparecessem associadas no discurso. Do ponto de vista lógico, tal associação não faz qualquer sentido e mesmo assim é capaz de provocar o riso no entrevistado (e na pesquisadora). A psicanálise mostra, no entanto, que é justamente a produção de sentido, entre conexões inesperadas, que traz comicidade ao chiste. Através do chiste, fala-se de algo querendo dizer outra coisa: o riso aparece porque não há um incêndio verdadeiro (apesar disso ter ocorrido, conforme apareceu em uma outra entrevista), mas as pessoas agem como se houvesse! Elas correm pra resolver um problema no imprevisto, ‘do jeito que dá’. O que seria um incêndio? Aquilo que precisa ser resolvido imediatamente e que, se não o for, consumirá tudo. O incêndio representa a destruição completa, frente a qual é preciso parar qualquer outra atividade e tomar providências. A angústia dos técnicos em lidar o tempo todo com situações emergenciais fez com que surgisse, entre eles, essa brincadeira: “*a gente costumava falar que, na nossa pró-reitoria de administração, a gente apagava incêndios*” (risos). A psicanálise mostra como o humor atua de forma a exprimir um afeto doloroso suprimido, o que pode ser exemplificado

pelo embaraço causado aos trabalhadores da UNILA, que precisam lidar o tempo todo com decisões tomadas sem planejamento. Conforme mencionado por um dos entrevistados, as coisas que não tem planejamento costumam de fato derrapar, pois, sem ele não existe sustentação para operacionalizar as decisões da universidade.

A metáfora do incêndio diz tudo o que precisa dizer sobre a visão dos técnicos em relação à universidade, sem que precisem utilizar frases mais diretivas e críticas em relação à gestão, o que talvez não seria socialmente tão bem aceito quanto o chiste. O interessante é que, apesar de não haver um incêndio real, todas as pessoas da pró-reitoria (citação acima) utilizam a mesma expressão para se referir ao mesmo problema. Culturalmente, a expressão “apagar incêndio” é utilizada pelos brasileiros para se referir aquilo que é feito ‘de improviso’ (tal qual a expressão “nas coxas” E3), e que, geralmente, causa um desconforto ou estorvo. A ambiguidade de sentido, contida no chiste, só pode ser entendida por pessoas que partilham os mesmos significados culturais (brasileiros/funcionários da UNILA), como nesse caso, em que todos entendem e riem da expressão “apagando incêndio”.

Outro chiste que apareceu nas entrevistas também demonstra um sofrimento vivenciado pelos TAE’s frente à maneira com que foram recebidos na universidade: “a gente ficou numa sala (...) desrespeito (...) falta de consideração (...) absurdo deixar trinta pessoas lá (...) sem fazer nada”. A permanência dos servidores, durante dois ou três meses, numa mesma sala sem ter qualquer trabalho para executar, ocorreu porque a universidade contratou os TAE’s sem ter planejado uma alocação para cada um deles. Tal situação, além do desconforto que produzia, acarretou prejuízos pra universidade, o que está evidenciado nas expressões: “dinheiro público [e] recursos humanos desperdiçados”. Cabe ressaltar, que esse contexto marcou o início da história dos TAE’s dentro da universidade, ou seja, foi a forma como começou a relação entre os técnicos e a UNILA.

O cenário descrito acima fez surgir entre os técnicos um gracejo, utilizado para apelidar a sala em que essas pessoas permaneciam ociosas: o “aquário”. O “aquário” se constitui em mais um exemplo de como uma expressão deslocada de sentido é utilizada de forma inesperada e produz risos, pois fabrica uma ligação entre dois significantes, que possuem significados completamente diferentes. Através de um deslizamento significativo, a palavra “sala” foi associada à palavra “aquário”, o que produziu um novo sentido, que pelo ‘desatino’ dessa junção, faz rir. O interessante do chiste é que ele, assim como todas as formações inconscientes (sonho, lapso, sintoma), possui uma lógica própria, produzida inconscientemente.

Do ponto de vista racional, o aquário é um lugar onde os peixes ficam o tempo inteiro

sem nada fazer, à mercê dos humanos, que determinam a rotina de sua alimentação, a temperatura da água e o espaço que eles têm disponível para se movimentarem. Essa situação não difere muito daquela que foi descrita pelos TAE's, que passavam o dia todo à espera de alguém que viesse lhes dizer o que fazer e em que lugar trabalhar.

O significante “vidro” permitiu que as palavras “sala” e “aquário” se conectassem, pois foi através do vidro que as pessoas que passavam no corredor podiam olhar todos ali sentados, ociosos: uma situação constrangedora para um trabalhador, que obviamente é pago para executar o seu trabalho (para produzir). No bojo da ligação entre sala-vidro-aquário (representando a sequência S1-S2-S3) conectou-se também o significante “peixe” (“nós éramos os peixinhos do aquário”), que simbolizava a posição vergonhosa em que os trabalhadores se encontravam naquele momento. A entrevistada conta que, em determinado momento, um dos “peixinhos”, inconformado com a situação em que se encontrava, “deu uma sacudida” no aquário. Essa última expressão foi utilizada (pelo mesmo entrevistado) também como um gracejo, para dizer que aquela servidora ‘deu uma bronca’ (E3) no reitor, em decorrência da situação ‘desrespeitosa’ que se apresentava naquele momento.

Conforme foi abordado na teoria, o dito humorístico só desperta o riso se ele preencher algumas condições: a surpresa, a ambiguidade e o afeto doloroso suprimido. Tanto na situação do “aquário” quanto na do “incêndio”, as três condições são preenchidas: o discurso deixa transparecer um sofrimento, existe uma ambiguidade de sentidos no uso das expressões e a expressão utilizada possui um sentido diferente do que teria, se fosse tomada ao ‘pé da letra’. O tom da fala da servidora (indignação), quando fala em “desrespeito/desconsideração”, é modificado quando conta (rindo) sobre a metáfora do aquário. A entrevistada bem expressa a presença constante do chiste na cultura brasileira, bem como o valor que a psicanálise atribui ao humor: “a gente não vai piorar uma situação que já tá ruim”. Vale lembrar que o gracejo é uma forma de liberar os sentimentos agressivos e a angústia que acomete o sujeito, e o humor é sempre um instrumento importante para ajudar uma pessoa a lidar melhor com aquilo que lhe faz mal.

O chiste utilizado pela entrevistada dá um passo além, tendo seu desfecho na afirmação: “acabou a era de aquário!”. A psicanálise costuma buscar na origem das expressões o seu significado original, para então entender como foi possível um deslizamento significante, através do qual uma expressão adquire um significado completamente novo. Originalmente, a ‘era de aquário’ é um termo ligado à astrologia, que significa um espaço de tempo específico, uma época marcada por acontecimentos que lembram o funcionamento comportamental das pessoas que nascem sobre o signo de aquário. Ou seja, nesse caso, o

deslizamento significativo permitiu que o termo “aquário” (local para colocar peixes) tivesse assumido mais um sentido, referindo-se a uma dimensão temporal (Era). No caso da UNILA, a “era de aquário” foi um espaço de tempo muito específico, com duração de aproximadamente três meses, em que os TAE’s vivenciaram uma situação que lhes causou angústia. A “era de aquário” é representativa da ausência de planejamento que acomete a UNILA, desde os primeiros anos de sua fundação.

De acordo com o que apareceu no discurso dos técnicos, a prática de fazer tudo às pressas é algo recorrente na universidade. Na realidade, isso fica marcado no discurso dos TAE’s desde o assunto da implantação, quando se referem a uma “corrida política” para implantar a universidade. Desse ponto de vista, pode-se pensar que a própria história do início da universidade encontra-se marcada pela questão do “fazer apressado”, ou seja, de executar ações sem o planejamento necessário.

Segundo a teoria psicanalítica, quando algo é impossível de dominar pela via da consciência surge uma compulsão à repetição, ou seja, uma repetição de atos. Quando esses atos são prejudiciais, pode-se reconhecer ali um sintoma, que geralmente se torna central na vida e na história de uma instituição (ou sujeito). Contradizendo o discurso institucional, que está sempre situado na ordem de um ideal (ligado ao projeto da universidade), o discurso dos TAE’s revela aquilo que MILLER (1998, p. 39) chama de “osso”: o tropeço do qual a instituição não consegue se livrar. Pode-se dizer que a ausência de planejamento é um dos principais “sintomas” institucionais que aparecem no discurso dos TAE’s sobre a UNILA. Ligado à questão do planejamento (e por isso situado nesta seção), encontra-se outro sintoma: o atraso na operacionalização das decisões institucionais e nos processos internos de trabalho.

4.12.1.2 O atraso

Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI):

A UNILA continuou sob a tutela da UFPR até o dia 28 de maio de 2011(...) A Universidade já contava com orçamento próprio para o exercício de 2011, [de] R\$ 107.837.557,00. No exercício 2012, foi disponibilizado (...) R\$ 170.412.359,00, sendo 68% deste valor (R\$ 116.728.653,00) destinados a investimentos, principalmente, para a construção do campus (PDI, p. 69).

E1: “Sabe porque que não vencia gastar? Porque não tinha efetividade nas ações, muita reunião pra chegar a conclusão nenhuma, porque você só consegue gastar quando você determinou objetivo (...) as pessoas perderam muito tempo discutindo ao invés de agindo.”

E3: “Intão, esse dinheiro de implantação, eu considero que não foi bem gasto, não foi planejado, foi muito negligente a forma como lidaram com a questão do, do dinheiro público pra implantar a UNILA, porque falta de informação não tinha...”

E4: “Fronteira Sul que é nossa universidade irmã, né, porque foi criada no mesmo ano, em muitas questões tá anos luz na nossa frente.”

E5: “A gente tinha...uma administração, é que não soube se u...utilizar bem os recursos financeiros que nós tínhamos a disposição da UNILA, nós perdemos muito dinheiro que poderia ser investido na instituição que foi teve que ser devolvido a União, porque como não é utilizado é devolvido.”

E6: “Não houve chamada de alunos em 2012 por causa (...) [de] uma situação confusa que a universidade criou, né; assumir muitas demandas (...). Todo o necessário pra fazer uma universidade andar, né, e, ou estava atrasado ou sequer havia sido adquirido (...) foi um problema muito grave. (...) Teve uma turma (...) que sofreu com esse atraso do fornecimento, né, no caso alimentação, moradia, porque a moradia estudantil já estava, né, lotada.”

Praticamente no discurso de todos os TAE's, apareceu a dificuldade da UNILA em utilizar o orçamento disponibilizado pelo MEC para a fundação da universidade. Sobre essa questão, o único dado encontrado nos documentos oficiais foram os valores que a UNILA recebeu nesses primeiros anos.

De acordo com os TAE's, a UNILA devolveu ao MEC uma grande parte do dinheiro que deveria ter sido utilizado na implantação da instituição por não ter conseguido empregar o dinheiro naquilo que deveria ter sido comprado. A questão do uso do dinheiro gira em torno do atraso no tempo em que as decisões da universidade são tomadas e/ou operacionalizadas: “não vencia gastar”, “muita reunião pra chegar a conclusão nenhuma”, “perderam muito tempo”, “está anos luz na nossa frente”, “discutindo ao invés de agindo”, “não soube utilizar os recursos (...) à disposição” e “todo o necessário para fazer a instituição andar estava atrasado”.

Parafrazeando um dos entrevistados, pode-se dizer que só é possível gastar bem um dinheiro quando se determinam os objetivos. A deficiência no processo de planejamento parece ter impactado, entre outros aspectos, no gasto do dinheiro disponível para a

implantação da universidade – o que ocasionou atrasos no desenvolvimento institucional.

Segundo a psicanálise, o sintoma é o principal indicativo de que algo não vai bem na instituição, e constitui a nota dissonante sobre a qual o analista deve se debruçar. O sintoma é uma mensagem a ser decifrada, pois diz algo sem que a instituição saiba o que está sendo dito, e esse algo é sempre da ordem daquilo que permanece fora da consciência. O que estaria, portanto, por trás dos sintomas da UNILA? Assim como em relação ao planejamento/atraso, o discurso dos TAE's revelou a repetição de outros tropeços institucionais, que podem ser tomados como sintomas: a evasão escolar, a dificuldade do reconhecimento do diploma da UNILA no exterior e a impossibilidade de levar à cabo a construção do campus universitário. Além disso, cabe lembrar a relação conflituosa que a instituição mantém (ou manteve) com a sociedade e as dificuldades internas de integração entre seus grupos.

Como já foi visto, o sintoma é sempre fruto de uma falha da função paterna, e é fabricado como substituto dessa falha. A função paterna, para a psicanálise, nada mais é do que a lei. Ela recebe esse nome porque, na família, é o pai quem ocupa a função fundamental do interdito. Como já foi dito anteriormente, esse é justamente o papel da lei, a qual barra uma possibilidade (proibição) e, assim, funda outros tantos caminhos a serem seguidos. No caso da UNILA, pôde-se observar que há uma dificuldade estrutural da universidade em lidar com a lei, seja porque a legislação brasileira não prevê um projeto diferenciado de universidade, ou porque o próprio projeto de integração da América Latina está pautado em um ideal, que como qualquer outro, possui falhas.

Num contexto político no qual a UNILA foi “acontecendo” como desejo de um governo, envolta por uma “corrida” na concretização de um ideal, frente a uma legislação incondizente com um projeto inovador de universidade e em que os servidores não tem claro - ou não se sentem participando - da missão institucional, não causa estranhamento perceber que a UNILA ‘produziu’ os sintomas que foram mencionados. Cabe ressaltar que a fund(ação) é o principal elemento de uma obra e que, se houver falhas em sua estrutura, o restante tende a desabar (“patinar”). Quando olha-se para a história de uma instituição, olha-se para a fund(ação), sobre o qual todo o resto está ancorado. Apesar de tantos aspectos positivos ou conquistas que a UNILA possa ter tido durante todos esses anos, o que o discurso dos TAE's aponta é que tanto o contexto político, quanto as próprias dificuldades históricas encontradas pelo discurso da integração regional, estão na base da estruturação da universidade. À análise do discurso cabe apontar os tropeços institucionais, levando em conta a falta primordial que funda a universidade: a dificuldade de integrar os países da América Latina.

Abordar os sintomas de uma instituição é um trabalho valioso, levando em consideração a afirmação de Lacan (1974, p. 84), segundo a qual o sintoma persiste enquanto o significante que ele substituiu não puder vir à tona. Na medida que os tropeços institucionais não forem assumidos enquanto um sintoma, torna-se bastante difícil que a UNILA possa fazer algo para superá-los. Para realizar essa tarefa, é necessário levar em consideração o que, na história da instituição, falha/tropeça.

Para decifrar o sintoma é preciso observar a sua articulação na cadeia significante, motivo pelo qual nas análises acima tentou-se reconstruir a articulação da cadeia significante (ex: sala-vidro-aquário– Era). O sintoma é uma mensagem cifrada, que pertence a uma história especial de formação: no caso da universidade em questão, viu-se que a tendência a tomar decisões apressadas está na base de constituição da universidade. Cabe lembrar aqui as palavras do ministro da educação Fernando Haddad, quando mencionou a *urgência* em promover a cooperação e o intercâmbio solidários entre o Brasil e os demais países da América Latina (IMEA, 2009, p. 15). Desde o seu discurso fundacional até as práticas da universidade, a UNILA tem convivido com as urgências, tentando fazer o que pode para superá-las. No entanto, parece que a tendência a tomar decisões apressadas vem interferindo no desenvolvimento institucional.

4.12.2 O Reconhecimento dos diplomas no exterior

Lei criação UNILA:

[Possui] como missão institucional específica formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana, com o desenvolvimento regional e com o intercâmbio cultural, científico e educacional da América Latina, especialmente no Mercado Comum do Sul – MERCOSUL (12.189/2010).

PDI:

“A cooperação internacional também poderá estar materializada na instituição sob a forma de busca de reconhecimento dos diplomas da instituição nos países originários dos estudantes” (PDI, p. 19).

Meta 4:

Estabelecer, até 2014, acordos internacionais de validação dos diplomas

emitidos pela universidade com todos os países vinculados à UNILA. A UNILA, dada sua natureza interdisciplinar, busca atender com os títulos que outorga às exigências institucionais brasileiras e dos demais países da América Latina e Caribe, garantindo, assim, a possibilidade de reconhecimento profissional e ocupação funcional nos países de origem dos estudantes (p. 60).

E2: “(...) Acho um problema enorme que até hoje a gente tem essa proposta: tá trazendo as pessoas pra cá, tão estudando, mas as pessoas não têm validação nos próprios países delas, então ela não tem como trabalhar lá. Então, na verdade, a proposta que a gente tá fazendo hoje não é bem integração, a gente tá trazendo pessoas para trabalharem no nosso país.”

Pesquisadora: Então a missão da UNILA que é formar recursos humanos aptos(...)?

E2: “Não tá funcionando, não, não tá funcionando ainda porque eu participei de uma reunião que dizia sobre essa comunicação (...) e não existe.”

E4: “O objetivo da universidade não é construir um conhecimento pra ser usado aqui regionalmente ele é pra que essas pessoas esses profissionais formados voltem pra suas, pros seus locais de origem e auxiliem de alguma forma através de sua profissão [para] que a realidade daquele local seja afetado de maneira positiva.”

A missão da UNILA, que direciona o discurso institucional, está voltada à formação de recursos humanos aptos a contribuir para a integração da América Latina. Um dos pilares do discurso fundacional da UNILA é a cooperação solidária entre os países latino-americanos e, segundo esse mesmo discurso, ela seria materializada, entre outros aspectos, pelo reconhecimento dos diplomas da instituição no exterior. As metas estabelecidas pelo Plano de Desenvolvimento Institucional previam que, até 2014, a UNILA tivesse firmado acordos internacionais para a validação dos diplomas expedidos pela universidade. Isso porque, segundo o projeto da UNILA, é interessante que os profissionais formados possam trabalhar (pela integração) em seus países de origem.

Os TAE's reconhecem a importância da validação dos diplomas da UNILA no exterior, pois reafirmam a meta institucional de que os profissionais formados devem “voltar pra seus locais de origem e auxiliarem (...) que a realidade daquele local seja afetada de forma positiva” (E4). Contudo, apesar do interesse primordial da universidade, de que seus egressos

possam trabalhar em vários países, o que o discurso dos TAE's aponta é que, até o final de 2017, nenhum acordo havia sido feito para o reconhecimento dos diplomas no exterior. A situação problemática foi explorada por um dos TAE's na seguinte afirmação: “a gente não tá fazendo (...) integração, a gente tá trazendo pessoas para trabalharem no nosso país” e [a missão da UNILA] “não tá funcionando”.

A constatação apresentada no discurso dos TAE's parece sintomática à medida que a instituição tropeça naquilo que lhe é fundamental. Novamente, aparece o significante do atraso, pois a meta institucional era de que, até 2014, acordos já tivessem sido feitos nesse sentido. Segundo Safouan (1989), a única forma de se trabalhar sobre o sintoma é reconduzi-lo sobre sua história (que se relaciona com a história institucional), tarefa que exige pontuar as falhas da universidade no alcance da sua missão. A ausência do reconhecimento dos diplomas da UNILA no exterior, parece ser uma dificuldade ao alcance dos seus objetivos.

Segundo Ocariz (2003, p. 142), o sintoma é um componente essencial da identidade, talvez o mais real que o sujeito tem. Isso se relaciona ao fato de que o sintoma é sempre algo muito particular, uma formação que só pode ter origem dentro de uma história única: neste caso, a história institucional. As coisas feitas com pressa desde o início, a dificuldade de integração estrutural entre países diferentes, o obstáculo natural do ser humano em tolerar a diversidade, a dimensão política do projeto (que sofre impactos com as mudanças de governos), a dificuldade de integração interna e com a sociedade e a legislação que trata todas as universidades como iguais, são algumas das marcas fundamentais na história da UNILA, que devem ser tomadas como pano de fundo dos sintomas institucionais. Resgatar a história através da qual o sintoma se formou, possibilita que ele seja reintroduzido em sua dimensão significante, ou seja, que sejam resgatados os ‘S’ da cadeia (significantes S1 – S2 – S3). Aqui, neste trabalho, resgatou-se inúmeros significantes importantes na história da UNILA: integração, política, diversidade, lei, urgência, atraso, entre outros.

4.12.3 A evasão

PDI:

“A UNILA prezaré (...) pela ampliação de acordos que fortaleçam a manutenção dos acadêmicos junto à instituição e na cidade de Foz do Iguaçu” (PDI, p. 19).

E1: “Nós tivemos que cortar esse benefício e tenho certeza que isso contribuiu com o aumento da evasão de alunos de dentro da instituição porque foi prometido uma coisa, o aluno

venho pra cá se preparando para receber, não recebeu voltou (...) uma evasão grande que nós temos é você ver cada ano diminuir o número de alunos...”

E4: “Tem alguns argumentos que é difícil inclusive a gente rebater sabe (...) A evasão é muito alta, de fato nossos índices de evasão são maiores (...) Ai, quando o contribuinte 'eu to colocando meu dinheiro ai e o dinheiro tá sumindo' (...) As pessoas tão abandonando a UNILA (...) quer dizer, meu dinheiro não tá servindo pra nada. Aí você fala: 'poxa não é bem assim!' Mas de certo modo é assim, sim. Nossos resultados não são tão bons ainda, então, quando chega nesse nível de discussão em relação aos resultados da universidade (...) aí é (...) difícil de rebater os argumentos da rejeição.”

O Plano de Desenvolvimento Institucional orienta que a UNILA deve trabalhar no sentido de favorecer a permanência dos alunos dentro da universidade, bem como na cidade de Foz do Iguaçu. Entretanto, nas entrevistas dos técnicos, a evasão apareceu como um dos problemas institucionais relevantes, o qual influencia, inclusive, a imagem da universidade frente à sociedade. Sobre o tema podem ser feitos alguns recortes do discurso dos TAE's: “aumento da evasão”, “cada ano diminui o número de alunos”, “nossos índices de evasão são maiores” e “nossos resultados não são tão bons”.

Esse sintoma institucional ajudou a nomear esta seção, pois, segundo a fala de um dos entrevistados, o argumento da evasão é algo difícil de “se rebater”, já que a comunidade entende que o dinheiro público investido na universidade não está tendo o retorno esperado. Essa é uma questão bastante complicada, porque reforça as dificuldades de relacionamento entre a UNILA e a sociedade e fragiliza a permanência do projeto institucional.

No discurso dos TAE's, a alta taxa de evasão aparece com um sintoma ligado ao histórico da UNILA, a qual iniciou suas atividades realizando uma espécie de “campanha” para a captação de alunos no exterior. Segundo os TAE's, essa “campanha” foi baseada no fornecimento de benefícios estudantis, que precisaram ser cortados posteriormente, quando a União exigiu a realização de avaliações socioeconômicas dos alunos. Sem os benefícios estudantis, muitos estudantes tiveram dificuldades para permanecer na universidade e acabaram abandonando seus cursos e voltando para seus países.

Nessa perspectiva, a evasão também aparece como uma certa ‘herança’ da forma apressada e não planejada com que a UNILA historicamente se constituiu. Sobre os sintomas institucionais, a teoria mostra que eles sempre oferecem um ganho, o que faz com que permaneçam, apesar do sofrimento ou prejuízo que provocam. Todo sintoma auxilia o sujeito

(ou instituição) a minimamente se organizar e sobreviver, frente à impossibilidade de lidar com a própria falta. Levando em conta que o ideal de integração latino-americana possui um viés ligado ao pensamento dos governos de esquerda, pode-se imaginar que, talvez, se a universidade não tivesse sido implantada naquela época, existiria uma chance dela não ter sido fundada posteriormente. Após sua implantação, provavelmente a forma com que a instituição conseguiu se organizar e permanecer funcionando foi através dos seus sintomas: “apagando incêndios”, atrasando prazos e enfrentando dificuldades em construir seu campus ou se relacionar com a sociedade.

4.12.4 Um Elefante Branco, um quiproquó: o campus universitário

PDI:

“Por sua dimensão monumental levará cerca de cinco anos para a sua conclusão em duas etapas (...). Trata-se da segunda maior obra da história da região - precedida apenas pela Usina Hidrelétrica de Itaipu. O prédio da UNILA já está sendo considerado símbolo para a cidade” (PDI, p. 12).

O plano diretor do campus da UNILA (...) precisa transparecer a vocação integradora da Universidade. Sua estrutura física (...) visa a favorecer a interação coletiva, mediante espaços comuns de convivência, constituindo-se assim em ambiente de produção de saberes e de enriquecimento cultural (PDI, p. 61).

A UNILA em construção:

A arquitetura do futuro campus – concebida pelo arquiteto Oscar Niemeyer – começa a ser idealizada de forma que os espaços se harmonizem com a ideia de integração e com a concepção pedagógica, de modo a ajudar a instauração de uma cultura espontânea da integração” (IMEA, 2009, p. 18).

E2: “Uma obra imponente pra poder ter uma representatividade na América Latina (...) pra poder atrair estudantes e professores (...) ele é um projeto bem diferente dos projetos comuns, porque primeiro a proposta da UNILA é uma proposta diferente (...). O nosso projeto, a concepção dele é integração (...) então, todas as pessoas vão estar sempre em contato(...) Tem uma concepção, ela é fora do normal, então, as pessoas criticam (...) mas, também, pelo meu entendimento, sempre foi uma concepção da UNILA pra tentar mostrar a magnitude(...) a UNILA tentou entregar ele [campus] pra Itaipu e a Itaipu não aceitou (...) joga na comunidade uma ideia e a comunidade começa a cultivar que vamo devolver, que isso

não vale nada (...), e, desde aquela época isso vem crescendo (...). O diretor geral [da Itaipu] falou que não, que, na verdade, é um problema da UNILA e ela tem que resolver, o que não pode é deixar aquele esqueleto ali na entrada.”

E3: “Um quiprocó esse negócio, o campus da UNILA tá um enrosco. (...) Quiprocó é uma polêmica mais quente, (risos). (...) Tão decidindo se vai continuar esse projeto ou não, mais de qualquer forma, se não continuar é ruim, se continuar é ruim (...). O campus da UNILA hoje acho que é o troço mais problemático (...) o mais sério, mais que a integração (...) porque envolve uma quantidade de dinheiro público muito grande, deixa a imagem da UNILA aos pedaços (...) repercute negativamente (...) no desenvolvimento da instituição e (...), na presença da instituição na cidade (...) todo mundo (...) vê aquela estrutura inacabada (...) vai muito além da UNILA esse problema do campus.”

E6: “Decidiram fazer uma obra quase megalomaniaca (...). Numa visão geral a obra está abandonada (...), por consequência disso a universidade acaba sofrendo várias atribulações, né, principalmente no que tange a espaços. (...) Hoje em dia (...) pela situação política aquele projeto ali vai se tornar um elefante branco. (...) Elefante branco geralmente significa algo que foi erguido a um custo muito alto, que tem um retorno pífio, se não nulo.”

Assim como o discurso governamental sobre a UNILA (à época de sua fundação) associava-se a ideia de magnitude, a universidade se refere ao seu campus através de significantes, cujos significados estão ligados à ideia de grandeza: “dimensão monumental”, “segunda maior obra da história da região” e “símbolo para a cidade”. Nesse ponto destaca-se a dimensão imaginária do discurso institucional, a partir da qual a universidade “se conta” como um marco na história tanto da cidade, quanto da integração latino-americana.

No discurso dos TAE’s, o significante “campus” também aparece associado à ideia de proporção, ou tamanho, conforme demonstram as expressões: “obra imponente”, “mostrar magnitude” e “obra quase megalomaniaca”. O desejo de construir um campus “gigante” aparece associado, no discurso dos técnicos, à ideia de divulgação da universidade: “uma obra imponente (...) pra poder atrair estudantes e professores”. A mesma ideia de uma ‘campanha para divulgar a universidade’ está presente no discurso dos técnicos sobre os processos seletivos dos alunos no exterior.

De acordo com o discurso oficial, o ideal de integração é o próprio fio condutor do desenho do campus universitário. Conforme a UNILA, a estrutura de seu campus foi pensada

para “favorecer a integração coletiva” e a convivência em espaços comuns, o que vem ao encontro do projeto institucional. Essa afirmação é confirmada pelo discurso dos técnicos, para os quais, a concepção do campus realmente é diferenciada, pois remete ao projeto inovador da universidade, ligado à integração. Pela marca dessa diferença, de acordo com eles, as pessoas criticam e não valorizam o projeto do campus, o que é acentuado pelo impacto causado e pela paralisação da obra na comunidade.

Quanto ao desejo de que o campus universitário contribuísse para a instauração de uma cultura da integração (o que está presente no discurso oficial), vale lembrar que, de fato, os TAE's associaram a atual infraestrutura fragmentada como um fator de grande influência na divisão que existe hoje entre os grupos da universidade (professores, técnicos, alunos).

Ainda que o campus da universidade apareça no discurso como a materialização do projeto institucional, de acordo com os TAE's, hoje ele se transformou em um “elefante branco” (“custo alto, retorno pífio” - E6), numa “obra abandonada”, num “enrosco”, num “esqueleto na entrada da Itaipu”, num “troço problemático” e em um “quiproquó”. Essa última expressão se refere a um chiste, que provoca o riso do entrevistado e, ao ser perguntado sobre o valor dessa expressão, explica: “quiproquó é uma polêmica mais quente”. Como já foi tratado aqui, o chiste representa uma forma socialmente aceita de falar sobre algo que não vai bem e que causa angústia. O tom utilizado na expressão “uma polêmica mais quente” faz referência a um assunto sobre o qual existe algum tipo de censura e que causa certos constrangimentos. De fato, a paralisação do campus da universidade é um dos grandes problemas que a UNILA enfrenta atualmente. Na impossibilidade de resolver essa questão, segundo os TAE's, a universidade tentou devolver à Itaipu o terreno onde se situa a construção, mas a empresa recusou. Se em alguns momentos a Itaipu apareceu no discurso como ocupando uma ‘função materna’ para a UNILA, pode-se metaforicamente dizer que essa ‘mãe’ não aceitou de volta o presente que deu a sua ‘filha’. O fato da UNILA não conseguir lidar com a problemática que envolve o campus, faz-se presente no discurso dos técnicos: “se não continuar é ruim, se continuar é ruim” (E3). O campus universitário é mais um dos problemas da UNILA ligados ao significante “atraso”.

A construção do campus aparece no discurso dos TAE's como um dos grandes pontos críticos enfrentados pela universidade, ao lado do fim da ‘paridade’ e da deficiência no planejamento institucional. A paralisação das obras representa um conflito interno porque, como avaliam os entrevistados, “repercute negativamente na presença da instituição na cidade (...) deixa a imagem da UNILA em pedaços, atrasa o desenvolvimento institucional” e [causa] “atribulações no que tange a espaços”. Destaca-se a significativa expressão “em pedaços”, já

que ela bem reflete o atual estado do campus universitário (“esqueleto”). Ao levar-se em consideração o discurso da universidade, segundo o qual o campus representa o projeto institucional e um símbolo da presença da universidade na cidade, cabe interrogar qual seria o impacto sofrido pelo ‘projeto UNILA’ com a desistência da construção de seu campus?

Além do que foi exposto, toda a problemática da construção do campus está ainda envolta em uma dimensão política. Se, de alguma forma o significante “campus” está ligado aos significantes “UNILA – integração latino-americana – governo”, e se o atual governo não possui o mesmo envolvimento com o projeto de integração regional como o governo anterior, de fato, pode ser que a universidade enfrente uma dificuldade real (orçamentária) em acabar a obra do campus.

O governo é o representante da lei, portanto, pode-se pensar que, simbolicamente, ocupa o lugar do “pai” das instituições sociais de um país. A psicanálise diz que os sintomas institucionais são justamente fruto de uma falha dessa função paterna: são a forma com que o sujeito/instituição consegue suprir essa carência. Desse ponto de vista, para ressignificar seus sintomas, é importante que a UNILA venha a estreitar os laços com esse “pai”, bem como a relação que possui com a sociedade, e com os outros países da região (lembrando a dificuldade do reconhecimento dos diplomas no exterior). O projeto de integração latino-americana não pode ser realizado sem o interesse dos outros países da América Latina, já que a integração possui sempre mais de um elemento: um número maior que um.

Quanto ao assunto tratado nesta seção, cabe dizer que a dificuldade da UNILA em terminar o campus universitário (atraso) pode ser vista como um sintoma institucional, à medida que traz prejuízos à universidade (molesta, incomodada), e a faz tropeçar, num conflito que não tem conseguido resolver. Essa é justamente a característica do sintoma, que persiste e se repete, apesar dos prejuízos que acarreta.

No capítulo da análise dos dados foi visto que o sintoma possibilita a estruturação do sujeito e da instituição, frente a sua própria falta. Dessa forma, tanto permite que a instituição se defenda dos perigos a sua sobrevivência, quanto pode se configurar em uma doença que se opõe à transformação e ao desenvolvimento institucional. A psicanálise mostra que os indivíduos, assim como as instituições, são apegados aos seus sintomas, pois repetem sempre o mesmo quadro, o mesmo ponto e o mesmo fracasso. Nessa situação o sintoma é empobrecedor e incômodo.

A análise do discurso institucional, confrontada ao discurso dos agentes que compõe uma instituição, possibilita reconhecer aquilo que se faz presente como um sintoma (o que causa angústia e paralisação) e que aparece ligado à história da instituição e ao desejo que a

fundou. Prestar atenção nessa história é o passo inicial para que uma instituição possa sair do aprisionamento de seus sintomas, e talvez viver em um outro estado, mais atuante, criativo e transformador. Alguns sintomas são irreduzíveis, assim como alguns furos na fundação (já que a falta é inerente à toda criação humana). Entretanto, talvez o que a UNILA possa fazer seja mudar a relação que mantém com os seus sintomas, com a sociedade, com seus grupos, com a lei, com os outros países, em suma, com a sua própria história. Isso a psicanálise chama de “inventar o que fazer com o seu sintoma”, para sofrer menos e ter um maior domínio sobre aquilo que “é mais forte do que eu”, posto que inconsciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto o indivíduo quanto a instituição, são fundados por um discurso e também por um desejo que os constitui e que servem de alicerce para a sua existência. O discurso que sustenta a UNILA está baseado no ideal de uma América Latina integrada e em constante desenvolvimento, o que a diferencia de todas as outras instituições de ensino superior do país. Toda a concepção da universidade foi pensada em torno do ideal de integração: a matriz curricular, a composição do corpo discente e docente, a escolha dos cursos, a construção do que a UNILA denominou “vocação institucional”, a localização física e o projeto do campus universitário.

Na trajetória traçada por essa pesquisa, encontrou-se que o discurso de vocação da universidade começou a tomar corpo a partir de 2008, com a instauração da comissão de implantação da universidade, mas, na realidade, reflete os mais de duzentos anos de história do projeto de integração da América Latina. Resgatando-se a história do projeto integracionista, pode-se constatar que o discurso de vocação da UNILA foi construído a partir dos princípios que norteiam o MERCOSUL, um bloco que inicialmente possuía um caráter econômico, mas que foi ganhando contornos sociais ao longo de sua existência. O MERCOSUL constitui-se em um dos maiores passos na história da integração latino-americana e, um dos seus documentos fundamentais, O Plano Estratégico de Ação Social (PEAS), foi essencial para compreender o discurso oficial da UNILA, pois ali encontram-se muitos dos princípios que norteiam esse discurso. Pôde-se perceber, ainda, no decorrer do trabalho, que há controvérsias sobre a origem da expressão ‘América Latina’, bem como uma dificuldade de consenso sobre o que o termo significa.

A história da integração latino-americana foi resgatada por ser a base que fundamenta o discurso oficial da UNILA, e percebeu-se que essa história carrega, ao longo de mais de 100 anos, o ideal bolivariano que instituiu o projeto de integração regional. Tal projeto inicialmente possuía um caráter de defesa da soberania nacional (em relação às metrópoles), tendo migrado mais tarde para uma fase de cunho mais econômico. Constatou-se que o Brasil envolveu-se tardiamente na defesa do projeto de integração latino-americana, o qual somente passou a ser um eixo estruturador de sua política externa a partir dos anos 80 (oitenta). Cabe ressaltar que, durante todo o estudo da história da integração, percebeu-se uma grande dificuldade dos países da região em comprometer-se com projeto integracionista.

A pesquisa demonstrou que os pilares ideológicos do projeto de integração latino-

americana coincidem com as ideologias dos governos de esquerda, inclusive no que se refere ao Partidos dos Trabalhadores, ao qual pertencia o ex-presidente, em cujo mandato a UNILA foi criada. A referência da UNILA à Reforma de Córdoba como uma de suas raízes, permitiu compreender o elo existente entre esse movimento, o projeto integracionista, o MERCOSUL, os governos de esquerda e a ideologia anti-imperialista. Durante essa trajetória, viu-se que a queda sistemática dos governos de esquerda na América Latina pode representar um empecilho ao projeto de integração latino-americana.

A partir da Psicanálise, pôde-se trabalhar o projeto de integração como um ideal baseado na ideia do ‘todo’, segundo a qual as diferenças poderiam ser incorporadas e superadas, formando algo único, consistente e coeso. Entretanto, contrapôs-se a esse ideal a noção psicanalítica de ‘falta’, a qual demonstra que é impossível extinguir as diferenças, até mesmo conciliá-las por completo, já que há uma tendência estrutural do ser humano em afastar de si aquilo que é estranho e, por isso, ameaçador.

A psicanálise aplicada foi o método utilizado para analisar os discursos, já que empresta os conceitos da clínica para lançar um olhar diferenciado sobre as instituições. A teoria mostrou a importância do resgate da história da UNILA como fator fundamental na compreensão da sua estrutura, a qual lhe traz vida e a faz única. A escolha do método utilizado exigiu que se buscasse, através do confronto dos discursos, as contradições e tropeços existentes na história institucional. Nesse caminho, o discurso foi entendido enquanto uma cadeia de significantes articulados e provisoriamente ligados entre si, configuração que pode ser alterada através do processo de deslizamento significante. A análise realizada procurou identificar quais significantes (possivelmente recalcados) são importantes na história da UNILA e na produção dos seus tropeços, tomados como sintomas institucionais.

A interpretação dos discursos levou em conta como a história da universidade é contada pelo discurso oficial e pelos TAE's, apontando-se as contradições discursivas, e interrogando-se aquilo que, nas práticas institucionais, se configura como ‘óbvio’. Em momento algum a interpretação dos discursos visou fixar um significado sobre o que estava sendo dito pelos entrevistados, mas, antes, oferecer a possibilidade da construção de um outro olhar sobre a história da UNILA e sobre as dificuldades que a instituição enfrentou (e ainda enfrenta) durante os anos de sua fundação. A teoria permitiu compreender que uma instituição, tal qual o sujeito, tende a reproduzir os mesmos atos e tropeços ao longo de sua história, os quais terminam por nortear a sua existência. Buscou-se identificar durante a pesquisa, a quais significantes e sintomas a UNILA permanece presa e que dificultam o seu

desenvolvimento institucional.

De acordo com a teoria psicanalítica, o único caminho para se ter acesso ao inconsciente é através das formações de compromisso (formações do inconsciente). Durante a análise dos dados, trabalhou-se com duas dessas formações, os sintomas e os chistes, conforme apareceram no discurso dos TAE's sobre o projeto de integração. Nessa trajetória o sintoma apareceu como aquilo que traz prejuízos à instituição, sendo sempre fruto de uma falha na função paterna (relação com a lei) e a forma com que a instituição consegue suprir essa falta. Assim, demonstrou-se a importância da estruturação dos sintomas para que a UNILA pudesse lidar com as suas faltas e continuar existindo. A outra formação de compromisso estudada foi o chiste, que é um jogo de ideias através do qual torna-se possível falar sobre algo censurado, conectando-se ideias dessemelhantes – o que produz riso.

Toda a análise do discurso foi construída sobre o conceito psicanalítico de repetição, pois foi buscado nos discursos aquilo que se repetia, especialmente no que tange aos tropeços institucionais. Os subcapítulos em que a análise dos dados foi dividida refletem os significantes que se repetiram no discurso, associados ao projeto de integração da universidade.

Durante as entrevistas realizadas, a dimensão política do projeto UNILA apareceu presente tanto nos documentos oficiais da universidade quanto nos discursos dos TAE's, os quais deixam claro que a instituição tem como projeto principal 'educar para a integração'. A dimensão política do projeto da universidade fica evidente no discurso dos técnicos quando falam sobre o medo de que o projeto da universidade seja afetado pela mudança de governo que, após o impeachment da presidente Dilma Rousseff, não está mais nas mãos de um partido de esquerda.

O discurso oficial coloca a formação de uma cultura da integração (práxis integradora) como uma das formas de construção do projeto universitário. No entanto, identificou-se que os próprios documentos oficiais não trazem esclarecimentos suficientes sobre o histórico da formação do projeto de integração latino-americana. Da mesma forma, segundo os TAE's, nunca houve um esforço institucional significativo para levar esses conhecimentos aos servidores da universidade. Através do discurso dos TAE's, pôde-se perceber que há um sentimento de distanciamento para com o projeto da instituição, já que entendem que os alunos e professores estão muito mais próximos desse projeto do que eles.

Os dois discursos analisados nessa pesquisa afirmam a presença da democracia na construção dos documentos oficiais e a existência da diversidade cultural dentro da Universidade. Há discordâncias entre os TAE's quanto a capacidade da instituição em colocar

em prática os princípios de respeito à diferença e do pluralismo de ideias (embora todos reconheçam a presença desses valores no discurso oficial). Quanto à solidariedade, houve uma maior coesão no discurso dos TAE's, pois apesar de uma ou outra divergência, a maioria deles reconhece a presença desse valor entre os grupos da universidade, especialmente entre os alunos. Mais de uma vez, a extensão da universidade apareceu no discurso dos TAE's como tendo um papel importante na consolidação de todos esses princípios institucionais. Contrariando o discurso oficial, os TAE's demonstraram que um dos grandes impactos da diversidade na instituição é a dificuldade de se chegar a um consenso comum na tomada de decisões. Durante a pesquisa, esse fator pôde ser associado, inclusive, à própria dificuldade histórica enfrentada pelo projeto de integração, já que os países da região também encontram obstáculos em lidar com a diversidade de interesses entre eles.

Uma das questões mais importantes levantadas pelos TAE's nas entrevistas foi a relação que a Universidade mantém com a lei, já que a legislação vigente não comporta a existência de uma instituição inovadora (e de caráter internacional) como a UNILA. Segundo eles, muitos dos aspectos do projeto são 'freados' ou dificultados por não haver amparo legal na execução dos mesmos. Um dos exemplos que apareceram no discurso sobre o assunto, foi destituição da 'paridade' que havia sido instituída no Conselho Universitário (CONSUN), a qual vinha ao encontro dos princípios institucionais, mas foi "derrubada pela letra fria da lei". Outro assunto bastante presente no discurso dos TAE's, e que se relaciona com a forma com que a universidade lida com a lei, é a relação que a mesma construiu com seus alunos, já que a universidade enfrentou muitos problemas por uma ausência de regimento disciplinar interno, inclusive nas moradias estudantis. Todos os TAE's afirmaram que essa problemática impactou na imagem negativa que a UNILA possui (ou possuía) frente à comunidade local.

Segundo os TAE's, outro aspecto que trouxe vários problemas para a UNILA foi a forma com que a universidade inicialmente foi divulgada no exterior, buscando captar alunos através de "promessas" que mais tarde não puderam ser cumpridas – notadamente no que diz respeito ao fornecimento de benefícios estudantis. Durante as entrevistas, os TAE's afirmaram que a UNILA até hoje sofre cobrança dos órgãos de controle (TCU) pela distribuição indiscriminada de benefícios aos alunos (no que tange as primeiras turmas). No discurso dos TAE's essa questão aparece ligada à evasão escolar, pois os mesmos inferem que vários alunos deixaram a universidade no momento que o benefício estudantil que recebiam foi cortado.

Cabe ressaltar que a Portaria Normativa (nº 39) que trata do Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES foi instituída em dezembro de 2007, mas em julho de 2010

(ano de ingresso das primeiras turmas da UNILA) ela foi alterada pelo decreto 7.234, através do qual o PNAES ganhou um instrumento jurídico mais consistente. Entre as inovações do decreto a principal alteração é a restrição ao acesso dos benefícios, já que o documento institui como público prioritário os estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou aqueles com renda familiar *per capita* de até um salário mínimo e meio (IMPERATORI, 2017, p 294-295). Apesar da restrição ao acesso estar especificada apenas no decreto de 2010, a portaria normativa de 2007 já determinava que os alunos beneficiados por auxílios fossem selecionados por critérios socioeconômicos.

Dessa forma, novamente aparece o sintoma da deficiência de planejamento institucional, já que a universidade não exigiu desde o início uma avaliação socioeconômica dos alunos, a qual deveria ter sido realizada antes da vinda dos alunos para o Brasil (PDI, p. 56). Quanto à evasão, ela pode ser considerada um dos importantes sintomas institucionais, à medida que impede o alcance da missão da universidade e fragiliza os resultados da instituição.

No que tange a relação da UNILA com a sociedade, há uma divergência entre o discurso oficial (sobre uma relação próxima com a sociedade) e o discurso dos TAE's, já que, segundo estes, a UNILA possui uma relação difícil com a comunidade, que ainda não valoriza ou aceita bem a presença da universidade na cidade. Os problemas causados pelos alunos na cidade aparecem como uma das origens dessa relação conflituosa, além da dificuldade da sociedade em acolher um projeto tão diferenciado quanto o da UNILA, bem como as pessoas que vem de outros países (com outras culturas).

Em relação as instituições parceiras da UNILA, viu-se que, apesar de seu caráter inovador, a UNILA foi gerida nos primeiros anos de fundação por uma universidade tradicional e centenária (UFPR). Tanto a UFPR quanto a Usina Hidrelétrica de Itaipu apareceram no discurso dos TAE's como grandes viabilizadoras da implantação da UNILA. Apesar da Usina de Itaipu aparecer no discurso dos TAE's associada à figura de uma mãe, pôde-se notar que há um histórico de conflitos entre as duas instituições, que apareceu associado à postura da UNILA frente a sua parceira.

Quanto ao relacionamento interpessoal entre os grupos da universidade, também houve divergências entre os discursos oficiais e dos TAE's. Segundo os técnicos, houve uma fase inicial, na qual os grupos se relacionavam muito bem e de forma cooperativa, mas ela foi substituída por uma segunda fase, na qual o relacionamento interpessoal é povoado por brigas e divisões. Os TAE's recorrentemente associam a atual divisão de infraestrutura como um dos fatores determinantes nessa alteração do clima organizacional. Ainda sobre o relacionamento

interpessoal, o conflito relacionado ao Conselho Universitário (paridade) apareceu como um dos grandes marcos na divisão interna entre os grupos da universidade (docentes, discentes e TAE's), pois, a partir dele, a universidade paralisou/atrasou muitas decisões importantes para o desenvolvimento institucional. Cabe ressaltar que a disputa no CONSUN foi um conflito interno que ganhou proporções judiciais, por iniciativa de alguns dos próprios agentes da instituição. Portanto, em contraposição ao discurso oficial, os TAE's afirmam que a UNILA não conseguiu criar uma cultura interna de integração, já que há o predomínio de uma cultura individualista na universidade.

Finalmente, no que diz respeito aos sintomas institucionais, pôde-se identificar que um dos grandes (se não o maior) tropeços, ao qual a universidade permanece presa até hoje, refere-se a área do planejamento institucional. Apesar de a UNILA afirmar que essa área é uma prioridade da universidade, o discurso dos técnicos foi unânime, mostrando que a maior parte das decisões da universidade são tomadas (e colocadas em prática) às pressas. No discurso dos TAE's sobre o tema, é possível perceber uma angústia causada pelo sintoma da ausência/deficiência de planejamento, o que apareceu mais de uma vez em forma de chistes sobre o assunto. Esses chistes são conhecidos e partilhados entre os grupos da universidade: são expressões ou apelidos que surgiram em decorrência de situações constrangedoras que a universidade enfrentou.

Outro sintoma que aparece associado à deficiência de planejamento, é o atraso nos processos internos e no desenvolvimento institucional. O atraso aparece ao longo da história da universidade em temas que vão desde o benefício estudantil até a produção de documentos institucionais; do desenvolvimento dos cursos de pós-graduação e na construção das moradias e do campus universitário. O atraso aparece também ligado a outro importante sintoma institucional que pôde ser observado: a ausência do reconhecimento no exterior dos diplomas expedidos pela Universidade. Esse sintoma demonstra a dificuldade no diálogo da UNILA com outros países e pode estar até mesmo associado à dificuldade do envolvimento desses com o projeto de integração latino-americana. Esse sintoma é de grande relevância porque impacta diretamente nos resultados e no alcance dos objetivos (e da missão) da universidade.

Outro ponto unânime no discurso dos TAE's é a constatação de que a paralisação das obras do campus universitário é um dos maiores pontos críticos/problemas que a universidade enfrenta, já que impacta no desenvolvimento institucional e na imagem da universidade frente à sociedade. Essa dificuldade em levar à cabo um projeto que representa o conceito da universidade pode ser vista como um tropeço institucional relevante, o qual aparece associado no discurso também com o preconceito das pessoas sobre tudo aquilo que é fora do comum

(sendo o projeto inovador). Novamente nesse assunto aparece a dimensão política relacionada à UNILA, através do fantasma de que, com a troca de governo, a obra do campus seja definitivamente encerrada.

Apesar da análise do discurso ter encontrado diversos tropeços institucionais que podem ser vistos como sintomas, foi possível compreender que foi através deles que a UNILA conseguiu minimamente se organizar, levar adiante o seu projeto institucional e sobreviver, apesar das suas faltas. Pôde-se perceber que a UNILA, assim como todas as instituições, enfrenta dificuldades que lhe são estruturais, como ter nascido como um projeto político de governo, estar baseada numa ideologia que possui dificuldades históricas de concretização (integração), possuir um caráter inovador apoiado em uma legislação tradicional e ter sido concebida sobre o significante da ‘urgência’ e da ‘diversidade’ (com toda a complexidade que esse conceito comporta).

Como resultado da análise, pôde-se pensar que seria um trabalho valioso para instituição se ela pudesse assumir seus tropeços como sintomas a serem ressignificados, de forma com que pudesse manter uma relação transformadora com a sua própria história. A UNILA ainda hoje enfrenta dificuldades com o estreitamento do laço com o atual governo, com a sociedade, com seus grupos internos e com os outros países da América Latina. Como forma de encarar essas dificuldades, parece importante que a UNILA possa repensar a sua cultura interna de integração, bem como o fortalecimento dos laços entre a instituição e seus servidores, de forma com que todos possam sentir-se parte do projeto institucional (e não meros carimbadores de papel). Tudo isso faz parte de um cenário que pode ser pensado pela UNILA sobre a sua própria história, o que pode fornecer uma chance da instituição mudar o relacionamento que possui com os seus sintomas (tropeços).

Como um balanço final sobre a pesquisa, considera-se que os objetivos pretendidos puderam ser alcançados, já que o confronto entre o discurso oficial e o discurso dos TAE’s permitiu identificar significantes importantes na história da universidade, notadamente aqueles relativos ao projeto de integração (considerada em sua dimensão interna, em relação à sociedade e aos demais países da América Latina). Da mesma forma, foi possível entender a trajetória da construção do discurso de vocação da UNILA e a forma com que ele impacta nas práticas e tropeços institucionais. Outro ponto fundamental no método escolhido, e que pôde ser pontuado, foi a presença de sintomas institucionais que se repetem na história da UNILA e que impedem ou dificultam o desenvolvimento institucional.

A maior limitação encontrada na metodologia escolhida foi a possibilidade de ouvir o discurso de apenas um dos grupos da universidade (a amostra é representativa apenas em

relação ao número de ingressantes no primeiro concurso, e não em relação ao total de TAE's que trabalham na instituição), e acredita-se ser importante o confronto do discurso oficial também com o discurso de docentes e discentes. Embora haja limitação da realização de uma pesquisa englobando uma amostra tão grande de sujeitos, obviamente o discurso da comunidade e dos outros países da região sobre a UNILA também são bastante relevantes. Como sugestão para o aprofundamento deste trabalho, acredita-se que, em primeiro lugar, seja fundamental incluir no confronto dos discursos as opiniões de docentes e alunos sobre o projeto institucional.

REFERÊNCIAS

A democratização e expansão da educação superior no país 2003 – 2014. In: **Ministério da Educação (MEC)**, 2014. Página da web. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma universidade latino-americana. Página da web. Disponível em: <http://www.gr.unicamp.br/ceav/revistaensinosuperior/ed03_junho2011/pdf/10.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2017.

ALMEIDA, Leonardo Pinto de; ATALLAH, Raul Marcel Filgueiras. O conceito de repetição e sua importância para a teoria psicanalítica. **Ágora**, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, julho/dezembro de 2008.

ALMEIDA, Paulo Roberto. A Política Externa do novo Governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva – retrospecto histórico e avaliação programática. **Revista Brasileira de Política Internacional**. Brasília, v.45, n.2, julho/dezembro de 2002.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio de 1991.

ALVES FILHO, Olinto Silveira. As dinâmicas sociais e a integração latino-americana no contexto dos governos de esquerda. **Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS**. Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS Universidade Federal de Sergipe – UFS, 27 a 29 de abril de 2016.

América Independente: Simón Bolívar foi personagem principal. In: **Educação Uol**. Página da web. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/america-independente-1-simon-bolivar-foi-personagem-principal.htm>>. Acesso em 29 de setembro de 2016.

A universidade da integração: UNILA recebe 83 alunos haitianos e amplia para 12 o número de nacionalidades em suas salas de aula. In: **Revista Carta na Escola**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/carta.pdf>>. Acesso em 06 de junho de 2017.

BAGGIO, Danielle. Existe saída para com/pulsão a repetição? *Revista Entrelinhas*, v. 1, n. 1, 2013. EXISTE SAÍDA PARA COM/PULSÃO A REPETIÇÃO? **Revista Entrelinhas**, CESMAC, v. 1, n. 1, 2013.

BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho; RAMOS, Manuela Aparecido Nalio. O Novo Perfil da Secretária Executiva. **Revista PIBIC**, v. 1, n. 1, p. 155-168, 2004.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **O arquivista na sociedade contemporânea**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

Bilinguismo. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticia/bilinguismo-1>>. Acesso em 23 de

maio de 2017

_____. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/es/node/910>>. Acesso em 29 de maio de 2017.

Braga, M.B. Juan Bautista Alberdi: pensamento econômico de um liberal latino-americano no século XIX. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 1 (50), p. 1-31, abril de 2014.

Brasil/Paraná/Foz do Iguacu. In: **IBGE**. Página da web. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/foz-do-iguacu/panorama>>. Acesso em 01 de junho de 2017.

BRAVO, Sierra. **Técnicas de investigação social: Teoria e ejercicios**. 7 ed. Madrid: Paraninfo, 1991.

BUENO, Clodoaldo; RAMANZINI JUNIOR, Haroldo; VIGEVANI, Tullo. Uma Perspectiva de Longo Período sobre a Integração Latino-americana Vista pelo Brasil. **Contexto internacional**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, julho/dezembro de 2014.

Campus da UNILA também será atração turística em Foz do Iguacu. In: **Último Segundo**. Página da web. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/campus-da-unila-tambem-sera-atracao-turistica-em-foz-do-iguacu/n1237830320918.html>>. Acesso em 01 de junho de 2017.

Carro de universidade federal é flagrado dentro de motel no Paraná. In: **Revista Época**. Página da web. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Brasil/noticia/2011/12/carro-de-universidade-federal-e-flagrado-dentro-de-motel-no-parana.html>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

CASTANHO, Pablo de Carvalho Godoy. A. Instituição dentro de nós e as práticas institucionais em Psicanálise. In: **18º Congresso Latino-americano FLAPAG e X Simpósio CEFAS**, 2009, Campinas. Práticas Insitucionais na América Latina: Casal, Família, Grupos e Comunidade. ANAIS, p. 26-31.

CASTRO, Julio Cesar Lemes. O INCONSCIENTE COM LINGUAGEM: DE FREUD A LACAN. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, PUC São Paulo, Unesp São Paulo, v. 7, n. 1, julho de 2009.

Comunicación de Bolívar para El señor Juan Martín Pueyrredón, supremo director de las Provincias Unidas Del Río de La Plata. Página da web. Disponível em: <<http://www.formacion.psuv.org.ve/wp-content/uploads/2010/08/COMUNICACIÓN-DE-BOLÍVAR-A-PUEYRREDÓN-MAR-DEL-PLATA.pdf>>. Acesso em 30 de outubro de 2017.
COSTA, Flavio Moreira. Una flor misteriosa, solitária, na imensidão da América Adormecida. In: **Os melhores contos da América Latina**. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 13-14 e 16.

Construção do campus. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-**

Americana. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticia/constru%C3%A7%C3%A3o-do-campus>>. Acesso em 05 de junho de 2017.

Cronologia. **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana.** Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/cronologia>>. Acesso em 15 de junho de 2017.

DABÈNE, Olivier. A quarta onda de regionalismo. In: QUENAN, Carlos; VELUT, Sébastien (Org.). JOURCIN, Eric (Coord.). **Os desafios do desenvolvimento da América Latina: dinâmicas socioeconômicas e políticas públicas.** GIRARD, Manuel; RUBIO, Pascal; SCHILLING, Cláudia (Trad.). 2ª ed., Paris: IdA – InstitutdesAmériques/AFD - Agence Française de Développement, 2014, p. 64-95. Disponível em: <http://www.afd.fr/jahia/webdav/site/afd/shared/PUBLICATIONS/RECHERCHE/Scientifique/s/A-savoir/24-VP-A-Savoir.pdf>. Acesso em 05 de julho de 2016.

D'AGORD, M. O inconsciente na sala de aula. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica.** Rio de Janeiro, v.5, n.1, janeiro/junho de 2002.

Decisão Judicial: UNILA é intimada a adequar composição do CONSUN e demais órgãos colegiados. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana.** Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/decisao-judicial>>. Acesso em 07 de junho de 2017.

Deputado Sérgio Souza formaliza retirada de emenda que acabaria com a Unila. In: **Cultura.** Página da web. Disponível em: <<https://www.radioculturafoz.com.br/2017/08/16/deputado-sergio-souza-formaliza-retirada-de-emenda-que-acabaria-com-a-unila/>>. Acesso em 16 de outubro de 2017.

Diário Oficial da União (DOU), seção 2. Página da web. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=2&pagina=24&data=18/10/2010>>. Acesso em 03 de julho de 2017.

Dias, Maria das Graças Leite. **O sintoma:** de Freud à Lacan. Psicologia em Estudo. Maringá, v. 11, n. 2, p. 399- 405, maio/agosto de 2006.

Dicionário Michaelis – Michaelis Online. Página da web. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=&t=&palavra=integra%C3%A7ao>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante aula inaugural da Unila e cerimônia de assinatura do decreto de criação da Comissão de Desenvolvimento e Integração da Faixa de Fronteira Foz do Iguaçu – PR. Página da web. Disponível em: <[file:///C:/Users/CarlosCesar/Downloads/02-09-2010-Discurso%20do%20Presidente%20da%20Republica%20Luiz%20Inacio%20Lula%20da%20Silva%20durante%20aula%20inaugural%20da%20Unila%20e%20cerimonia%20de%20assinatura%20do%20decreto%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/CarlosCesar/Downloads/02-09-2010-Discurso%20do%20Presidente%20da%20Republica%20Luiz%20Inacio%20Lula%20da%20Silva%20durante%20aula%20inaugural%20da%20Unila%20e%20cerimonia%20de%20assinatura%20do%20decreto%20(1).pdf)>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Revista Curitiba,** n. 24, p. 213-225, 2004.

Em cinco anos, número de alunos da UNILA aumentou 11 vezes. In: **A Gazeta do Iguazu**. Página da web. Disponível em: <[https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(11\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(11).pdf)>. Acesso em 06 de maio de 2017.

ENRIQUEZ, Eugene. O vínculo grupal. In: MACHADO, Marília Novais da Mata et. tal. (orgs.). **Psicosociologia: análise social e intervenção**. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.

Estrutura organizacional – Modelo organograma UNILA. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/Modelo%20Organograma%20UNILA%20.pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

Estudante equatoriano morre em Foz do Iguazu (PR). In: **Jornal Estadão**. Página da web. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,estudante-equatoriano-morre-em-foz-do-iguacu-pr,872904>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

FERREIRA-LEMOS, Patrícia do Prado. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP; FIGUEIREDO, P; BRASILINO, J. (orgs.). **Psicologia social e personalidade**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, p. 89-108, 2011.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do Discurso e Psicanálise: uma estranha intimidade. **CORREIO APPOA. PSICANÁLISE, LINGÜÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO**. Porto Alegre, n. 131, p. 37-51, dezembro de 2004.

FIGUEIREDO, Alexandre Ganan de Brites. **Simón Bolívar: uma persistência latino-americana'** 23/11/2015 323 f. Doutorado em INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes, Biblioteca do Memorial da América Latina e PROLLAM.

Foz do Iguazu e a Região Trinacional. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/conteudo/foz-iguazu-e-regiao-trinacional>>. Acesso em 01 de junho de 2017.

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVIII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1920.

_____. **O estranho**. Volume XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1919.

_____. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise) In: **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (1911-1913). Volume XII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1914.

_____. **Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VIII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1905.

_____. **Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana.** A Edição Stadard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VI. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1901.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IMPERATORI, Thaís Kristosch A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. **Revista Serviço Social e Sociedade**, v. 27, n. 129, p. 285-303, maio/agosto de 2017.

Infraestrutura – UNILA transfere almoxarifado do prédio da Avenida JK para imóvel no Portal da Foz. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana.** Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/infraestrutura-5>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

Iniciativa America Latina – Por uma América Latina verdadeiramente integrada. In: Instituto **Lula.** Página da web. Disponível em: <<http://institutolula.org/america-latina/iniciativa>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

Instituto dos Auditores Internos do Brasil (IIA). Página da web. Disponível em: <<http://www.iiabrasil.org.br/new/IPPF.html>> Acesso em 18 de janeiro de 2017.

Instituto Mercosul de Estudos Avançados – Foz do Iguaçu (IMEA). Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-americana. Foz do Iguaçu: IMEA, 2009.

Instituto Mercosul de Estudos Avançados- FozdoIguaçu (IMEA). UNILA: consulta internacional: contribuições à concepção, organização e proposta político- pedagógicadaUnila, 2009b.

Júri condena a 18 anos de prisão acusado de matar estudante da Unila, em Foz do Iguaçu. In: **Globo.com.** Página da web. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/juri-condena-a-18-anos-de-prisao-acusado-de-matar-estudante-da-unila-em-foz-do-iguacu.ghtml>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

LACAN, Jacques. **Le séminaire, livre XXIII: lesinthome.** Paris: Seuil, 2005.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. Função e campo da fala e da linguagem. In: LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Écrits.** Paris: Seuil, 1966.

_____. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. O Seminario, livro 11.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1964.

Lançamento do primeiro livro da Editora da UNILA. In: **H2FOZ**. Página da web. Disponível em: <<http://h2foz.com.br/pt/noticias/educacao/evento-nesta-quinta-feira-marca-lancamento-do-primeiro-livro-da-editora-da-unila-36614>>. Acesso em 11 de novembro de 2016.

LAPLANCHE, Jean. **O inconsciente e o id**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LOPARIC, Zeljiko. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. **Revista Percurso**, Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, n. 17, v. 2, 1996. Página da web. Disponível em: <http://revistapercurso.uol.com.br/pdfs/p17_texto08.pdf>. Acesso em 02 de agosto de 2017.

MARIANI, Bethania. Imaginário Linguístico: análise do discurso e psicanálise. **Correio APOA. Transmissão e Formação**. Porto Alegre, n. 132, p. 33-41, janeiro de 2005.

MASSAROLI, Letiele; ZERBIELLI, Daiana. A importância do vínculo materno na construção do Eu e do Não-eu. **Revista Brasileira de Psicoterapia**. p.73-85, 2017. Página da web. Disponível em: <www.rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=222>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

MAZZILLI, Sueli. Ensino, Pesquisa e Extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 27, n. 2, p. 205-221, maio/agosto de 2011.

MEZAN, Renato. **Interfaces da Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Bahia: Biblioteca – Agente, 1998.

_____. **Lacan Elucidado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Estatuto**.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA. **Regimento geral da Universidade**. Foz do Iguaçu, 2013.

MIRANDA, Samir Perrone de; Ribeiro, Camille Amorim Leite. A América do Sul na política externa de Dilma Rousseff: continuidades e rupturas. **1º Seminário Internacional de Ciência Política**. UFRGS. PORTO ALEGRE. 9 a 11 de setembro de 2015.

MELLO, Bianca Novaes de. **Chiste: a produção de sentido pelo não-sentido**. 01/02/2004 81 f. Mestrado em TEORIA PSICANALÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: CFCH.

Moções de apoio - Instituições nacionais e internacionais de diversas áreas manifestam-se em

favor da UNILA. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/mocoos-apoio>>. Acesso em 01 de agosto de 2017.

MORAIS, Marília Brandão Lemos. Humor e Psicanálise. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n. 31, outubro de 2008. **Página da web**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0103437200800010014>>. Acesso em 25 de novembro de 2017.

Obras do alojamento estudantil e para proteção das estruturas do campus têm início na próxima semana. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/infraestrutura-12>>. Acesso em 05 de junho de 2017.

OCARIZ, Maria Cristina. **O Sintoma e a Clínica Psicanalítica – o curável e o que não tem cura**. São Paulo: Via Lettera Editora, 2003.

Paridade Universitária em debate. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/paridade-universit%C3%A1ria-em-debate>>. Acesso em 07 de janeiro de 2018.

PDI UNILA 2013-2017. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/PDI%20UNILA%202013-2017.pdf>>. Acesso em 31 de julho de 2017.

Plano Estratégico de Ação Social do MERCOSUL (PEAS). Políticas Sociais no MERCOSUL: a igualdade como uma prioridade política. Tekoha: Assunção, 2012.

Portaria nº 43, de 17 de janeiro de 2008. In: **Ministério da Educação (MEC)**. **Página da web**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/portaria43.pdf>>. Acesso em 23 de maio de 2017.

Primeira turma de formandos. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/noticias/primeira-turma-formandos>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

Professor Gustavo Oliveira Vieira assume como novo reitor pro tempore da Unila. **Página da web**. Disponível em: <https://www.radioculturafoz.com.br/2017/06/14/professor-gustavo-oliveira-vieira-assume-como-novo-reitor-pro-tempore-da-unila/>. Acesso em 15 de maio de 2018.

Projeto assinado por Lula cria em Foz a UNILA. In: **ITAIPU Binacional**. **Página da web**. Disponível em: <[HTTPS://WWW.ITAIPU.GOV.BR/SALA-DE-IMPRESA/NOTICIA/PROJETO-ASSINADO-POR-LULA-CRIA-EM-FOZ-UNILA](https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/projeto-assinado-por-lula-cria-em-foz-unila)>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

PROJETO DE LEI. **Página da web**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/539906.pdf>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

Projeto Oscar Niemeyer. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/conteudo/projeto-oscar-niemeyer>>. Acesso em 01 de junho de 2017.

RABUSKE, Anelise Scheuer. **O Chiste, o Humor e Algumas Relações com os Mecanismos dos Sonhos**. Artigo apresentado na Jornada de Estudos do CirculoPsicanalitico do RS. 16 de julho de 2011.

Reitor agradece o apoio do Escritório Técnico UFPR-UNILA. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em:<<https://www.unila.edu.br/es/node/1714>>. Acesso em 05 de junho de 2017.

Reitor da UNILA deixa o cargo para assumir Secretaria da Fazenda em Sergipe. In: **Gazeta Diário**. Página da web. Disponível em: [https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(36\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(36).pdf). Acesso em 29 de janeiro de 2017.

RIBEIRO, Marianne Stolzmann Mendes. A Questão da Interpretação na Análise do Discurso e na Psicanálise: interseções. **CORREIO APOA. PSICANÁLISE, LINGÜÍSTICA E ANÁLISE DO DISCURSO**. Porto Alegre, n. 131, p. 25-36 dezembro de 2004.

Saiba mais sobre o Mercosul. In: **Mercosul**. Página da web. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercosul>>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

SALGADO, Rodrigo Souza; OLIVEIRA, Ana Carolina Vieira. **Modelos de integração na América do Sul: do Mercosul à Unasul**. 3º Encontro Nacional ABRI, 2011. Página da web. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000122011000100011&script=sci_arttext>. Acesso em 18 de janeiro de 2018.

SANTOS, Ricardo Soares Stersi dos. A Integração Latino-americana no século XIX: antecedentes históricos do Mercosul. **Revista Sequência**, n. 57, p. 177-194, dezembro de 2008.

Sala de Imprensa. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. **Página da web**. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/saladeimprensa/unilaemnumeros>>. Acesso em 05 de maio de 2017.

Seminário em Curitiba debate projeto da UNILA. In: **Clickfoz**. Página da web. Disponível em: <<http://www.clickfozdoiguacu.com.br/SEMINARIO-EM-CURITIBA-DEBATE-PROJETO-DA-UNILA/>>. Aceso em 06 de janeiro de 2018.

SETTINERI, Francisco. A interpretação entre a lingüística e a psicanálise. **Revista De um ao outro século: a psicanálise**. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 18, p. 24-36, junho de 2000.

SAFOUAN, Moustapha. **Seminário Angústia – sintoma – Inibição**. São Paulo: Papyrus, 1989.

Tempo para sonhar, tempo para fantasiar: um exemplo clínico de dissociação e integração. In: **Círculo Brasileiro de Psicanálise**. Página da web. Disponível em: <www.cbp.org.br/rev3016.htm>. Acesso em 30 de julho de 2017.

TRINDADE, Maria de Lourdes Aragão de Albuquerque. A estrutura de Linguagem do Inconsciente e os Novos sintomas. 01/04/2008 106 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA Biblioteca Depositária: UFPB.

Uma universidade Para a América Latina. Folder Unila. Página da web. Disponível em: <https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/Folder_UNILA_2016.pdf>. Acesso em 06 de janeiro de 2018.

Unasul - União das Nações Sul-americanas. Portal Mundo educação. In: **Mundo Educação**. Página da web. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/unasuluniao-das-nacoes-sulamericanas.htm>>. Acesso em 01 de fevereiro de 2017.

Unila terá novo curso de mestrado a partir de agosto. In: **Globo.com**. Página da web. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2014/04/unila-tera-novo-curso-de-mestrado-partir-de-agosto.html>>. Acesso em 06 de junho de 2017.

UNGIER, Aina Maria Moraes. **Humor por acaso. Uma Metapsicologia para o Humor**. 01/06/1997 137 f. Mestrado em TEORIA PSICANALÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO C.F.C.H.

Unidades Administrativas. Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais. In: **UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana**. Página da web. Disponível em: <<https://www.unila.edu.br/proint>>. Acesso em 05 de janeiro de 2018.

UNILA chega aos 7 anos comemorando avanços no processo de consolidação. In: **Gazeta Diário**. Página da web. Disponível em: <[HTTPS://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(34\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(34).pdf)>. Acesso em 06 de junho de 2017.

Unila e Uniamérica assinarão acordo de cooperação técnica. In: **Cultura**. Página da web. Disponível em: <<http://www.radioculturafoz.com.br/unila-e-uniamerica-assinarao-acordo-de-cooperacao-tecnica/#.WTareOvyvSE>>. Acesso em 06 de maio de 2017.

UNILA faz colação de grau de sete cursos. In: **Clickfoz**. Página da web. Disponível em: <<http://www.clickfozdoiguacu.com.br/unila-faz-colacao-de-grau-de-sete-cursos/>>. Acesso em 06 de maio de 2017.

UNILA tem desempenho positivo em recredenciamento no MEC. In: **A Gazeta do Iguazu**. Página da web. Disponível em: <[https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta\(24\).pdf](https://www.unila.edu.br/sites/default/files/files/gazeta(24).pdf)>. Acesso em 05 de maio de 2017.

Vídeo mostra agressão de policiais a estudantes da Unila. In: **Último Segundo**. Página da web. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2012-06-10/video-mostra-agressao-de-policiais-a-estudantes-da-unila.html>>. Acesso em 08 de junho de 2017.

ZIMERMAN, David. **Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2008.

ANEXO A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**



*Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP*

*Aprovado na
CONEP em
04/08/2000*



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Esclarecimentos

Por meio deste, apresentamos esclarecimentos quanto ao convite para participação como entrevistado no levantamento de dados produzido através da pesquisa “**Uma Universidade em Fund(ação)**”, o qual faz parte do Programa de Mestrado em Sociedade, Culturas e Fronteiras da UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu-PR, tendo como pesquisadora Carla da Conceição Mores Gastaldin e orientador Prof. Dr. Ivo José Dittich.

A pesquisa propõe a realização de entrevistas semi-estruturadas, com o objetivo de “Contrapor o discurso institucional da UNILA, referenciado nos principais documentos institucionais (PDI, PPP, Lei de criação da Unila, Estatuto e Regimento), ao discurso dos servidores Técnico-Administrativos em Educação, em relação ao projeto de integração”.

O período previsto para a realização da pesquisa se iniciou em março de 2016, com a duração de dois anos. A proposta inicial da entrevista de hoje é de uma coleta de dados para a produção da dissertação de mestrado a qual se refere à pesquisa “**Uma Universidade em Fund(ação)**”.

A importância desta pesquisa se justifica à medida que trata de realizar o estudo em uma instituição peculiar, fundada sobre o discurso da integração latino-americana e localizada (por isso) em uma fronteira trinacional. A instituição pesquisada também poderá se beneficiar dos resultados da pesquisa, pois através desta será possível remontar a história dos primeiros anos da universidade. Além disso, a UNILA pode utilizar-se dos dados coletados para uma análise sobre suas práticas, de forma a refletir se está no caminho apropriado para a concretização da missão institucional.

Os participantes da pesquisa serão submetidos a uma entrevista semi-estruturada, ou seja, cujas perguntas são pré-estabelecidas, permitindo no entanto que outras perguntas possam ser realizadas. O foco das perguntas será o projeto de integração latino-americana, tal qual foi descrito nos documentos oficiais da UNILA.

Todos os participantes são voluntários, sendo incluídos na pesquisa por livre e espontânea vontade, e qualquer participante poderá, a qualquer momento, desistir de participar, sem ônus ou comprometimento de qualquer natureza. Você não pagará nem receberá nada para participar da pesquisa.

Durante a realização da pesquisa alguns riscos mínimos poderão acontecer, tais como: cansaço e desconforto. Como forma de prevenir essas situações, você poderá interromper e propor a continuidade da entrevista em outro momento, se assim desejar. Da mesma forma, pode recusar-se a responder as perguntas que lhes causem constrangimentos de qualquer natureza. A pesquisadora responsável disponibilizará indenização caso haja dano comprovado ao participante desta pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas por meio de ligação telefônica para a pesquisadora Carla da Conceição Mores Gastaldin pelo telefone (45) 99106-1005 ou, ainda, pelo e-mail: carla.gastaldin@unila.edu.br

Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você. Os dados que serão fornecidos são confidenciais e serão divulgados apenas em congressos ou publicações científicas, não havendo divulgação de nenhum dado que possa lhe identificar. Esses dados serão guardados pelas pesquisadoras em local seguro e por um período de 5 (cinco) anos.

Se você tiver algum gasto pela sua participação nessa pesquisa, ele será assumido pela pesquisadora e reembolsado para você.

Este documento possui duas vias, uma permanecerá com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra será entregue a você, com as devidas assinaturas e datadas.

Consentimento Livre e Esclarecido

Após ter sido esclarecido sobre o objetivo, importância e o modo como os dados serão coletados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa “**Uma Universidade em Fund(ação)**”, através do Programa de Mestrado em Sociedade, Culturas e Fronteiras da UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu-PR, e autorizo a divulgação das informações por mim fornecidas em congressos e/ou publicações científicas desde que nenhum dado possa me identificar.

Foz do Iguaçu, _____ de 2017.

Assinatura do participante da pesquisa:

Nome

Declaração do pesquisador responsável

Como pesquisador responsável pela pesquisa “**Uma Universidade em Fund(ação)**”, através do Programa de Mestrado em Sociedade, Culturas e Fronteiras da UNIOESTE - Campus Foz do Iguaçu-PR, declaro que assumo a inteira responsabilidade de cumprir fielmente os procedimentos metodológicos e direitos que foram esclarecidos e assegurados ao participante desse estudo, assim como manter sigilo e confidencialidade sobre a identidade do mesmo. Declaro ainda estar ciente que na inobservância do compromisso ora assumido estarei infringindo as normas e diretrizes propostas pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde – CNS, que regulamenta as pesquisas envolvendo o ser humano.

Foz do Iguaçu, _____ de 2017.

Carla da Conceição Mores Gastaldin

ANEXO B
DECLARAÇÃO

DECLARAÇÃO

Eu, Eduarda Corvelli Coutinho, portadora do CPF: 100.605269-04, formanda em Letras/Inglês pela UNIOESTE – Foz do Iguaçu, Paraná, declaro para os devidos fins e efeitos, e para fazer prova junto à Pró-Reitoria do programa de Pós-Graduação Stricto Sensu – SOCIEDADE, CULTURA E FRONTEIRAS, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, que realizei a revisão gramatical/ortográfica e ajustes segundo as normas da ABNT da Dissertação de Mestrado intitulada: UMA UNIVERSIDADE EM FUND(AÇÃO): as contribuições da psicanálise para uma análise do discurso institucional , de autoria de Carla da Conceição Mores Gastaldin.

Por ser verdade, firmo a presente declaração:

Local, data e assinatura

APÊNDICE A
CARTA DE APRESENTAÇÃO

Carta de apresentação

Sr(a) _____ ,

Ao cumprimentá-lo(a) cordialmente, apresentamos a pesquisa “**Uma Universidade em Fund(ação)**”, que está sendo desenvolvida através do **Programa de Mestrado em Sociedade, Culturas e Fronteiras da UNIOESTE** - Campus Foz do Iguaçu-PR.

O objetivo da pesquisa proposta é contrapor o discurso institucional da UNILA, referenciado nos principais documentos institucionais (PDI, PPP, Lei de criação da UNILA, Estatuto e Regimento), ao discurso dos servidores Técnico-Administrativos em Educação, em relação ao projeto de integração.

No presente momento a pesquisa atingiu a etapa da coleta de dados, com a finalidade de produzir a dissertação de Mestrado. A coleta de dados será realizada **através de uma entrevista semi-aberta**, de forma que seja possível atingir o objetivo mencionado, ao passo que permita ouvir tudo aquilo que o servidor tem a dizer sobre o tema tratado.

Em decorrência do fato de o(a) sr(a) ter sido o(a) primeiro(a) servidor(a) TAE a entrar em exercício no cargo em que ocupa na UNILA, gostaríamos de convidá-lo(a) a participar da entrevista descrita acima, cuja previsão de duração é de 1 hora (ou 1 hora e 30 minutos). A entrevista será realizada conforme a sua disponibilidade de horário e o local será a própria UNILA (Edifício Lorivo), em uma sala reservada para esta finalidade.

Na ocasião da entrevista será assinado um **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**, autorizando que os dados coletados sejam utilizados para fins acadêmico-científicos. Cabe ainda ressaltar que **será mantido sigilo sobre a sua identidade**, já que seu nome não será mencionado (bem como qualquer outro fator que possa identificá-lo(a)) na pesquisa.

Antecipamos nossos agradecimentos pela sua atenção e pela colaboração com a pesquisa, assim como ficamos inteiramente à disposição para dirimir dúvidas ou enviar maiores informações, se necessário.

Caso seja possível contar com a sua colaboração, peço a gentileza de nos informar dias e horários em que estaria disponível para a entrevista.

Nos despedimos esperando contar com a sua generosa colaboração, para que nos conte a história da UNILA como você a conhece.

Atenciosamente,

Carla da Conceição Mores Gastaldin– Orientanda

Dr. Ivo Jose Dittrich– Orientador

APÊNDICE B
QUESTÕES PARA ENTREVISTA SEMI-ABERTA

* Lembre-se que as perguntas referem-se aos anos de fundação da UNILA, portanto pense em todos os anos ao responder a pergunta, inclusive os primeiros.

1. Me conte a história da UNILA da forma como você a conhece, incluindo tanto fatos positivos quanto negativos dos quais se lembra.
2. O que é a “integração latino-americana” e qual seu objetivo? (De onde surgiu, o que significa? Conhece o que os documentos da UNILA dizem a esse respeito?)
3. Como a instituição vivencia, na prática, o ideal de integração latino-americana?
4. Qual a relação da universidade com a sociedade e desta com a UNILA?
5. Como se deu a integração nesses anos entre os grupos dentro da universidade: alunos, TAES, professores, administração?
6. Quais os pontos críticos e conflitos que a Universidade enfrentou nesses anos de fundação?
7. A atuação cotidiana/prática da UNILA se fundamenta no pluralismo de ideias, no respeito à diferença e na solidariedade? (Estatuto, Título I art 2) (PDI Perfil institucional p. 8).